



RAÍZES



Ano XV - Nº 28

São Caetano do Sul

Dezembro de 2003

1966



1970



Nossa Capa

A foto de 1971, do fotógrafo José Honório de Castro, revela duas obras representativas das administrações de Oswaldo Samuel Massei.

A primeira é o antigo Paço Municipal, inaugurado em 19 de Março de 1961, de autoria do arquiteto Zenon Lotufo, legítimo representante da arquitetura moderna brasileira.

A segunda é a Praça dos Estudantes, remodelada e inaugurada em 25 de Julho de 1971. A praça

abrigava um obelisco que servia de marco e identificava os pontos cardeais da cidade. O projeto é de Jurij Solski e Mamor Sugo, ambos, na época, arquitetos da Diretoria de Obras e Serviços Municipais.

A duplicação da Avenida Goiás, em 1974, alterou o desenho da praça em nome de novas necessidades urbanísticas.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Ano XV - Número 28
Publicação semestral
Distribuição gratuita

ISSN 1415-3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dezembro de 2003

Avenida Augusto de Toledo, 255 - Sta. Paula
CEP 09541-520 – São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420
www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br e
raizes@fpm.org.br

Jornalista responsável
Alexandre Toler Russo
(MTb 33212)

Coordenação geral

Sônia Maria Franco Xavier

Redação

Fabiola Fioravante (digitalização de imagens)

José Roberto Gianello (pesquisa)

Maria Ap. M. Fedatto (secretaria e coordenação)

Paula Ferreira Fiorotti (assessoria)

Imagens

Antônio Reginaldo Canhoni (fotografia)

Neusa Schilaro Scaléa (capa e arte)

Jayme da Costa Patrão (ilustração)

Programação Visual e Paginação Eletrônica

Maria Antônia dos Reis-ME

Conselho Editorial

Aleksandar Jovanovic, Alexandre Toler Russo, Domingo Glenir Santarneckchi, Humberto Pastore, Jayme da Costa Patrão, João da Costa Faria, José Roberto

Gianello, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Rodrigues, José de Souza Martins, Sílvio José Buso, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), Valdenizio Petrolli, Yolanda Ascêncio.

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Ltda.

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Editorial

Raízes oferece ao leitor um conjunto de textos que, partindo de diferentes perspectivas, tenta compreender melhor o processo de formação e desenvolvimento de São Caetano do Sul e da região em que a cidade está inserida.

No Dossiê analisado nas próximas páginas, São Caetano do Sul é o pano de fundo de um processo político protagonizado pelos atos de Oswaldo Samuel Massei, no cargo de vereador, prefeito e deputado estadual, em sua trajetória desenhada desde 1949 até os anos 70.

Nos artigos temos desde a história da fazenda São Caetano até o aparecimento dos parques urbanos, num amplo resgate do processo de urbanização.

Depoimentos, memórias, personagens abrem um leque de informações e referências que vão desde a imigração até as lembranças do trabalho, das atividades religiosas, dos esportes e de lazer.

E, como artigos regionais, temos os brasões dos municípios do Grande ABC e arte Sacra em Mauá.

Enfim, procuramos diferentes facetas de uma mesma realidade, dando um colorido especial à história de nossa gente.

Raízes possui sua página na Internet, onde estão disponíveis para consulta os índices e os resumos de todos os artigos por nós publicados. Visite-nos em nosso endereço: www.fpm.org.br.

Sonia Maria Franco Xavier
Presidente

Resgate da Identidade

Luiz TORTORELLO(*)

É palavra comum que os brasileiros não preservam a memória histórica, estando por isso sujeitos a todos os modismos e novidades sem critério, discernimento ou julgamento crítico. Mas, em nossa cidade, demos início ainda na década passada a uma atitude que nos permite, atualmente, sabermos com segurança de onde viemos, o que fizemos e quais os caminhos melhores para nossa cidade. A Fundação Pró-Memória é hoje em dia, sem a menor dúvida, o grande pólo aglutinador de nossa identidade. E a revista Raízes, já na sua vigésima-oitava edição, sua expressão mais esmerada e confiável.

Quando relata a trajetória de líderes ou de pessoas comuns, edita exposições fotográficas de paisagens, fatos e movimentos, quando mostra a evolução de nossos símbolos cívicos ou de tendências artísticas, o processo de construção de nossas igrejas, monumentos e parques, Raízes nos informa a respeito de nossa saga, do trabalho das gerações para que pudéssemos, na atualidade, sermos considerados comunidade exemplar não apenas em nosso país, mas bem além de suas fronteiras.

Nada surge do acaso. Os níveis de qualidade de vida hoje alcançados falam de um trabalho secular, que atingiu seu ápice em nossos dias pela firme unidade entre a cidadania, a administração pública e, por consequência, falam da integridade e da coesão, da viabilidade e excelência dos nossos projetos futuros. Nossos imigrantes, ainda na estrutura do Brasil colonial, sonhavam muito alto, e transmitiram



essa fé poderosa aos que os sucederam. Herdeiros de tão sublime legado, os honramos ao materializar seus mais singelos anseios e melhores esperanças. Temos feito isso, agora com mais determinação, mais eficiência, mais vontade e, revivendo a trajetória, com sonhos ainda mais elevados.

Raízes é leitura amena e gratificante, ao mesmo tempo excitante e comovente, por nos colocar cara a cara com nossa verdade de forma clara e profunda, eloqüente e convincente. É um resgate necessário a todos os que querem saber quem são, como são, o que fazem e o porquê do que fazem, sem o que nada restaria de nossa identidade e, por isso, de nossas melhores esperanças para o futuro, ficando presos na mesmice e arbitrariedade das imposições. Porque, insisto, povo sem identidade é povo sem liberdade.

(*) Luiz Olinto Tortorello é professor, jurista e atual prefeito de São Caetano do Sul em terceira gestão

ÍNDICE

Dossiê



Ônibus que ligava a Av. Goiás ao bairro Cerâmica

5 *O vereador Oswaldo Samuel Massei (1949-1953)*

José Roberto GIANELLO

7 *Um ano de vacas magras, três anos de vacas gordas*

14 *São Caetano atinge seus limites*

18 *Um prefeito na Assembléia*

Alexandre Toler RUSSO

21 *Massei, o prefeito progressista*

José Odair da SILVA

24 *Memória Fotográfica Dossiê*

Artigos

Capela de Mauá, ano 1992



Regionais

31 *Arte Sacra em Mauá*

Luciana SENHORELLI e Cibele Margarete BIO

Artigos

34 *A transição entre a fazenda beneditina e o Núcleo Colonial em São Caetano (1862-1877)*

Cristina Toledo de CARVALHO

39 *Construção da Matriz Nova Sagrada Família*

Narciso FERRARI

43 *Um pequeno resgate da história dos parques urbanos de São Caetano do Sul*

Rogério ALVARENGA

51 *A estrutura política no Brasil colonial*

Ney de SOUZA

Depoimentos

54 *Mercedes Sanches Graça, descendente de imigrantes espanhóis*

Yolanda ASCENCIO



58 *Manoel Joaquim da Silva (Manezinho do Cadastro): 42 anos de serviço na Prefeitura*

61 *E o palhaço o que é? Não é mais...*

Leonilda Pilati C.P. VERTICCHIO

64 *Uma sociedade portuguesa, com certeza!*

Humberto Domingos PASTORE

Memória

67 *Férias escolares... Início do bate coco*

Duilio IANNACARO

69 *Cinquentenário da Escola de Desenho 28 de Julho*

Manoel Martins MARTINS

71 *A família Lodi*

Deives Manoel CAMARGO

Cultura

74 *A fotografia e a cidade IV*

Neusa Schilaro SCALÉA

76 *O escritor Nicola Perrella entre as Torbas de São Caetano*

Rui RIBEIRO



80 *Lúcio Pegoraro, entre razão e poesia: a arte e o trabalho de um artista/restaurador*

Monica IAFRATE

Personagens

85 *João Relá: 52 anos em São Caetano*

Esporte

Jogadores do São Cristovão Futebol Clube



87 *São Cristovão Futebol Clube: campeão amador em 1966*

94 *O prazer do gol*

96 *Organizando o Esporte*

Sonia Maria Franco XAVIER

Registro

98

Memória Fotográfica

104

O vereador Oswaldo Samuel Massei (1949 – 1953)

José Roberto GIANELLO (*)



Dossiê

Oswaldo Samuel Massei nasceu em São Caetano do Sul, no dia 27 de Agosto de 1921. Era filho de Francisco Massei e Ângela Alibrandi Massei.

Oswaldo Samuel Massei foi vereador na primeira legislatura do município, entre três de Abril de 1949 e três de Abril de 1953. Na época, era comerciante, e seguia os passos do pai, Francisco Massei, italiano, que chegara a São Caetano em 1908, com dois mil réis no bolso, e foi o primeiro cidadão a possuir um automóvel na cidade. Francisco Massei também foi o pioneiro no transporte coletivo em São Caetano. No início, com um veículo de tração animal, fazia a ligação entre Santo André e São Caetano do Sul. Depois, com uma linha de ônibus a gasolina, fazia a ligação entre Santo André e São Paulo.

A carreira política de Oswaldo Samuel Massei começou exatamente na época em que São Caetano do Sul se tornou independente de Santo André, após o vitorioso plebiscito de 24 de Outubro de 1948. Em primeiro de Janeiro de 1949 era instalado oficialmente o Município de São Caetano do Sul, com grande festividade. Celebrou-se uma missa em ação de graça, realizaram-se discursos políticos, queima de fogos, eventos artísticos etc. Nesse dia, o prefeito de Santo André, Antônio Fláquer, enviou como re-



Nesta foto, do final da década de 1920, o Sr. Francisco Massei – pai de Oswaldo Massei – é o segundo da esquerda para a direita, ao lado direito do segundo ônibus, que fazia a ligação entre a Av. Goiás e o bairro Cerâmica. Tal ônibus foi um dos pioneiros do transporte coletivo em São Caetano do Sul

presentante o sr. Carlos Pezzolo, que orientou os trabalhos oficiais realizados na Agência da Prefeitura de Santo André, localizada na esquina da Rua Pará com a Rua Rio Grande do Sul. A partir daí começaram as convenções partidárias, visando à criação das chapas políticas em função das eleições de 13 de Março de 1949, quando foram eleitos o primeiro prefeito e os primeiros 21 vereadores da Câmara Municipal.

O resultado da primeira eleição municipal em São Caetano do Sul foi a seguinte:

Ângelo Raphael Pellegrino – 4.094 votos
José Luiz Fláquer – 1.017 votos

Para a composição da Câmara Municipal, estes foram os resultados:

Partido Social Progressista – PSP
Antônio Dardis Neto – 299 votos
Jacob João Lorenzini – 118 votos
Oswaldo Bisquolo – 81 votos
Genésio Carlos Alvarenga – 51 votos
Giacomo Garbelotto – 73 votos
Concetto Constantino – 54 votos

União Democrática Nacional – UDN

Jordano Vincenzi – 159 votos
Geraldo Cambaúva – 118 votos
Olga Montanari de Mello – 70 votos
Moisés Chapaval – 95 votos

Partido Social Democrático – PSD

Luiz Rodrigues Neves – 163 votos
Acácio Novaes – 95 votos
Arthur Zago – 91 votos

Partido Trabalhista Brasileiro – PTB

Oswaldo Samuel Massei – 177 votos
Vitório Marcucci – 107 votos
Alfredo Rodrigues – 82 votos

Partido Republicano – PR

Arlindo Marchetti – 118 votos
Lauriston Garcia – 125 votos

Partido Operário Trabalhista – POT

Mário Rades – 65 votos

Todos os candidatos eleitos foram diplomados, de acordo com as instruções baixadas pelo juiz da 6ª Zona Eleitoral. A data da posse foi marcada para o dia três de Abril de 1949.

Francisco Masei (à direita) e familiares, na cidade de Roma (1947)



Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória

No armazém de Francisco Masei, que se localizava na esquina da Rua Casemiro de Abreu com a Rua Santo Antônio, foi inaugurada uma placa com a nova denominação da rua, que passou a ser Av. Senador Roberto Simonsen. Década de 1940

Começava assim a carreira política de Oswaldo Samuel Masei, um dos três vereadores eleitos pelo Partido Trabalhista Brasileiro. A bancada do PTB era minoria na Câmara se comparada ao grande arco de alianças e coligações que levaram Ângelo Raphael Pellegrino ao poder: PSP, PR, PRP, POT e PDC.

O trabalho legislativo de Oswaldo Samuel Masei na Câmara Municipal foi produtivo e eficiente, conforme mostramos na relação abaixo, considerando as indicações, solicitações e projetos de lei:

- Solicitação de inclusão de diversos trechos no plano de calçamento da cidade;
- Solicitação de estudo para a construção de um Estádio Municipal, em terreno do município, localizado no Bairro Cerâmica;

- Solicitação de ligação e extensão de rede de água, requerida pelos interessados;
- Projeto de lei isentando de taxas e emolumentos as plantas e projetos de casas operárias;
- Solicitação de instalação de uma agência do IAPI (Instituto de Assistência Previdenciária dos Industriários) no município;
- Solicitação de extensão da iluminação para diversas ruas;
- Projeto de lei isentando de impostos os prédios de mais de seis andares construídos no município, dentro do perímetro urbano;
- Autorização concedida ao prefeito para a abertura de concorrência para a construção do Asilo de Amparo à Velhice;
- Solicitação à Companhia Telefônica Brasileira para a instalação de uma agência no município;

- Solicitação de serviços de terraplanagem em diversas ruas;
- Solicitação de interferência do sr. Prefeito junto à Light and Power no sentido de estender a rede de energia elétrica para diversas ruas;
- Projeto de lei dispendo sobre a cobrança da taxa de conservação e calçamento;
- Solicitação de calçamento do pátio de cargas e descargas da Estrada de Ferro Santos - Jundiá;
- Solicitação da extensão da rede de água para diversas ruas;
- Projeto de lei criando o serviço de trânsito municipal;
- Solicitação de regulamentação de itinerários de ônibus no município;
- Solicitação de construção de uma ponte sobre a Estrada de Ferro Santos - Jundiá entre as ruas Rio Branco e Pernambuco;
- Solicitação de instalação de bicos de luz na Rua Niterói;
- Solicitação de construção de uma ponte de cimento armado na Estrada das Lágrimas;
- Solicitação de inclusão das ruas Casemiro de Abreu, Espírito Santo e Piauí no plano de iluminação;
- Solicitação de inclusão da Rua Espírito Santo no plano de calçamento.

Considerando as condições precárias de infra-estrutura do recém-emancipado Município de São Caetano do Sul, o trabalho do vereador Oswaldo Samuel Masei recebeu o reconhecimento popular, e marcou o início de uma brilhante carreira política, que incluiu três mandatos de deputado estadual e dois de prefeito municipal.

(*) José Roberto Gianello, sociólogo e assessor cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Um ano de vacas magras, três anos de vacas gordas

O primeiro ano do governo Massei (1957-1961) foi marcado pela contenção de gastos, a fim de ordenar as contas da Prefeitura. Nos anos seguintes, com as dívidas pagas em dia, várias obras foram empreendidas.

Alexandre Toler RUSSO (*)

Oswaldo Samuel Massei assumiu a Prefeitura de São Caetano do Sul em quatro de Abril de 1957, e até 1961 governou a cidade. Quando iniciou seu mandato, o município estava endividado – devido às inúmeras obras iniciadas na administração anterior –, e o problema mais urgente era o pagamento das contas. *Dentro de alguns dias, faremos uma demonstração, ao povo, contando a situação real da municipalidade. Por ora, podemos dizer que o quadro econômico de São Caetano é de tal forma deficitário que o pagamento do funcionalismo atrasará cerca de um mês,* declarou, já como prefeito da cidade.

O primeiro ano da terceira administração foi marcado pela contenção de gastos, pelo estudo dos problemas, enfim, pela preparação para que, nos anos seguintes, pudessem ser empreendidos os trabalhos necessários ao desenvolvimento local. De fato, inúmeras obras, a partir do final de 1957, foram iniciadas – e outras tantas finalizadas – pela gestão Massei. Retificação do leito do Rio dos Meninos, alargamen-



Em quatro de abril de 1959, o prefeito Oswaldo Massei visitou as obras de um parque infantil na Vila Barcelona, que seria inaugurado no Dia das Mães daquele ano. Da esquerda para a direita: (?); João Anhô; Antônio Bovolento; Nilo Ribeiro de Figueiredo; Cláudio Musumeci; Oswaldo Massei e Silas Rodrigues

to da Avenida Delamare, ponte da Rua Ibitirama, extensão da rede de água e esgoto e conclusão das obras para a captação de água da represa Billings (Riacho Grande) foram algumas das realizações que a Prefeitura, financeiramente em ordem, proporcionou a São Caetano.

Especulava-se que, em 1957, o orçamento do município apresentaria déficit de quase 45 milhões de cruzeiros. Funcionários públicos, acreditando que uma política radical de contenção de gastos seria adotada, temiam ser demitidos. O equilíbrio das finanças, todavia, não implicou em redução drástica dos cargos públicos. *Na realidade, foram dispensados apenas 37 funcionários, das mais variadas categorias, e que haviam sido admitidos nos 60 dias que antecederam o pleito. Assim mesmo, só foram atingidos por essa medida drástica aqueles que excediam as necessidades. Mantivemos casos de real importância para o serviço público,* explicou o prefeito.

O equilíbrio financeiro do mu-

nícipio deveu-se, principalmente, ao estabelecimento de prioridades. Nenhuma obra vultuosa foi iniciada no primeiro ano de administração. Em realidade, a arrecadação foi usada para saldar as dívidas e restabelecer, junto aos credores, o crédito da Prefeitura. Houve diminuição de investimentos, em alguns serviços, e redução de salários, medidas que causaram descontentamento, inclusive entre os parlamentares.

Embora a contenção de gastos fosse necessária, havia problemas na cidade que demandavam investimento para serem resolvidos. Entre os principais, contavam-se: falta de água, luz e pavimentação; necessidade de alargamento da Avenida Comandante Taylor, em virtude da expansão de São Caetano; ineficiência no serviço de transporte público de regiões populosas, como a Vila Barcelona; esgoto doméstico (das fossas) despejado na rua; coleta e destino do lixo.

Sugestões foram apresentadas, bem como medidas tomadas, no intuito de enfrentar as dificulda-

des. Massei apoiou a idéia da construção de uma parada destinada aos trens de subúrbio, em Vila Barcelona, visando melhorar o serviço de transporte. As ruas, destinadas a conduzir os moradores locais, nunca cumpriam os horários, o que prejudicava os passageiros. Os dirigentes da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ), porém, não concordaram com a proposta.

No que dizia respeito ao abastecimento de água, à extensão de rede de água e esgoto e à iluminação pública, as obras para a captação das águas da Billings estavam em andamento, havia planos para estender a rede de esgoto aos bairros carentes desse serviço, e o prefeito procurava obter empréstimos no intuito de atender às exigências dos moradores dos lugares em que faltava iluminação elétrica.

PROGRESSO – Em 1957, São Caetano possuía 350 fábricas, que utilizavam a mão-de-obra de mais de 20.000 trabalhadores. Anualmente, eram gerados mais de quatro milhões de cruzeiros. Existiam cerca de 1600 estabelecimentos comerciais, e 95 mil pessoas, aproximadamente, moravam na cidade. A arrecadação, no ano anterior, fora de 112 milhões e 840 mil cruzeiros.

O crescimento da cidade também pode ser verificado por meio de outros aspectos: inauguração de um novo hospital em 17 de Novembro de 1957 (tratava-se do Hospital Nossa Senhora de Fátima, construído pela Sociedade Portuguesa de Beneficência); aumento do número de visitantes da Biblioteca Municipal; instalação de uma delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp); crescimento da força e do espaço dos trabalhadores. (De

fato, o *Jornal de São Caetano*, em 1957, publicava coluna chamada *Seção Trabalhista*, tratando de questões relacionadas à Justiça do Trabalho, aos problemas internos das fábricas etc. Isso, sem dúvida, mostra o aumento da força dos trabalhadores.)

Em contrapartida, havia os maus aspectos do progresso: em Setembro de 1957, um crime chocou a população. Um jovem foi espancado e mutilado, a golpes de navalha, por um bando autodenominado *gangue maldita*. A violência atingira nível até então desconhecido, e as pessoas temiam sair de casa à noite. O delegado, Clodomir Collaço Veras, defendia-se das acusações que apontavam para a falta de eficiência da polícia: *Estamos desenvolvendo o máximo esforço para pôr um fim aos assaltos. Infelizmente, nossas possibilidades são as mínimas, pois, com apenas três viaturas e um número reduzido de policiais, a vigilância que se faria necessária é quase impossível (...). Apenas seis investigadores e cerca de 39 homens têm sobre si a responsabilidade de defender a cidade.*

Além da crescente violência, também as enchentes assolavam São Caetano. Grande esforço foi feito para solucionar o problema. Nos primeiros meses do ano, quando a chuva era intensa, várias regiões da cidade ficavam comprometidas pelas inundações. Enquanto aguardavam a retificação dos rios do município, regiões como a Vila São José sofriam perdas materiais.

Por fim, havia ainda um problema de ordem econômica. O preço dos gêneros de primeira necessidade crescia, aumentando o custo de vida. Muitos comerciantes, em todo o Estado, aspirando a lucros altos, retinham

consgo os produtos. Graças à lei da oferta e da procura, os preços subiam. Não apenas os alimentos possuíam valor abusivo, mas também os remédios. Em 1957, um fato intensificou ainda mais os abusos praticados por determinados comerciantes: alguns casos da chamada *gripe asiática* (muito forte e que fizera vítimas) foram verificados em São Paulo, o que despertou preocupação nos habitantes de São Caetano. Farmacêuticos da cidade, aproveitando-se da angústia dos cidadãos, aumentaram o preço dos medicamentos. Certas farmácias foram multadas pelos fiscais da Prefeitura.

ÁGUAS – A partir de 1958, com as finanças em ordem, a Prefeitura passou a preocupar-se em melhorar a qualidade de vida dos moradores. A retificação do leito do Rio dos Meninos foi iniciada, assinou-se o contrato para a construção da ponte da Rua Ibitirama, iniciou-se o calçamento de 25 ruas (plano de pavimentação), vários grupos escolares foram reformados, a luz elétrica foi levada a muitas ruas da periferia.

– *Preocupamo-nos, inicialmente, com a recuperação financeira do Município (...). Nosso objetivo foi satisfeito, pois, em Outubro (1957), conseguimos pagar em dia todos os compromissos. Daí em diante, passamos a saldar nossas dívidas sempre no prazo, restaurando o regime de confiança junto aos fornecedores (...). Sanados os primeiros obstáculos, empenhamo-nos na reforma da administração, e, nesse sentido, temos empregado a soma de milhões de cruzeiros (...). Reformamos grande parte do piso do Viaduto dos Autonomistas; iniciamos a retificação do leito do Rio dos Meninos; reparamos*

diversos grupos escolares; autorizamos a extensão da rede para a instalação de luz elétrica em dezenas de ruas da periferia; concluímos o plano de calçamento de cerca de 30 ruas; fornecemos mais de sete milhões para o término das obras no Ginásio Bonifácio de Carvalho; assinamos contrato, com a Prefeitura de São Paulo, para a construção da ponte da Rua Ibitirama, enumerou o prefeito.

O início das obras para a retificação do leito do Rio dos Meninos deveu-se, em grande parte, aos esforços do vereador Urames Pires dos Santos. A retificação permitiria rápido escoamento das águas, provocando drenagem nos terrenos, de forma a saneá-los. Além disso, o alinhamento do curso d'água evitaria enchentes e permitiria a construção de uma avenida marginal, ligando São Caetano à Via Anchieta. Urames Pires dos Santos ainda ressaltou outro aspecto benéfico que adviria da retificação: *Por outro lado, seria impossível pensar em aumentar a área pavimentada de São Caetano sem a execução das galerias de águas pluviais, e estas só terão possibilidade de construção após retificados os rios.*

Em Julho, a retificação do leito do Rio dos Meninos estava praticamente terminada. Três meses depois, estavam em andamento as obras para a construção de uma avenida marginal. Teria início na Avenida Presidente Wilson, margearia o Rio dos Meninos, e terminaria na ponte da Estrada das Lágrimas, entre São Caetano e São Bernardo. A partir daí, a ligação com a Via Anchieta seria feita por ruas já existentes.

Outra questão importante resolvida por Massei foi a da ponte

Em 11 de Abril de 1959, Massei, acompanhado de vereadores, fez uma inspeção de trabalho, na qual analisou o recapeamento do Viaduto dos Autonomistas. Da esquerda para a direita: Silas Rodrigues; Nilo Ribeiro de Figueiredo; Cláudio Musumeci; (?); João Anhê e Nicolau Delic (de costas)



Fundação Pró-Memória

da Rua Ibitirama. Era preciso construir uma ponte para melhorar o escoamento do trânsito e garantir maior segurança aos pedestres e motoristas. O início do trabalho dependia da Prefeitura de São Paulo, o que fez com que Massei declarasse: *A Prefeitura de São Caetano do Sul está com o dinheiro depositado, aguardando apenas que a Prefeitura de São Paulo inicie as obras.* Em Abril, foi assinado o contrato. O acordo, firmado entre Massei e o prefeito de São Paulo, Adhemar de Barros, determinava que a firma Albuquerque e Takaoka Ltda, vencedora da concorrência pública, deveria construir, sobre o Rio Tamanduateí, uma ponte ligando as ruas Mariano Pamplona (em São Caetano) e Ibitirama (em São Paulo). Sete meses depois, o tráfego sobre a ponte da Rua Ibitirama estava parcialmente liberado.

A fluência do trânsito não dependia apenas de pontes, mas também do bom estado de conservação e da ampliação das vias públicas. Muitas ruas do centro, como Amazonas, Serafim Constantino, Pernambuco e outras, estavam esburacadas e mal conservadas. A Prefeitura estabeleceu, então, um plano de pavimentação

para a cidade. A intenção era asfaltar cerca de 30 mil metros quadrados, sendo que, inicialmente, 25 ruas seriam contempladas com a melhoria. Aproximadamente 30 milhões de cruzeiros seriam gastos, e com isso se esperava que os problemas de trânsito e o alto custo de conservação das vias públicas deixassem de preocupar os administradores locais.

No início do ano, nada havia sido feito em relação à Avenida Almirante Delamare. Os congestionamentos, provocados pela estreiteza da via, continuavam a atrapalhar cidadãos e indústrias. O vereador Urames Pires dos Santos, auxiliado por outros parlamentares e pelo prefeito, em Agosto de 1958, depois de muita insistência, convenceu a Prefeitura de São Paulo a iniciar o alargamento da avenida. O custo total da obra ficaria em torno de 40 milhões de cruzeiros.

Um pouco antes, em Julho, a primeira etapa das construções para a captação de água da Billings havia sido concluída. Cinquenta milhões de litros d'água, por dia, viriam para o ABC. Todavia, era preciso construir reservatórios e estender a rede de água pela cidade, de ma-



A imagem de Oswaldo Massei ficaria historicamente marcada na luta pelo abastecimento de água na cidade. Em 1961, ele aparece abrindo as comportas de um reservatório, no atual Bairro Oswaldo Cruz

neira que todos os habitantes fossem contemplados com o líquido. Em Setembro, o prefeito obteve empréstimo de 25 milhões de cruzeiros (Caixa Econômica Federal) com a finalidade de erigir três reservatórios de água e aumentar de cinco mil metros a rede. Outro problema começava a ser resolvido.

DINHEIRO – Em 1958, São Caetano bateu o recorde de arrecadação de um município em um só dia: mais de 160 milhões de cruzeiros foram levantados em apenas 24 horas. Em meio ao progresso, contudo, ainda ocorriam fatos típicos de cidades mais rústicas. Muitos malandros, vindos de São Paulo, Santo André, ou mesmo moradores de São Caetano, davam golpes que, na capital, já não enganavam

quase ninguém. Diversos sancaetanenses caíam nos ditos *contos do vigário*.

Apesar da ingenuidade de certos habitantes, os trabalhadores, em geral, adquiriam, cada vez mais, a consciência de sua importância no cenário industrial. Em Abril, um dos maiores processos trabalhistas jamais vistos até então estava sendo julgado pela Comarca de São Caetano: 543 operários, funcionários das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, exigiam 50 milhões de cruzeiros referentes ao adicional de insalubridade. Em primeira instância, porém, o pedido fora rejeitado.

O interesse pela cultura também crescia entre os moradores de São Caetano. Como a Biblioteca Pública era muito utilizada, o vereador Urames Pires dos Santos

elaborou projeto de lei que deu origem a um convênio firmado entre Prefeitura e Instituto Nacional do Livro. O acordo estabelecia que a Biblioteca Paul Harris receberia, de início, 800 livros. Após a primeira remessa, 500 livros, anualmente, seriam fornecidos pelo Instituto do Livro. A Prefeitura pagaria, a cada ano, a taxa de 20 mil cruzeiros.

Uma instituição que também contribuía para o desenvolvimento cultural da cidade era a Acascs (Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul). Fundada em 1957, promovia concertos, recitais, exposições e apresentações teatrais. A entidade, porém, ainda que sustentada pela contribuição dos associados (havia 500 sócios), necessitava de apoio público: *A renda é pequena e pouco sobra para novas realizações culturais. Por isso, necessitamos do apoio financeiro dos poderes constituídos*, alertava Gianni Boscolo, presidente da Acascs.

A cultura não se restringia aos livros. A Rádio Cacique de São Caetano do Sul, inaugurada oficialmente em 28 de Julho de 1958, visava à disseminação de informação e cultura pela cidade. Um pouco antes da inauguração oficial, a rádio, em caráter experimental, apresentava, todas as sextas-feiras, programa chamado *Conversando com o prefeito*. Massei respondia a perguntas - feitas por meio de cartas - relacionadas a problemas do município

A comunicação através de cartas, contudo, já não atendia por completo às exigências de um município que não parava de crescer. Aproximadamente 110 mil pessoas moravam na cidade, havia 350 estabelecimentos industriais e 1675 estabelecimentos comerciais. Em razão disso, um bom serviço telefônico tornava-

se necessário. A CTBC (Companhia Telefônica Borda do Campo), inicialmente, isto é, após fixar-se na cidade (o que aconteceu no meio do ano de 1958), previa a instalação de dois mil aparelhos telefônicos. A estação local tinha capacidade para 30 mil aparelhos.

O balanço de todo esse crescimento resultaria em cerca de 203 milhões de cruzeiros para serem administrados pela Prefeitura em 1959. 38,4% da arrecadação seriam gastos com funcionários públicos, e, mesmo assim, muitos vereadores lutavam para aumentar a própria remuneração.

1959 – As obras iniciadas em 1958 tiveram continuidade em 1959, e algumas foram concluídas nesse ano (como a ponte da Rua Ibitirama, totalmente liberada para o trânsito).

Com o fim dos trabalhos para a captação de água da Billings (primeira fase), era preciso estender as redes de água e distribuir o líquido pela cidade. Em Janeiro, *o Plano para a execução de redes de água no município*, prevendo a construção de 30 quilômetros de rede, foi aprovado pela administração. Massei, de imediato, autorizou a abertura de concorrência pública para a execução dos serviços.

Para levar a rede de água até às vilas Gerti, Gisela, Marlene, Nova e Palmeiras, a Prefeitura fechou contrato com a indústria Metalúrgica Barbará, que, por 20 milhões de cruzeiros, forneceria tubos de ferro destinados ao trabalho. No intuito de construir a rede de água de Vila Barcelona e arredores, Massei obteve, da Caixa Econômica Federal, empréstimo de 64,5 milhões.

No campo do ensino, o Governo Estadual sancionou lei

Em sua primeira administração, Massei envolveu-se na luta pelo meio ambiente na região do ABC. Nesta foto, ele aparece ao centro, em reunião para tratar da poluição do ar e do tratamento dos rios, com o prefeito de Santo André, Oswaldo Gimenes (à sua direita) e o secretário da Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo, Brigadeiro Faria Lima.



Fundação Pró-Memória

que criava, em São Caetano, a Escola Normal. O instituto de ensino funcionaria nas dependências do edifício do Ginásio Bonifácio de Carvalho. Tratava-se de antiga reivindicação do prefeito Massei, datada da época em que era deputado.

Outra importante realização da terceira administração foi a construção do Grupo Escolar de Vila Marlene. Na gestão anterior, os moradores do lugar pediram para que fosse erguido prédio a fim de comportar as atividades da escola. Até então, o colégio funcionava em instalações precárias e insuficientes. Em Setembro, foi inaugurado o Grupo Escolar de Vila Marlene, beneficiando 1600 crianças.

O prefeito, em 1959, além de tocar as obras já iniciadas, estabeleceu novas metas, entre elas a retificação do leito do Rio Tamanduateí. Antes de iniciar esses novos empreendimentos, porém, teve de lidar com problemas originados de questões mal resolvidas. A Avenida Delamare, mesmo com as obras para seu alargamento em andamento, encontrava-se em estado lamentável de conservação. Ainda assim, no final de Setembro, a Prefeitura de São Paulo, responsável pelo ser-

viço, liberou o trânsito na avenida. Outro problema pendente era a segunda etapa das obras para a captação de água da Billings. A região do ABC crescia e o consumo do líquido aumentava.

Somente depois de tratar desses problemas pendentes, Massei pôde dedicar-se ao cumprimento das novas metas estabelecidas. E, como se viu, a retificação do leito do Rio Tamanduateí era uma delas. O curso d'água, uma vez retificado, já não comprometeria os bairros – por exemplo, o Bairro da Fundação – que beiravam sua margem. Massei também estabeleceu que, até o fim do governo, estaria despachando no Paço Municipal. Em Agosto, iniciou-se a construção do Paço.

PROBLEMAS – A crescente industrialização agravava o problema da poluição do ar. Alguns médicos do ABC, por meio de abaixo-assinado, exigiram do governo do Estado e das autoridades de São Caetano e Santo André medidas contra indústrias – sobretudo químicas – que poluíam a região. A falta de saneamento básico, do mesmo modo, comprometia a saúde dos cidadãos: o Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), in-

clusivo, já havia manifestado seu protesto em relação ao problema do esgoto em São Caetano. Havia lugares em que o conteúdo das fossas era despejado nas sarjetas.

Dinheiro para a resolução de problemas não faltava. A proposta orçamentária para 1960 previa a arrecadação de 326 milhões de cruzeiros, ou seja, 123 milhões a mais do que em 1959. Nem tudo, porém, podia ser resolvido imediatamente. Com efeito, algumas das dificuldades trazidas pelo progresso possuíam caráter nacional, e em razão disso só poderiam ser solucionadas mediante esforço conjunto.

Não apenas problemas ecológicos afligiam a cidade. Os serviços, em virtude do crescimento da população, já não atendiam com eficiência às exigências do público. A CTBC, por exemplo, lutava contra as dificuldades e procurava equipar-se para melhor atender aos cidadãos de São Caetano e região: dois mil telefones seriam instalados no ABC.

O aumento da força dos trabalhadores também contribuía para tornar ainda mais complexo o cenário. O movimento sindical definitivamente ganhava força em São Caetano. Três mil ceramistas, em 1959, organizaram o *Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cerâmica de Louça, Pó de Pedra, Porcelana, Louças de Barro, Vidros, Cristais e Espelhos de São Caetano do Sul*. Em Julho daquele ano, solidarizando-se com a greve dos funcionários da Fiação e Tecelagem Santo André, os trabalhadores do ABC ameaçaram paralisar as atividades.

No campo da cultura, porém, um problema, ao invés de se agravar, foi resolvido. A criação do Museu Municipal, de fato,

contribuiu para a preservação da memória da cidade. Funcionando, provisoriamente, na Rua Baraldi, o museu tinha o papel de abrigar documentos e objetos importantes para a história da cidade. Muitas famílias tradicionais ajudaram a compor o acervo do museu.

PAÇO – O último ano do governo Massei foi marcado pela conclusão de praticamente todas as obras encetadas durante a administração. A construção dos reservatórios de água nos diversos bairros, a extensão da iluminação pública, a pavimentação das ruas, a ampliação da rede de água e esgoto, a conclusão do Paço Municipal, entre outras coisas, foram realizações da terceira administração da história da cidade.

Em Janeiro, foi inaugurado o reservatório de água dos bairros Candelária, Cerâmica e adjacências. Os reservatórios de Vila Barcelona foram entregues em Maio, e a rede de água, para a região, estava sendo concluída. Um trabalho, porém, não foi terminado na terceira administração: a segunda etapa das obras para a captação de água da Billings.

Em contrapartida, muitas outras questões foram resolvidas. A fim de superar os transtornos causados pela falta de manutenção, ou mesmo pela ausência total de pavimentação em determinadas ruas do município, Massei promoveu a reposição e a conservação de 64.900 metros quadrados de calçamento, 5590 metros quadrados de sarjeta e 937.100 metros quadrados de vias públicas. Para melhorar o trânsito, foram adquiridos e instalados três semáforos, oito piscas-piscas, 288 placas de sinalização, 89 marcos de parada de ônibus, entre outras melhorias. Mais de 30 ruas foram calçadas, e, em

mais de 15, foram colocados paralelepípedos. A construção de uma ponte sobre o Córrego do Moinho possibilitou ligação mais fácil entre Vila Barcelona e Bairro Santa Maria, e, em Dezembro de 1960, depois de muita insistência por parte de São Caetano, a Prefeitura paulistana mobilizou-se para reparar a Avenida Delamare.

Em resumo, o governo Massei realizou as seguintes obras (principais): reforma do Jardim Primeiro de Maio, instalando lâmpadas fluorescentes no local; plano de pavimentação, envolvendo várias ruas do município; arborização das ruas; construção do Grupo Escolar Padre Luiz Capra, em Vila Marlene; ponte da Rua Ibitirama (construída pelo Governo do Estado, graças à insistência e à contribuição financeira de São Caetano); conclusão das obras do Ginásio Estadual Bonifácio de Carvalho e do Auditório Municipal; Posto de Hidratação (ao lado do Pronto-Socorro Municipal); novas instalações para o Pronto-Socorro (Rua Oswaldo Cruz) e aquisição de ambulâncias; criação do Parque Infantil de Praça Maria Pia, no Bairro da Fundação; Posto de Puericultura Santa Maria, na Praça Francisco Pires, Bairro Santa Maria; Parque Infantil Modelo, no Jardim Primeiro de Maio; Posto de Puericultura, em Vila São José; retificação do leito do Rio Tamanduateí; construção de uma avenida marginal ladeando o Rio dos Meninos (feita em parceria com o governo do Estado); ampliação da Polícia Municipal; construção de estações de tratamento de água; conclusão da primeira parte das obras para a captação de água da represa Billings; extensão da rede de

água da cidade, a fim de distribuir o líquido vindo da represa.

Em Abril de 1961, um pouco antes de Campanella reassumir a Prefeitura, Massei concretizou as últimas etapas de seu plano de governo: ergueu posto de puericultura e parque infantil em Vila Júlia; construiu, no Bairro Santa Maria, dois reservatórios e uma rede de água com 48 quilômetros de extensão; e inaugurou a Concha Acústica e o Paço Municipal.

RECEITA – Em 1960, último ano da administração Massei, foram arrecadados cerca de 331 milhões de cruzeiros. O principal motivo da alta arrecadação foi a elevação da receita estadual em São Caetano. O Tesouro do Estado repassou 142 milhões de cruzeiros para a cidade, e a União um milhão e meio de cruzeiros.

Apesar do grande desenvolvimento verificado nessa época, muitas coisas ainda deveriam ser feitas. O município, por exemplo, não possuía cadeia. Em realidade, havia, no fundo da delegacia local, cela em que cabiam alguns poucos presos. Em Março, o Estado anunciou que iria construir uma cadeia em São Caetano. No entanto, perguntavam-se cidadãos e autoridades, *onde?* Tendo a cidade pequenas proporções, a casa de detenção inevitavelmente se localizaria perto de zonas residenciais.

A situação carcerária não afligia apenas São Caetano. Todo o ABC era mal-estruturado nesse aspecto. Em Santo André, por exemplo, havia apenas uma cadeia pública, que recebia presos do próprio município, de Mauá e de Ribeirão Pires. O presídio era impróprio, tanto estrutural como materialmente, e por isso possibilitava a fuga de detentos. Em São

Oswaldo Samuel Massei e o secretário da Viação e Obras Públicas de São Paulo, Brigadeiro Faria Lima, cumprimentando populares nas ruas da cidade. Ano de 1961



Fundação Pro-Memória

Bernardo, os presos eram alojados nas dependências da delegacia. Em boas condições, apenas cinco pessoas poderiam ser trancafiadas.

Outra questão que preocupava os administradores de São Caetano era a do baixo número de alunos que concluíam o ensino médio. Cerca de 3229 jovens cursavam o ensino médio na cidade, contudo, poucos eram os que seguiam até o fim. Em média, no primeiro ano do ginásio as classes contavam com 713 alunos, mas no último esse número não chegava a 300.

O horário de funcionamento do comércio também preocupava os governantes. Em 1960, os estabelecimentos, devido a um projeto do vereador Oswaldo Giampietro, mantinham abertas as portas até às 18h30, durante a semana, e funcionavam aos sábados à tarde. Havia discórdia, sobretudo quanto a trabalhar nas tardes de sábado.

O sono dos administradores também foi perturbado por duas pendências judiciais que, em 1960, ocorreram na cidade. Uma dizia respeito à posse do Estádio Anacleto Campanella, a outra era uma questão trabalhista. No primeiro caso, o impasse girava em

torno do seguinte fato: a AA São Bento, resultante da fusão entre São Caetano EC e Comercial FC, dissolvera-se. O contrato, que assegurava a posse do estádio à AA São Bento, estabelecia que, caso o time deixasse de existir, o terreno voltaria a ser da Prefeitura. Assim, o São Caetano EC corria o risco de perder seu maior patrimônio. Massei, em 1961, resolveu o assunto: o estádio foi doado ao clube.

No segundo caso, os trabalhadores da Fábrica de Louças Adelinas, que repentinamente fechara as portas em 1952, reivindicavam indenização para compensar as perdas advindas do desemprego inesperado. Em Junho, a Junta de Conciliação e Julgamento de Santo André acatou o pedido de indenização dos trabalhadores, dando ganho de causa aos reclamantes.

Finalmente, em Outubro de 1960, foi remetida à Câmara a proposta orçamentária para 1961: 509 milhões de cruzeiros. Massei entregava ao sucessor uma Prefeitura rica, com todas as contas pagas em dia e com inúmeras melhorias começadas e concluídas.

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista

São Caetano atinge seus limites

O governo Massei, dando continuidade às melhorias feitas pela gestão anterior e realizando obras que ainda faltavam à cidade, praticamente levou São Caetano ao ápice do desenvolvimento.

Não tendo para onde crescer, o município poderia transformar-se em cidade-dormitório



Fundação Pro-Memória

Em sua segunda administração municipal (1969-1973), o prefeito Oswaldo Massei assinou documentação referente à doação de área para a construção da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Barcelona

Em quatro de Abril de 1969, Oswaldo Samuel Massei assumiu, pela segunda vez, a Prefeitura de São Caetano do Sul. A segunda gestão do prefeito foi marcada pelo incentivo à produção industrial, pela manutenção das obras iniciadas nas administrações anteriores e por realizações que ainda eram necessárias ao município. Neste texto, são apresentadas as principais dificuldades enfrentadas pela Prefeitura, bem como as obras realizadas com vistas no desenvolvimento da cidade, durante os quatro anos (1969 – 1973) da segunda administração de Oswaldo Samuel Massei.

Estamos caminhando perigosamente para a instituição de uma cidade-dormitório, com conseqüências graves para daqui a cinco ou dez anos, previa Massei. De fato, São Caetano expandira-se, fisicamente, ao máximo, e as indústrias não tinham espaço para evoluir. Algumas empresas, de fato, estavam deixando a cidade em busca de melhores condições de crescimento em outras regiões. Preocupado, o prefeito enviou à

Câmara projeto de lei proibindo a retaliação e o desmembramento de áreas anexas a indústrias (a fim de possibilitar a ampliação das fábricas). Também permitiu, em subzonas residenciais, a instalação de indústrias – têxteis, em geral – que não oferecessem risco à saúde dos habitantes.

Além desses problemas, os administradores também tinham de ouvir as justas queixas, por parte de alguns moradores, a respeito da falta de luz, pavimentação e água em certos bairros da cidade. No entanto, além de muito menos freqüentes, as queixas, na maior parte dos casos, eram provocadas, não devido à ausência do serviço, mas por falhas decorrentes do desgaste causado pela ação do tempo sobre os materiais. A Prefeitura, pois, preocupou-se em reparar os reservatórios de água, repavimentar as ruas (tampando os buracos) e instalar novos bicos de luz por todo o município.

Os quatro anos de administração não foram marcados apenas pela manutenção dos trabalhos realizados nas administrações anteriores. Novas escolas foram inaugura-

das, assim como parques infantis, postos de puericultura e diversas outras obras empreendidas para o conforto da população. Além disso, um novo viaduto, ligando São Caetano à Avenida dos Estados, foi construído.

1969 – Logo no primeiro ano de mandato, Massei promoveu certas melhorias no campo da Educação: doou ao Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) terreno de 18 mil metros quadrados, destinado à construção de uma Escola de Aprendizagem Industrial. Água, esgoto, luz e pavimentação seriam fornecidos pela Prefeitura. Em Novembro, foi autorizada a criação da Faculdade de Ciências e Letras de São Caetano, na FEC do ABC.

No tocante ao trânsito e à pavimentação das vias públicas, no ano de 1969 muita coisa foi feita. Em Maio, boa parte do trecho entre a Estrada das Lágrimas e a entrada de São Caetano foi calçada. Em Dezembro, o leito do Córrego de Vila São José foi pavimentado. Ao lado, surgia uma

avenida que, com duas pistas, ligaria a Avenida Guido Aliberti à Vila Gerti.

Uma das prioridades do governo Massei foi o amparo às crianças. Em 1969, estabeleceu-se que vários parques infantis e postos de puericultura seriam erguidos até o fim do mandato. O Esporte também recebeu bastante atenção por parte de prefeito e vereadores: em Maio de 1969, terreno foi doado ao Guarani de Vila Gerti e canchas de bocha foram construídas na Praça de Esportes do Bairro da Fundação.

Havia cinco anos que o regime militar vigorava no País. Uma das exigências do novo comando era a apresentação do chamado Plano Plurianual de Investimentos. Em suma, os administradores precisavam estabelecer metas para os quatro anos de mandato. Em Novembro, Massei enviou à Câmara o projeto do Plano Plurianual de Investimentos. Previa-se, no setor educacional, a criação de novas unidades de ensino, entre grupos escolares e ginásios, além de parques infantis. O gasto seria de três milhões e 30 mil cruzeiros. Em relação ao Esporte, os estádios distritais seriam concluídos e um ginásio deveria ser erguido. Treze milhões de cruzeiros seriam destinados a obras de pavimentação, à colocação de guias e sarjetas, à construção de pontes e pontilhões, a drenagens, à ampliação da rede de água e esgoto, ao recapeamento das ruas etc. A abertura de novas avenidas marginais, com o fim de desafogar o trânsito, também estava nos planos. Várias obras públicas seriam empreendidas.

Há 20 anos discutia-se a questão do horário de funcionamento do comércio. A polêmica, iniciada na gestão de Ângelo Raphael Pellegrino, continuava atual. A

mudança dos hábitos, contudo, forçava alterações na lei (alguns comerciantes ultrapassavam, por conta e risco próprio, o horário de fechamento – 18h30). Em 1969, propunha-se que, entre segunda e quinta-feira, fosse respeitado o horário de fechamento. As sextas-feiras as portas ficariam abertas até às 22h. O sábado seria livre.

No ano de 1969, os colégios particulares da cidade enfrentavam dificuldades financeiras, já que perdiam alunos para a rede pública. O Instituto Nossa Senhora da Glória, tradicional estabelecimento educacional da cidade, já não possuía recursos para continuar funcionando. O prefeito Massei, solidário, organizou grupo encarregado de estudar uma solução para o problema do colégio. Ao menos temporariamente, o Instituto permaneceria aberto.

Outras instituições particulares também enfrentavam dificuldades em 1969. A CTBC (Companhia Telefônica Borda do Campo), por exemplo, não estava conseguindo executar o plano de ação estabe-

lecido em 1961. Muitos contratempos – reparos, dificuldades nas instalações etc. – acabaram por inviabilizar a implantação das 40 mil linhas telefônicas previstas. Os investimentos, em grande parte, dirigiam-se à resolução de antigos problemas.

Outro assunto muito discutido na época era o das favelas. São Caetano não possuía favelas, pois, em 1968, haviam sido erradicadas do município. No entanto, vários cortiços surgiam nos bairros, e o ambiente promíscuo e insalubre favorecia a violência e o crime.

As metas para a resolução desses e de outros problemas foram estabelecidas pela Prefeitura no ano de 1969: construção de outro viaduto sobre a EFSJ (Estrada de Ferro Santos-Jundiaí), tendo início na Rua José Paolone e terminando na Rua Aquidaban (ligando São Caetano à Avenida dos Estados); construção do Centro de Educação Máxima; edificação de um ginásio esportivo em Vila São José; instalação de um posto

O prefeito Oswaldo Samuel Massei agradece ao governador de São Paulo, Carvalho Pinto, pelo empréstimo de 64 milhões de cruzeiros para obras na cidade



de puericultura em Vila Barcelona; início das obras do novo Fórum, na Estrada das Lágrimas; começo dos trabalhos da nova estação da EFSJ, a ser feita em terreno doado pela Prefeitura; término do edifício da Escola Industrial; modernização do sistema de iluminação pública, com luminárias de mercúrio; instalação da primeira Escola Profissional Feminina da região; obras de saneamento básico, com a construção de galerias pluviais; remanejamento da rede de água e esgoto do centro; obras de pavimentação e recapeamento de ruas da cidade; prosseguimento de abertura e pavimentação de avenidas marginais, ao longo dos rios Tamanduaté e Meninos; instalação de modernos equipamentos no Hospital Infantil Márcia Braido, em Vila Paula.

1970 – Alguns acontecimentos, nos primeiros meses de 1970, forçaram ainda mais o empreendimento de certos trabalhos. Com efeito, nem mesmo a retificação dos rios da cidade impediu que as chuvas de Janeiro causassem enchentes no Bairro da Ponte Preta. A construção de galerias de água e a extensão da rede de água e esgoto, em vista disso, demandavam atenção especial. Os inúmeros casos de tifo, febre amarela e

outras doenças causadas, principalmente, pela insalubridade do ambiente, também mostravam quão urgente era a necessidade de estender e melhorar o sistema de saneamento básico dos bairros.

Na década de 70, o problema dos congestionamentos ganhou proporções gigantescas. Mesmo não podendo comportar o tráfego de veículos gerado pelos próprios habitantes, São Caetano, por sua localização, recebia trânsito pesado vindo de diversas regiões de São Paulo. Rota inevitável de caminhões transportando matéria-prima para os centros produtores (Mauá, Santo André, São Bernardo etc.), São Caetano ficava praticamente paralisada pelos congestionamentos no centro. Os prefeitos do ABC, tendo em vista equacionar a questão, discutiam a construção de um anel rodoviário.

No campo da Saúde, estava prevista, para Julho de 1970, a instalação, em São Caetano, do primeiro Posto de Prevenção e Tratamento do Câncer Ginecológico da América do Sul (o que realmente aconteceu). O médico Abib João Kirche foi nomeado diretor da instituição.

Em Outubro, Massei enviou à Câmara Municipal a proposta orçamentária para 1971. A arrecadação deveria ser de quase 56 milhões de cruzeiros novos (ou 20 bi-

lhões de cruzeiros velhos), a maior renda jamais obtida até então.

1971 A 1973 – Em 1971, a Prefeitura continuava a trabalhar para cumprir as metas estabelecidas. Para o dia 28 de Julho, aniversário da cidade, estavam programadas as seguintes atividades: entrega de equipamentos médicos ao Hospital Márcia Braido; início das atividades na Faculdade de Tecnologia; inauguração do Centro de Recreação Infantil Maria D'Agostini; término da Avenida Guido Aliberti; abertura da nova Praça dos Estudantes; iluminação total da Rua Engenheiro Rebouças; iluminação do Estádio Distrital de Vila São José. Tudo foi realmente entregue na data esperada.

Antes desses acontecimentos, porém, Massei teve de resolver o problema da interrupção das obras para a retificação do Rio Tamanduaté. A área necessária aos trabalhos deveria ser desapropriada, entretanto, a firma Mannesmann, proprietária do terreno, estava dificultando as negociações. Em Março, após longa insistência, Massei pôs termo à pendência: a Mannesmann liberou o terreno e as obras prosseguiram. Ainda nesse mês, a Prefeitura tomou medidas para aprimorar o aprendizado na cidade: foi enviado à Câmara Municipal projeto que visava criar a Faculdade de Tecnologia de São Caetano (com o intuito de especializar os trabalhadores industriais do ABC). O instituto educacional iria funcionar como uma autarquia. Em Abril, foi aberta concorrência pública para a construção do Centro de Ensino Integrado.

Ainda em 1971, começaram a sair do papel o plano de repavimentação das ruas da cidade, o plano para a arborização de espa-



Em 1971, o prefeito Oswaldo Massei e o vereador Armando Furlan (de óculos) inauguraram a Cidade da Criança, no Bairro Olímpico

Fundação Pro-Memória

ços desocupados e o projeto para a construção do novo viaduto sobre a EFSJ. Nesse mesmo ano foram entregues o parque infantil e a praça ajardinada prometida aos moradores do Bairro Mauá; iniciaram-se os estudos para a elaboração de outro viaduto, ligando São Caetano a São Paulo, na Avenida Delamare; abriu-se concorrência pública para a construção da Garagem Municipal; e um terreno, no Bairro Boa Vista, foi destinado à edificação do Centro de Educação Física (obra que seria empreendida pelo Ministério de Educação e Cultura).

TENSÃO – A religiosidade era um traço marcante do caráter dos habitantes de São Caetano. Durante a década de 1950, os eventos religiosos tinham grande destaque nos jornais e eram prestigiados pela população. O temor pelas coisas sacras, contudo, diminuiu muito na década de 70, haja vista a notícia que veiculava nos periódicos locais em 1971: mais de dez mil cruzeiros, em jóias, haviam sido roubados de um templo em Vila Barcelona.

As tensões sociais aumentavam à medida que mais pessoas vinham para a cidade. Não havia espaço para tanta gente. Visando remediar a situação, Massei entrou em acordo com o BNH (Banco Nacional de Habitação): iria fornecer todos os serviços públicos necessários às 550 residências construídas, em Vila Gerti, pelo órgão do governo federal.

A arrecadação do município crescia na mesma proporção das tensões sociais. Estimava-se que, para 1972, 83 milhões de cruzeiros novos seriam obtidos. As principais fontes de renda eram a indústria e o comércio: o ICM recolhido deveria ser de 53 milhões e 600 mil cruzeiros novos.



Em 1970, o prefeito Oswaldo Massei recebeu em seu gabinete a jovem Vânia Pignataro, Miss Objetiva – 1970

O serviço de envio de correspondências, porém, não estava à altura de uma cidade tão rica. A população criticava bastante a ineficiência da Agência de Correio e Telégrafo do município. O *Jornal de São Caetano*, principal órgão da imprensa local na época, publicou uma série de reportagens em que a falta de modernização do serviço de correio na cidade era exposta e lamentada.

No último ano da administração, praticamente tudo o que fora planejado foi entregue. O dia do aniversário da cidade, 28 de Julho, foi escolhido para a inauguração das principais obras encetadas por Massei durante sua segunda gestão como prefeito da cidade.

O Viaduto da Independência, como foi chamado, ligando São Caetano à Avenida dos Estados, foi inaugurado no dia 29 de Julho. O tráfego de veículos, entretanto, teve início apenas em sete de Setembro. O Centro de Ensino Integrado, na Rua Capivari, estava pronto no dia do aniversário de São Caetano. Do mes-

mo modo, várias ruas e bairros, nesse dia, já possuíam novos bicos de luz, rede de água reformada e vias públicas repavimentadas. Foram gastos, em desapropriações para a realização de obras públicas, 14 milhões de cruzeiros novos ao longo dos quatro anos da gestão Massei.

Em Outubro, quando a proposta orçamentária para 1973 foi entregue à Câmara, a arrecadação prevista era de 98 milhões de cruzeiros novos. As maiores verbas seriam destinadas, respectivamente, aos serviços urbanos, às despesas da administração, à Educação e à Cultura. Antes do fim do mandato, Massei praticamente resolveu as questões estruturais, deixando a seu sucessor a tarefa de promover o crescimento cultural e social. Além disso, mostrou aos novos administradores qual era o problema mais grave do município: a ameaça de empobrecimento em virtude da estagnação industrial provocada pelo tamanho reduzido de São Caetano do Sul.

Um prefeito na Assembléia

Oswaldo Samuel Massei foi, por três vezes, deputado estadual. Em todas as oportunidades, lutou para melhorar a situação de São Caetano.

Oswaldo Samuel Massei, nascido em São Caetano, no dia 27 de Agosto de 1921, foi eleito deputado estadual por três vezes: 1954, 1962, 1966. Nas duas primeiras, os votos de São Caetano, São Bernardo, Santo André e outras cidades garantiram-lhe a vitória. Na terceira oportunidade, bastou-lhe a votação obtida na terra natal para que fosse levado à Assembléia Legislativa.

Enquanto deputado, buscou, de todas as formas, trazer benefícios ao ABC. No primeiro mandato, estabeleceu como prioridades a melhoria dos trabalhos de Assistência Social, o alargamento da Avenida Comandante Taylor e a vigilância em relação à qualidade dos serviços prestados à população. Na segunda vez em que esteve na Assembléia, priorizou o desenvolvimento do ensino, a solução para o problema do abastecimento de água, a retificação do leito dos rios de São Caetano e a construção de avenidas marginais. Na última oportunidade como deputado, manteve as prioridades anteriores e lutou para que algumas obras sássem do papel.



O prefeito Oswaldo Samuel Massei e Antônio Russo (à esquerda) visitaram o governador Laudo Natel para discutir a cessão do Hospital Anchieta, de São Bernardo do Campo, à Fundação Universitária do ABC. Década de 1970

Fundação Pró-Memória

Desde a primeira administração, a estreiteza da Avenida Comandante Taylor, principal via de acesso a São Paulo, prejudicava o trânsito. Muitos caminhões, que transportavam matéria-prima para indústrias localizadas no ABC e em São Paulo, atrasavam as entregas, em razão dos engarrafamentos da Avenida Comandante Taylor. Era preciso, urgentemente, solucionar a questão. Assim, pouco antes de assumir o cargo de deputado, Massei afirmou: *Em colaboração com os prefeitos do ABC, com o deputado federal Lauro Gomes e com o deputado estadual Fioravante Zampol, farei o possível para alargar a estrada que nos liga a São Paulo.* O início das obras, no entan-

to, dependia da Prefeitura de São Paulo. Não foi possível, em seu primeiro mandato, ver concretizada essa meta.

A região do ABC, populosa e rica, era negligenciada, pelo Estado, no tocante a melhorias em setores básicos como Saúde, Habitação e Educação. Além de lutar pela criação de postos de saúde e por melhor nível nos serviços de Assistência Social, Massei insistia para que fosse enviado, ao ABC, um médico-legista. *A deficiência material, no necrotério, do Serviço Médico Legal é completa e de estarrecer!*, acusou, na Assembléia, o deputado. Em pouco tempo, graças aos esforços de Massei e dos prefeitos do ABC, um médico-legista foi designado para su-

prir as carências da região nesse setor.

Manter a boa qualidade dos serviços prestados à população era uma das maiores preocupações do deputado. No primeiro mês como membro da Assembléia Legislativa, elaborou proposta, dirigida à Companhia Telefônica, a fim de equacionar a questão da instalação de telefones em São Caetano. Na verdade, Massei acreditava que a negligência da companhia, em relação à cidade, devia-se, sobretudo, ao fato de que o progresso e a riqueza do município eram desconhecidos pela maioria dos deputados. Visando sanar o problema, pretendia elaborar dossiê mostrando o desenvolvimento de São Caetano do Sul.

Outros dois fatores afligiam os moradores do ABC (e também de todo o Estado): falta de higiene em certos estabelecimentos de venda de alimentos e preço abusivo dos produtos de primeira necessidade. Massei acompanhou os Comandos Sanitários em visitas a bares, restaurantes e vendas, além de, na Assembléia, ter apresentado propostas com a finalidade de diminuir o preço dos gêneros alimentícios.

O deputado possuía vários projetos em andamento na Assembléia Legislativa. Dois deles, um determinando a criação do Conservatório Dramático e Musical, outro a da Escola de Economia Doméstica, receberam, em 1963, parecer favorável na Comissão de Justiça. (Em outras palavras, ambas as reivindicações estavam previstas por lei.)

O problema da Habitação,

um dos mais sérios da cidade, agravou-se devido a um fato ocorrido na época. Os terrenos desocupados da Avenida Delamare eram uma verdadeira afronta às inúmeras pessoas que encontravam dificuldades para conseguir uma casa. Massei tinha a intenção de construir casas populares no terreno, mas, para isso, era preciso apelar ao governo federal. A situação estava estag-

orçamento do Estado, verba de 600 milhões de cruzeiros para a conclusão dos serviços. Em Junho de 1965, foi aberta concorrência para o término das obras. Os trabalhos iniciaram-se em Setembro.

No campo da Educação, em 1964 a Assembléia havia aprovado três projetos de Massei: Colégio Comercial, Escola de Administração de Empresas e Conservatório



Massei expõe aos jovens esportistas de São Caetano do Sul o projeto de um Centro Recreativo e Esportivo, que deveria ser construído no antigo Buracão da Cerâmica, atual Espaço Verde Chico Mendes. Ano de 1971

nada quando, em 1964, habitantes da cidade ameaçaram invadir a área. Se a União não encontrasse uma saída para o impasse, o próprio deputado admitia incentivar as invasões. Em Setembro de 1966, o governo federal resolveu doar os terrenos aos habitantes da cidade.

A conclusão da segunda etapa dos serviços para a captação de água da Billings era fundamental para que a região do ABC obtivesse o líquido em quantidade suficiente. Em 1964, Massei fez incluir, no

Dramático Musical. No ano seguinte, o deputado obteve do governador de São Paulo, Adhemar de Barros, a garantia de que seriam construídos três ginásios estaduais em São Caetano. Os novos grupos deveriam funcionar, respectivamente, dentro da Escola Senador Fláquer, da Escola Senador Roberto Simonsen e do Grupo Rudge Ramos (no Bairro Santa Maria). Em 1966, foram aprovados, na Assembléia, os seguintes projetos de Massei: Faculdade de Administração de Empresas, Giná-

sio Estadual de Vila São José, Ginásio Estadual de Vila Paula e Ginásio Estadual do Bairro da Fundação. No mesmo ano, foram inaugurados (projetos do deputado): Faculdade de Serviço Social e Ginásio Estadual de Vila Gerti.

Outro dos vários problemas do “jovem” Município de São Caetano do Sul era a falta de condições materiais e humanas das Varas Públicas para lidar com os inúmeros processos que se desenrola-

bléia, a criação de mais uma Vara de Justiça em São Bernardo.

Apesar de todas as melhorias obtidas, Massei tinha consciência de que, pela importância da cidade, ainda havia muita negligência do Estado em relação a São Caetano: *Municípios há, como São Caetano, que obtêm, para os cofres estaduais e federais, arrecadações fabulosas (...) Entretanto, no que diz respeito a obras – centros de saúde, ginásios, ca-*

um projeto que previa a criação de um colégio comercial, mantido pelo Estado, em São Caetano. A Prefeitura da cidade deveria apenas construir o prédio. *São Caetano do Sul (...) possui vários estabelecimentos de ensino primário, médio e normal, sentindo, contudo, a falta de um estabelecimento de ensino comercial, de iniciativa oficial, que atenda às necessidade da juventude trabalhadora e sequiosa de estudos especializados,* discursou Massei, justificando a criação do colégio comercial.

Ainda em 1967, obteve a concretização de outros dois projetos educacionais sugeridos durante o mandato anterior: o Curso de Administração de Empresas já estava funcionando (chamava-se Escola Superior de Administração de Negócios de Ação Social Padre Sabóia de Medeiros, e era agregada à PUC de São Paulo) e o colégio de Vila Barcelona, denominado Idalina Macedo Costa Sodré, foi inaugurado.

Em 1968, Massei candidatou-se a prefeito de São Caetano. Vencendo as eleições, assumiu, pela segunda vez, em Abril de 1969, o comando da cidade. Foi sucedido por Hermógenes Walter Baido em Fevereiro de 1973. Oswaldo Samuel Massei faleceu no dia 22 de Outubro desse mesmo ano. De 1949, quando foi vereador na primeira administração, a 1973, ano de sua morte, Massei, ininterruptamente, contribuiu para o desenvolvimento de São Caetano. *(Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória.)*



Massei e o bispo diocesano de Santo André, Dom Jorge Marcos de Oliveira (centro), na solenidade de retomada das obras do Lar Menino Jesus, em São Caetano do Sul

vam na cidade. Massei, percebendo a dificuldade, lutou para a criação da Terceira Vara Pública de São Caetano do Sul.

São Bernardo, aliás, sofria com os mesmos problemas. Desde 1955, apenas um juiz de Direito e um promotor respondiam pela Comarca de São Bernardo (havia, no município vizinho, cerca de 150 mil habitantes). O deputado Massei obteve, na Assem-

bleias públicas, estações ferroviárias, telégrafos –, tais municípios ficam apelando, às vezes por dezenas de anos, à boa vontade das autoridades.

Na terceira oportunidade como deputado, as prioridades anteriores foram mantidas e Massei redobrou as exigências para ver concretizados projetos que ainda não haviam saído do papel. Em 1967, obteve a aprovação de

Massei, o prefeito progressista

José Odair da SILVA(*)

Oswaldo Samuel Massei (1921 – 1973) foi um prefeito privilegiado. Legislou São Caetano do Sul nos dois momentos de maior progresso econômico da história moderna do país, e soube aproveitar as oportunidades para governar bem.

Eleito pela primeira vez para um mandato que ia de 1957 a 1961, Massei viveu o auge do desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek (1956 – 1960), que propunha fomentar investimentos nas áreas públicas e privadas, com autonomia administrativa e liberdade de opinião, inclinando-se para uma linha de desenvolvimento capitalista com feição nacional e presença ativa do Estado. JK distinguiu-se de Vargas ao enfatizar a área de bens de consumo duráveis, e não a de bens de produção. Concedendo às multinacionais prazo de isenção fiscal, terrenos, infra-estrutura e crédito oficial, o presidente atraiu fluxos de capitais sobretudo dos Estados Unidos, Alemanha, França e Japão, fazendo o PIB brasileiro crescer em média 7% ao ano. A produção industrial cresceu 80%, a siderurgia 100%, a indústria mecânica 125%, o setor elétrico e de comunicação 300%, transportes 600%.

A febre urbanizante leva ao êxodo rural. O padrão de industrialização adotado foi extensivo. Com as cidades precisando de gente, a contratação de trabalhadores aconteceu em ritmo acelerado. A expansão urbana alimen-

tava a construção civil, as rodovias, as indústrias e o setor de comércio. Inserido nesse contexto, Massei não deixou a desejar e tocou inúmeras obras, modificando também o perfil da cidade.

Seu segundo mandato (1969 – 1973), se realizou no chamado *Milagre Brasileiro*. Vários foram os fatores que, somados, geraram um crescimento econômico excepcional entre 1968 e 1973. O PIB dos países mais ricos do mundo (Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Itália, Inglaterra e Canadá) cresceu em média 4,6% ao ano, o que também puxou para cima o comércio mundial e as economias periféricas. Essa relativa fartura de capitais disponíveis foi atraída em parte pelo Brasil.

Os números do milagre impressionam: em seis anos o PIB brasileiro cresceu 88,4%, a indústria de transformação cresceu 111%, a indústria automobilística 215%, a produção de energia elétrica 89%, as exportações mais de 319%. A indústria automobilista foi o carro-chefe desse crescimento. No Grande ABC, as montadoras empregaram mais de 80 mil trabalhadores, e à sua volta gravitavam mais de 2 mil indústrias de autopeças, com mais de 200 mil trabalhadores. Em conjunto, foram responsáveis por 12% do PIB nacional.¹ O setor automobilístico estimulou a febril construção de estradas, pontes, viadutos e elevados. Mais uma vez, Massei não perdeu a visão do contexto nacional e tocou as obras prioritárias da cidade. Dentro desse cenário de cresci-

mento industrial acelerado acabou prevendo que São Caetano do Sul se tornaria uma cidade dormitório.

O PRIMEIRO MANDATO (1957-1961) – Os primeiros quatro anos do governo Massei foram de euforia e otimismo. Uma forte sensação de liberdade e crescimento espalhou-se pela cidade. Parecia irradiar a figura do próprio prefeito, da sua fé inabalável no desenvolvimento, e na sua rara habilidade no tratamento das questões políticas. Massei, ao assentar seu plano de governo, procurou aparelhar sua administração a fim de executar os diversos projetos econômicos e sociais. Essa atitude foi decisiva para o êxito do planejamento municipal e do alcance de seus objetivos.

O crescimento econômico de São Caetano do Sul foi expressivo, tanto no sentido de ampliação de serviços como na infra-estrutura. Os dados confirmam os níveis de crescimento: Massei recebeu a Prefeitura com uma previsão orçamentária de pouco mais de 112 milhões de cruzeiros. Ao fim de seu mandato, remeteu à Câmara uma proposta orçamentária para seu sucessor de 509 milhões de cruzeiros, ou seja, 220% a mais do que recebera, e com a vantagem de todas as contas pagas.

Tanto crescimento em tão pouco tempo se deveu, entre outros fatores, ao fato de São Caetano do Sul ter sido um pólo de atração econômica. Eram 350 fábricas e mais de 1600 pontos de comércio dando emprego para

mais de 20 mil pessoas, numa população estimada em 95 mil habitantes. Esse avanço da industrialização fazia parte do ambicioso programa do governo federal: *50 anos em 5*. Seriam cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo. Todo o planejamento econômico-financeiro do governo Juscelino Kubitschek foi direcionado para a aceleração da industrialização brasileira, articulada no chamado *Programa de Metas*. Esse programa pretendia, na realidade, consolidar a base da indústria do país, além de resolver, definitivamente, os grandes pontos de estrangulamento da economia nacional: energia, transporte e desequilíbrios regionais.²

Incorporando o espírito do desenvolvimentismo, Massei procurou apresentar resultados com obras práticas e objetivas que atendessem às expectativas da população: um novo hospital, uma delegacia do CIESP (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), uma ponte na Rua Ibitirama, retificação do leito do Rio dos Meninos, uma avenida marginal ligando São Caetano à Via Anchieta, três reservatórios de água, um grupo escolar, um museu municipal, dois postos de puericultura, dois parques infantis.

Mas a grande marca de Massei, a exemplo de JK, que construiu Brasília, foi a construção do Paço Municipal e da Concha Acústica, cumprindo promessa de campanha. O principal argumento para a construção baseava-se em desafogar o orçamento municipal com o aluguel de prédios particulares. O local escolhido ficava entre as ruas Rio Grande do Sul e Goitacazes, ao lado do Jardim 1º de Maio. Nessa área existia um campo de futebol de várzea utilizado pelo Clube Atlético Monte Azul.

O responsável pelo projeto foi o arquiteto Zenon Lotufo, famoso por ter participado da equipe que projetou o Parque do Ibirapuera, ao lado de Oscar Niemeyer. A inauguração se deu em 19 de Março de 1961, quinze dias antes de Massei passar o cargo a seu sucessor.³

Oswaldo Samuel Massei já tinha sido vereador na primeira legislatura (1949-1953). Eleito prefeito para a terceira legislatura com 13.512 votos, Massei adotou na sua ação política a orientação do seu partido, o PDC: *ser popular, porque a ascensão das massas é o maior fenômeno social dos nossos tempos; ser democrático, porque essa ascensão se traduz, politicamente, por participação crescente do povo no governo das nações; ser cristão por motivos óbvios de ótica.*

Praticou o moralismo político e o juridicismo, além de defender os direitos fundamentais democráticos, comuns aos outros partidos da época. Acrescentou aos seus discursos a maneira tipicamente católica de defender os direitos de nascer, fundar família e de culto. Ideologicamente, tomou postura distinta do liberalismo e do marxismo, aderindo ao nacionalismo econômico e declarando-se antiimperialista.

O fim do primeiro mandato de Massei foi marcado por enorme manifestação de estudantes contra o aumento de salários dos vereadores, que vigoraria para a próxima gestão. Um dia após as eleições municipais, o presidente da Câmara convocou sessão extraordinária para aprovar projeto de aumento de 500% nos salários dos vereadores! O projeto passou por 11 X 3. A notícia se espalhou rapidamente pela cidade e ganhou destaque na imprensa. *O News Seller* (atual *Diário do Grande*

ABC) deu a notícia, assim como *Estado de São Paulo*, *Jornal de São Caetano*, *Diário de São Paulo*, *A Hora*, *Folha de São Paulo*, *O Dia*, *Última Hora*, *Correio Paulistano*, *Folha do Povo*, *Jornal do Lar* e *Repórter de Santo André* também deram. A TV Tupi em seu programa Edição Extra divulgou a intenção da população de mobilizar uma campanha de rua contra o aumento. O Repórter Esso e a Rádio ABC fizeram a cobertura da passeata.⁴

A liderança do movimento coube ao Centro Acadêmico Grêmio Estudantil 28 de Julho e ao Centro Estudantil, que espalharam faixas pretas pela cidade, penduraram Judas pelos postes, construíram forcas pelas ruas juntamente com caixões negros. O serviço de alto-falante dava palavras de ordem contra o abuso da Câmara. Clubes, sindicatos e entidades de classe deram apoio ao movimento. No dia da posse do novo prefeito (quatro de Abril), 20 mil pessoas, ou seja, um quinto da população, protestou em passeata pelas ruas da cidade. Depois de muita pressão popular em torno da Câmara, finalmente, em 12 de Abril foi votada uma redução substancial dos valores propostos.

O SEGUNDO MANDATO (1969 – 1973) – O segundo mandato de Massei iniciou-se no período da mais virulenta ditadura. O país estava vivendo uma verdadeira guerra urbana. Em Agosto de 1969, o presidente Costa e Silva sofreu uma trombose cerebral, e com a metade do corpo paralisado perdeu a condição de exercer a presidência. O general Emílio Garrastazu Médici assumiu o cargo. Num clima intensificado pela propaganda oficial em torno da meta do “*Brasil Potência*”, am-

parada nos números do “*milagre brasileiro*”, Massei declarou total incentivo à produção industrial. Nesse período, São Caetano chegou ao limite máximo em termos geográficos para a expansão industrial. A cidade não possuía mais espaço para a instalação de novas indústrias.

Seguindo a linha do Brasil progressista, Massei trabalhou na cidade a fim de trazer benefícios para a população e deixar sua marca de administrador. Doou 18 mil metros de terreno ao SENAI, para a construção de uma escola de aprendizagem industrial; autorizou a criação da FEC (Faculdade de Ciências e Letras de São Caetano); construiu um viaduto sobre a Estrada de Ferro Santos-Jundiá, ligando São Caetano (Rua José Paolone à Av dos Estados (Rua Aquidaban), batizado de Viaduto da Independência, iniciou as obras do novo Fórum, na Estrada das Lágrimas, do Ginásio de Esportes na Vila São José, e do Posto de Puericultura, na Vila Barcelona. Outra marca forte desse segundo mandato foi o recorde de arrecadação que levou São Caetano do Sul ao auge de crescimento urbano e industrial. Em 1971, a arrecadação girou em torno de 56 milhões de cruzeiros novos, em 1972 foram 83 milhões de cruzeiros novos, e em 1973 a arrecadação prevista era de 98 milhões de cruzeiros novos. A fonte principal de tanta riqueza era sem dúvida a indústria.

No campo político insere-se o mandato de Massei no contexto do Brasil pós-64. Ou seja, sob o ângulo da modernização, o capitalismo de Estado buscou a eficiência da máquina capitalista brasileira inserida no plano internacional. O próprio Massei en-

tendia isso como: *sem tecnologia não faremos nada* Assim, com a dissolução dos treze partidos existentes antes de 1964, surgem dois novos partidos: a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), formado basicamente de antigos membros da UDN e PSD, além dos mais variados pequenos partidos, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), que abrigou os discordantes do golpe militar, principalmente membros do PTB.

Eleito pela ARENA com 28.885 votos, Massei, na área social por exemplo, retomou as propostas do antigo PDC (Partido Democrata Cristão), por sua vez inspiradas na *Mitbestimmung*, da Democracia Cristã alemã, que buscava em suas próprias palavras a *reforma estrutural da empresa brasileira, de sorte a nela integrar-se o trabalhador, fazendo-o participar ativamente de sua gestão....* A respeito da posição programaticamente oferecida pela ARENA no tocante ao complexo industrial e à tecnologia avançada, Massei procurou nesse segundo mandato seguir à risca as orientações do partido. O resultado se vê nas obras realizadas e também nas falas de forte teor ideológico: *Temos uma imperativa necessidade de assegurar o crescimento industrial nacional, com participação efetiva dos municípios nesse processo, mediante o estímulo de atração de novas empresas, nas mais variadas áreas, inclusive de pesquisa tecnológica*

CONCLUSÃO – É evidente que Massei foi um administrador de seu tempo. E seu tempo foi também o tempo do Brasil progressista. Em um primeiro mandato, seguindo as orientações do chamado desenvolvimentismo, pro-

jetou uma São Caetano futurista. Atraindo uma delegacia do CIESP, previu o crescimento industrial; ampliando os reservatórios de água, previu aumento da população; criando uma novo Paço Municipal, previu a importância política da cidade na região. No segundo mandato, em pleno milagre brasileiro, levou a cidade ao limite industrial da época, bateu recordes de arrecadação e criou a vida acadêmica em São Caetano, com a iniciativa da FEC.

Resolveu os problemas da cidade em um contexto de aceleradas transformações com bastante criatividade, sem desprezar os desafios sociais e tecnológicos impostos pelo momento. Enfim os dois mandatos de Massei podem ser resumidos nessa máxima democrática: *A democracia vai além de simples meio, significa um valor universal, quando honesto nos processos e válido nos resultados em favor das grandes majorias e no respeito aos direitos também das minorias.*

1 - ALZUGARAY, Domingo. *Atlas Histórico – Brasil 500 anos*, São Paulo, Editora Três, 1998.

2 - TEIXEIRA, Francisco e TOTINI Maria Elizabeth. *História Econômica e Administrativa do Brasil*, São Paulo, Ática, 1991, p.p. 186-187.

3 - Raízes, ANO XI, nº 21, julho de 2000, São Caetano do Sul, p.p. 39-42.

4 - Revista Raízes Ano II, nº 3, julho de 1990, São Caetano do Sul, pp.24-35.

(*) José Odair da Silva, mestre em História pela PUC-SP, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória, professor universitário. Autor do livro *Mito, Memória e História Oral*



**Memória
Fotográfica
Dossiê**

Fotos: Fundação Pró-Memória



1 – Cerâmica Futebol Clube, ano de 1938. Em pé, da esquerda para a direita: Reis, Campioni, Martorelli, Oswaldo Massei, Bico, Tatui, Francisco Massei (presidente). Agachados: Guilherme Boscolo (Scarpato), Carlito, Figueira, Américo Boscolo e Kuke



2 – Os prefeitos do ABC reuniam-se freqüentemente no final da década de 50 para debater a execução da segunda etapa do abastecimento de água para a região. Na ponta da mesa, o prefeito de São Bernardo do Campo, Lauro Gomes; à sua esquerda, o prefeito de Santo André, Oswaldo Gimenez; e à sua direita, o prefeito de São Caetano do Sul, Oswaldo Samuel Massei



3 – Em 1954, o deputado estadual Oswaldo Samuel Massei (segundo da esquerda para a direita) participou de um encontro com o presidente Getúlio Vargas no Palácio do Catete



4 – Em 1957, o prefeito Oswaldo Samuel Massei passou o cargo, provisoriamente, ao vice-prefeito Lauro Garcia, diante dos vereadores da Câmara Municipal



Memória Fotográfica Dossiê

Fotos: Fundação Pró-Memória

1 – Em 1958, o governador de São Paulo, Jânio Quadros, participou de um comício político em São Caetano do Sul. No palanque, à esquerda, Oswaldo Samuel Massei, prefeito municipal



2 – Visita do prefeito Oswaldo Samuel Massei ao governador Jânio Quadros, no Palácio dos Campos Elísios, em apoio à candidatura de Carvalho Pinto para o governo estadual. Da esquerda para a direita: Jânio Quadros, Hamilcar Paranhos, Altamiro Dias da Motta, Oswaldo Samuel Massei e Walter Braido. Ano de 1958



3 – Em sua primeira administração (1957-1961), o prefeito Oswaldo Samuel Massei inaugurou o primeiro parque infantil de São Caetano do Sul, o Jardim de Infância 1º de Maio. O prefeito, ao lado do vereador Walter Braido, visitou o local em nove de Dezembro de 1958



4 – Em 1959, o prefeito Oswaldo Samuel Massei inaugurou as novas instalações do ginásio da antiga Vila Marlene (hoje Bairro Nova Gerte), atual Escola Estadual Padre Luiz Capra. Da esquerda para a direita: ex-prefeito Ângelo Raphael Pellegrino; professor Olívio Gomes, delegado regional de ensino; Oswaldo Samuel Massei; João Cambaúva, presidente da Câmara Municipal



5 – Reunião do prefeito Oswaldo Samuel Massei com o brigadeiro Roberto Brandini para tratar da extensão da rede de gás canalizado para São Caetano do Sul. Ano de 1971





Memória Fotográfica Dossiê

Fotos: Fundação Pro-Memória



1

1 – A construção da Ponte do Rio dos Meninos, na divisa de São Caetano do Sul com São Paulo, em 1959, contou com a presença do secretário de obras de São Paulo, brigadeiro Faria Lima. Da esquerda para a direita: João Cambaúva, Oswaldo S. Massei, Walter Braido, Cláudio Musumeci, brigadeiro Faria Lima, (?), (?), (?)



2

2 – Em 1959, o prefeito Oswaldo Samuel Massei inaugurou o Bazar Beneficente da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita: Lenice Barontine, Lauro Garcia, Cláudio Musumeci, Oswaldo Massei, Dolores Massei, Dona Eolina e, ao fundo, Américo Cavallini



3

3 – No dia 23 de Junho de 1959, foi assinado o contrato entre a Prefeitura de São Caetano do Sul e a Indústria Metalúrgica Barbara para o fornecimento de 20 milhões de cruzeiros em tubos de ferro destinados à extensão da rede de água, em mais de 30 quilômetros, para os bairros de São Caetano



4

4 – Em 1960, o prefeito Oswaldo Samuel Massei encontrou-se com o secretário de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo, Faria Lima, para tratar do abastecimento de água na região do ABC. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Elio Bernardes, prefeito de Mauá; Oswaldo Samuel Massei; engenheiro José Martiniano de Azevedo, do DAE; secretário Faria Lima; vereador João Anhê, presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul



Fotos: Fundação Pro-Memória

1 – Em 1960, durante os festejos do 83º aniversário de São Caetano do Sul, o prefeito Oswaldo Samuel Massei participou de um coquetel com a diretoria da Rádio 9 de Julho, de São Paulo. Da esquerda para a direita: Geraldo Meireles, Henry Veronesi, Pedro de Natale, Oswaldo Samuel Massei e Amadeus Van Boucksan



2 – O prefeito Oswaldo Samuel Massei presidiu, em 1960, a posse dos membros da Comissão de Bolsas de Estudo, em cerimônia realizada em seu gabinete. No sentido horário: Raimundo da Cunha Leite, Altamiro Dias da Motta, Manoel Evangelista da Cunha, Antônio Rodrigues Cordeiro, Oswaldo Samuel Massei, Walter Braidó, (?), João Anhê, (?), Oscar Garbelotto, Nilo Ribeiro de Figueiredo e professor Moura Branco



3 – Em 1960, o prefeito Oswaldo Samuel Massei prestigiou a inauguração do monumento em homenagem às mães, no Bairro da Fundação. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: João Anhê, Ângelo Raphael Pellegrino, (?), Oswaldo Samuel Massei, Vitório Dal'Mas, Luiz Martorelli e capitão Juventino Borges



4 – Em 1960, os prefeitos da região do ABC reuniram-se para discutir o problema da poluição da água e do ar. No sentido horário: Elio Bernardi, prefeito de Mauá; Oswaldo Samuel Massei, prefeito de São Caetano do Sul. Em pé: engenheiro José Martiniano de Azevedo; brigadeiro Faria Lima, secretário de Viação e Obras Públicas; vereador João Anhê, presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul; e Oswaldo Gimenez, prefeito de Santo André



**Memória
Fotográfica
Dossiê**

Fotos: Fundação Pro-Memória



1 – Em 12 de Março de 1961, o prefeito Oswaldo Samuel Massei inaugurou o reservatório de água do Bairro Santa Maria, em companhia do candidato a prefeito Hermógenes Walter Braidó



2 – Em Junho de 1967, o Bairro Prosperidade foi oficialmente anexado ao Município de São Caetano do Sul. O deputado Oswaldo S. Massei, à esquerda do prefeito Walter Braidó, prestigiou o acontecimento em companhia dos líderes locais



3 – Em 16 de Agosto de 1968, o deputado estadual Oswaldo Samuel Massei prestigiou o terceiro aniversário do Tijucussu Clube. Na oportunidade, o presidente do clube, Vítor Matsudo, fez uso da palavra



4 – O deputado estadual Oswaldo S. Massei acompanhou a visita do presidente Arthur da Costa e Silva à região do ABC. Da esquerda para a direita: Abreu Sodré, Manoel Ferreira, Oswaldo Samuel Massei, Aldino Pinotti e o presidente. Ano de 1969



5 – Em 1972, o prefeito Oswaldo S. Massei, junto com o governador do Estado, Laudo Natel, e outras autoridades municipais, inaugurou o Viaduto da Independência, que recebeu esse nome em homenagem ao sesquicentenário (150 anos) da Independência do Brasil



1 – O prefeito Oswaldo Samuel Massei e sua esposa Dolores Massei, ao completarem 25 anos de casamento, em 28 de Julho de 1969, foram homenageados pelas senhoras da Apami – Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância



2 – Em sete de Junho de 1969, na cerimônia de juramento à bandeira, realizada no Tiro de Guerra 069 de São Caetano do Sul, o prefeito Oswaldo Samuel Massei recebeu a visita do general de divisão Dalle Coutinho e do prefeito de São Bernardo do Campo, Aldino Pinotti



3 – Prefeito Oswaldo Samuel Massei, sua esposa Dolores Massei, e o bispo da Diocese de Santo André, Dom Jorge Marcos de Oliveira, na abertura da IV Feira das Nações, realizada em São Caetano do Sul



4 – No início dos anos 70, Manoel de Barros Loureiro e o prefeito Oswaldo Samuel Massei assinaram o documento de doação do terreno da antiga Louças Adelinas para a Prefeitura Municipal





**Memória
Fotográfica
Dossiê**

Fotos: Fundação Pró-Memória



1 – No início dos anos 70, o prefeito Oswaldo S. Massei adotou a prática do hasteamento da bandeira nacional em frente ao Paço Municipal. Na ocasião, o hasteamento foi realizado pelo presidente da General Motors do Brasil, James F. Waters Júnior. Ano de 1971



2 – Em 1970, o prefeito Oswaldo Samuel Massei recepcionou a menina Denise Namur, "Minimiss" São Paulo



3 – Em 1971, o prefeito Oswaldo Samuel Massei e o presidente da Câmara Municipal, Armando Furlan, receberam o governador Abreu Sodré para a inauguração de novos edifícios na Escola de Engenharia Mauá



4 – Em 1971, no antigo Palácio dos Esportes, o prefeito Oswaldo Samuel Massei participou do lançamento de um evento esportivo. Da esquerda para a direita: José Bonaparte, Armando Furlan, prefeito Massei e Walter Andrade

Arte Sacra em Mauá

Luciana SENHORELLI
e Cibele Margarete BIO (*)



Quem passa pela Avenida Dom José Gaspar, na cidade de Mauá, não imagina que, no interior do Hospital da

Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, esconde-se um dos grandes momentos da arte sacra brasileira.

A Capela da JOC, pintada por Emeric Marcier, reúne movimento, cor e forma no teto e em todas as paredes, e o resultado é de uma beleza plástica indescritível. (Elzir Saracino/ 2000)

EMERIC MARCIER – Emeric Marcier nasceu na Transilvânia, Romênia, em 1916. Com 19 anos seguiu para Milão, onde estudou na Real Academia de Belas Artes. Estudou também em Paris. Trabalhou em Lisboa, de onde, em 1940, saiu para refugiar-se no Brasil, em consequência da Segunda Guerra Mundial. Naturalizou-se brasileiro e aqui fixou residência. Nesse mesmo ano, expôs pela primeira vez no Rio de Janeiro, apresentando quadros surrealistas.

Em 1942 fez exposições no Museu Nacional de Belas Artes. Converteu-se ao cristianismo enquanto percorria as cidades históricas de Minas Gerais, onde conheceu a obra



O artista Eric Marcier e a fachada da capela Juventude Operária Católica de Mauá

de Aleijadinho e com ela se impressionou. Desde então, sua obra foi fundamentada nos temas religiosos e na paisagem mineira.

Nesse mesmo período, a Igreja Católica já possuía vários movimentos operários, um deles era a JOC, sigla da Juventude Operária Católica. O padre Eduardo Roberto Batista, membro da JOC, conseguiu a doação de um terreno, recursos para a construção da Colônia de Férias e da Capela da JOC, e também convidou Emeric Marcier para fazer os afrescos no interior da capela.

Esses afrescos estão entre os mais importantes trabalhos religiosos do Brasil.

Marcier começou a pintura desses afrescos em 1945, trabalhando à noite, à luz de velas, no reboco ainda fresco, que os pedreiros faziam durante o dia. Constam de 23

painéis, divididos entre o Velho e o Novo Testamento, demonstrando um artista maduro, dono dos seus meios e de um estilo expressionista muito pessoal. Um artista marcado pelas tragédias e humilhações do início da Segunda Guerra Mundial.

Além dessa capela, Marcier pintou igrejas no Rio de Janeiro, em Juiz de Fora, Barbacena e Belo Horizonte, obras que o consagraram *o mais importante muralista religioso do Brasil* e que motivaram, em 1952, o fundador e então diretor do MASP, Pietro Maria Bardi, numa entrevista à revista *Habitat*, a dizer que: *Os afrescos de Marcier assumem para a minguada história da Arte Brasileira uma importância sem precedentes.*

Ao término da construção da capela, alguns padres e religiosos não apreciaram os afrescos (ficaram chocados), e



A pesquisadora do Gipem Adriana Andreone em visita à Capela de Mauá, em 1992

em razão disso perderam o interesse pela capela. Então, em 1959, o prefeito Élio Bernardi desapropriou a área para construir um hospital (a Santa Casa de Misericórdia). Pretendia, portanto, derrubar a capela. Houve, porém, uma passeata da JOC, e a capela foi mantida no centro do terreno.

Contudo, a capela não foi preservada: possuía goteiras, infiltrações de água, umidade e problemas na parte elétrica. Marcier, ao retornar ao Brasil em 1985, após longa temporada de exposições na Europa, disse ao visitar a capela: Aqui falta amor, mostrando-se disposto a recuperá-la, desde que fosse tombada.

Infelizmente, Marcier faleceu em Paris, em 1990, vítima de enfarte. Seu corpo foi trazido para Minas Gerais e sepultado em Barbacena, no Cemitério da Boa Morte. Iria completar 74 anos.

No pintor, o pensar é ver. Muitos pintores hoje não vêem as coisas, portanto seus quadros nada exprimem. A pintura não é vista apenas com os olhos reais, mas também com o olho interior. Eu aprendi a pintar em Milão, mas foi aqui (Brasil) que eu aprendi a ver. Entrevista concedida ao Jornal O Globo, em 1985.

CENAS DA CAPELA – As pinturas da capela iniciam-se ladeando o portal de entrada, onde vemos o Anjo anunciando a chegada do Messias. (Isaías 9.6)

Ao entrarmos na capela, na parede de fundo vemos cenas do Velho Testamento, como *A Criação do Homem*, que mos-

tra o sopro de Deus sobre o pó da terra, criando Adão (Gênesis 2.7). No meio, acima da porta, *O Paraíso*, onde encontramos a serpente oferecendo a maçã (Gênesis 3.6). Do lado direito, *A Expulsão do Paraíso*, o querubim, a mando de Deus, expulsando Adão e Eva, para que o seu pecado não viesse a contaminar o paraíso (Gênesis 3.24). Nessa mesma parede, do lado esquerdo, *O Batismo de Jesus*, demonstrando a existência da Trindade: o Pai, que fala; o Espírito Santo, personificado na pomba; e o Filho, aquele que é batizado (Lucas 3.21). Do lado direito vemos a representação de Cristo sendo levado ao sepulcro (João 19.38). Na parede frontal da nave, que se abre para o altar, temos a representação de cenas do Apocalipse, segundo a visão artística e religiosa de Marcier, um judeu convertido ao cristianismo. Nessa parede, Marcier retrata algumas das visões de João, na ilha de Patmos, como *a mulher vestida do sol*; *o dragão cor de fogo, de sete cabeças*; *a grande batalha de Miguel e seus anjos contra o dragão*; *os quatro cavaleiros do Apocalipse*; *os setes anjos e os sete cálices*; e *as foices e a vindima dos pecadores* (Apocalipse).

No teto, a representação de *Jesus Docente*, de cinco metros de comprimento, segurando, com a mão direita, o livro da vida, para revelar e realizar o projeto de Deus. Nos quatro ângulos do teto estão representados os quatro Apóstolos Evangelistas (Apocalipse 5).

Nas paredes laterais da nave, encontramos murais sobre

o Velho Testamento. São eles: *A Transfiguração de Jesus entre Moisés e Elias*, onde é possível ver os apóstolos apreciando a beleza da transfiguração de Cristo, que ficou reluzente como o sol (Mateus 17.1). *Moisés quebra as Tábuas da Lei*, quando, ao retornar do Monte Sinai trazendo os dez Mandamentos, encontra seu povo adorando o bezerro de ouro (as tábuas são quebradas sobre o ídolo de ouro) (Êxodo 32.19). *O Dilúvio* representa a arca de Noé sobre as águas do dilúvio, pois Deus pretendia destruir a humanidade. Salvaram-se apenas Noé, sua família, e cada uma das espécies animais (Gênesis 7.6). *A Torre de Babel*. Os homens começaram a construir uma torre capaz de atingir o céu, no intuito de tornar famosos os seus nomes. Durante a construção, Deus confundiu a língua dos povos, impedindo o término da torre. Marcier acrescenta a esse mural elementos da História Mundial Contemporânea: dois aviões nazistas voando ao redor da torre. Parece ter sido intenção do artista fazer uma interferência sobre a imagem da Torre de Babel, ao lembrar cenas da II Guerra Mundial (Gênesis 11.4). *Fuga do Egito*, após a travessia de Moisés e seu povo pelo Mar Vermelho, este se fecha, afogando todos os soldados egípcios que os perseguiam (Êxodo 14.21). *Pentecostes*. Descida do Espírito Santo sobre os 12 Apóstolos, que começam a falar em várias línguas as maravilhas de Deus para o povo (Atos 2.1).

No altar-mor, pintada numa superfície côncava, vemos a

Santíssima Trindade, representando O Pai, uma grande imagem de Deus; O Espírito Santo, uma pomba; e O Filho, num crucifixo em metal sobre a mesa do altar. No teto do altar encontramos as letras gregas Alfa e Ômega, que se referem a Cristo, o começo e o fim, que virá outra vez, para julgar os vivos e os mortos (Apocalipse 21.6). Na parede ao fundo, Marcier representou cenas do Juízo Final, mostrando a batalha do bem contra o mal. Ao centro, o Cordeiro de Deus segurando o Livro da Vida (Apocalipse 20.12). Na parede lateral direita, o altar *A Deposição de Cristo* por José de Arimatéia e Nicodemos (João 19.38). Do lado esquerdo, *A Ascensão de Cristo* ao céu diante de uma multidão (Lucas 24.51).

Como citado anteriormente, a capela é toda pintada, inclusive a sacristia, com cenas do Novo Testamento. Na sacristia, logo ao entrarmos pela direita deparamo-nos com a *A Crucificação* de Jesus no Calvário, ladeado pelos ladrões. Nessa cena, Marcier retratou em cada personagem o rosto dos funcionários e amigos da JOC, prestando-lhes homenagem (Lucas 23.33). Na lateral direita, vemos *A Flagelação* de Cristo, preso à coluna, de onde o levaram para ser crucificado (João 19.1). Na lateral direita, *Ecce Homo*, representando Jesus entregue aos soldados para a crucificação (João 19.4).

Na parede de entrada, acima da porta detrás do altar, uma representação em tamanho menor do *Suicídio de Judas* (Mateus 27.3). Na parede, entre as duas portas, a

Ressureição de Cristo, quando Maria Madalena, Maria (mãe de Tiago) e Salomé foram ao sepulcro e encontraram a pedra removida. Um anjo, assentado sobre a pedra, disse-lhes que Jesus havia ressuscitado (Marcos 16.1). Acima da porta, à direita, também vemos uma representação, em tamanho menor, da *Negação de Pedro*, que depois de ter sido reconhecido como um dos seguidores de Jesus e tê-lo negado por três vezes, ouviu o galo cantar, lembrando-se do que lhe havia dito Jesus (Lucas 22.54).

A Capela da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia fica na Avenida Dom José Gaspar, 1280, Vila Assis, Mauá. Missa às 15h00, todas as quintas-feiras.

FONTES -

Material de pesquisa do acervo do Museu Barão de Mauá:

Federico Mengozzi. Ato de Fé em Mauá: Revista Família Cristã, p. 12 /13, nº739, julho de 1997.

Pasta n.º 49 "Capela da JOC", diversos artigos.

Pasta n.º 95 "Pinturas de Emeric Marcier", diversos artigos.

Bíblia Sagrada. Edição Barsa, 1968

(*) Luciana Senhorelli e Cibele Margarete Bio são pesquisadoras do Museu de Mauá

A transição entre a fazenda beneditina e o Núcleo Colonial em São Caetano (1862-1877)

Cristina Toledo de CARVALHO (*)



Artigos

O presente artigo retrata a transição entre a fazenda beneditina e o Núcleo Colonial em São Caetano. Sendo assim, procurou-se resgatar as questões históricas que a determinaram. Pôde-se concluir, com base nas idéias de José de Souza Martins¹, que tal transição envolveu, necessariamente, duas experiências pioneiras: a extinção da escravidão, decretada, dezessete anos antes de sua promulgação no Brasil², pelos monges beneditinos na antiga Fazenda de São Caetano e nas demais fazendas pertencentes à Ordem; e a adoção do trabalho livre, difundido e consolidado pioneiramente também em São Caetano, através de seu Núcleo Colonial. Por fim, reservou-se, ainda, um espaço aos fatos relativos à formação deste Núcleo Colonial, e também aos que se encontram ligados à chegada do primeiro grupo de imigrantes italianos a São Caetano, em 28 de Julho de 1877. Todos esses episódios poderão ser apreciados a partir de agora.

FIM DA FAZENDA – A transição entre a fazenda beneditina e o Núcleo Colonial, em São Caetano, começou a desenhar-se já em 1862. Segundo consta, no mencionado ano os escravos da então fazenda de São Caetano, que pertencia à comunidade dos monges beneditinos de São Pau-

Matriz Velha de São Caetano, construída em cima do lugar onde existira a igreja rural de São Caetano. Tal igreja fora edificada pelos monges da Ordem de São Bento, entre 1717 e 1720. Nesse lugar, estão sepultados antigos escravos da fazenda beneditina de São Caetano



Fundação Pro-Memória

lo, rebelaram-se contra o regime de trabalho imposto por esses religiosos. Tudo indica que a relativa liberdade apresentada pelos cativos daquela fazenda esteve no centro dessa tensão.

Frei José de Santa Maria Amaral, do Mosteiro do Rio de Janeiro, quando fez uma visita à Fazenda de São Caetano, em 1862, pôde perceber que os escravos viviam dispersos pelo seu interior. Esta liberalidade mostrou-se, contudo, prejudicial aos beneditinos, sobretudo no momento em que a Assembléia da Província de São Paulo instituiu um imposto de dez mil réis por cabeça de escravo. De acordo com os documentos, o referido tributo recaía também sobre os velhos e as crianças, o que encarecia, consideravelmente, a produção apoiada na escravidão. A solução encontrada pelos monges de São Bento foi a de aumentar a produtividade do trabalho escravo através da imposição de uma disciplina que obrigava os cativos a viverem nas proximidades das olarias, cuja produ-

ção constituía a base econômica daquela fazenda, desde 1730, ano em que os beneditinos instalaram em São Caetano o primeiro forno para a feitura de tijolos. A observância dessa disciplina evitaria, assim, o desperdício de tempo e, principalmente, o desvio da mão-de-obra escrava para as atividades consideradas complementares, como por exemplo as roças de subsistência.

Este problema com os escravos tornava ainda mais caótica a situação da Fazenda de São Caetano. Isso porque há muito tempo vinham os beneditinos sofrendo pressões do governo lusitano. Tais pressões iniciaram-se na segunda metade do século XVIII, durante a administração do marquês de Pombal, e culminaram no trancamento do noviciado, em 1855, que fora assinado pelo ministro da Justiça de D. Pedro II, José Tomás Nabuco de Araújo. Desta forma, a Ordem em questão viu-se impedida de receber novos monges, fato que lhe trouxe inúmeras consequências, dentre elas, a dificuldade na

administração de suas diversas fazendas.

As interferências do Estado em questões pertinentes às ordens religiosas não pararam por aí. Novas leis foram promulgadas posteriormente àquela exigência de trancamento, como as de 1869 e 1870, cujos termos exigiam a conversão dos bens pertencentes às corporações religiosas em apólices da dívida pública, o que possibilitava ao governo apoderar-se deles. Luiz Gonzaga Piratininga Júnior, ao referir-se às tensões inerentes às relações entre Estado e Igreja, foi bastante contundente: *Se ponderarmos bem, veremos que essa briga na cúpula do poder evidenciava as primeiras divisões nas relações Igreja-Estado. Um jogo de gato e rato, no qual o rato aqui eram as ordens religiosas e seus bens: escravos, fazendas e imóveis urbanos. As últimas pressões incidiram sob a forma de altos impostos sobre as terras e os escravos.*³

A repercussão na Fazenda de São Caetano da cobrança do imposto de dez mil réis por cabeça de escravo ilustra muito bem as considerações feitas por Piratininga. A resistência que os seus escravos opuseram, em 1862, ao regime de trabalho exigido pelos beneditinos, motivou estes últimos a tomarem algumas decisões corajosas. Frei José de Santa Maria Amaral, ao levar ao conhecimento do Capítulo Geral da Ordem de São Bento, reunido na Bahia no dia quatro de Maio de 1863, o episódio referente à rebeldia dos escravos de São Caetano, acabou estimulando sérias discussões entre os beneditinos quanto à manutenção da escravidão nas suas diversas fazendas. Estas discussões surtiram efeito, uma vez que foram trans-

formadas em leis que, gradativamente, extinguíram a mão-de-obra escrava naquelas fazendas. Portanto, a libertação geral dos escravos da Ordem de São Bento deu-se, no Brasil, em 1871, após a promulgação de duas outras leis: a de 1863, que assim dispunha: *As nossas escravas que tiverem seis filhos de legítimo matrimônio tenham direito a sua liberdade gratuitamente*⁴; e a de 1866, que ordenava: *Sejam livres todos os filhos nascidos de nossas escravas desde o dia 3 de maio do corrente.*⁵

Com base no que foi dito acima, pode-se afirmar que a macrohistória acompanhou os passos dos monges de São Bento no sentido da abolição do trabalho escravo. Isso porque foram os beneditinos que puseram em prática o modelo de extinção gradual da escravidão que seria seguido, com atraso, pelo governo imperial⁶. Nesse sentido, é de fundamental importância deixar claro que, independentemente dessa experiência pioneira dos beneditinos, a escravidão já estava com os seus dias contados no Brasil. A sua manutenção contrariava profundamente os princípios inerentes ao novo estágio do capitalismo, em vigor desde meados do século XVIII, por ocasião da Revolução Industrial. Dessa maneira, a mão-de-obra escrava deixava de ter sentido, pois, na qualidade de elemento essencial do mercantilismo, entrava em choque com os propósitos da política econômica encabeçada pela Inglaterra, desde o período mencionado acima.

De qualquer forma, não há dúvida de que o fim da escravidão na Fazenda de São Caetano foi uma das principais causas de sua venda para o governo imperial, em 1877. Outros fatores

concorreram também para isso. Como já foi dito anteriormente, o trancamento do noviciado, em 1855, trouxe à Ordem de São Bento inúmeros problemas, dentre eles as dificuldades que os religiosos passaram a encontrar no tocante à administração de suas fazendas. A Fazenda de São Caetano, nessa perspectiva, não fugiu à regra, já que recaíram também sobre ela as conseqüências daquele trancamento, como o despovoamento dos mosteiros, *a ponto de, com a continuação do tempo, muitos deles ficarem só com um ou dois religiosos e em geral de idade avançada*⁷. Somava-se, ainda, a esse problema, a concorrência sofrida pelos tijolos produzidos em São Caetano, concorrência essa que reduziu significativamente o preço desses tijolos.

Pelas razões expostas, a manutenção da fazenda em questão tornou-se inviável para os religiosos de São Bento. Novos tempos começavam, assim, a acenar para São Caetano.

NÚCLEO COLONIAL – Os projetos relativos à transformação das terras beneditinas de São Caetano em núcleo colonial começaram, pouco a pouco, a concretizar-se, conforme demonstram as considerações abaixo.

No dia 24 de Setembro de 1874, foi feito o primeiro relatório sobre as condições apresentadas pela Fazenda de São Caetano, na hipótese de sua desapropriação pelo governo imperial. Dois anos depois, mais precisamente em 21 de Setembro de 1876, foi enviado, da Capital do Brasil, um telegrama ao presidente da Província de São Paulo, no qual se exigia uma declaração escrita do abade de São Bento. Deveria ele nessa declaração



Eugenia, Martino e Francesco De Martini chegaram a São Caetano em 28 de julho de 1877

*Nacional pelo preço e quantia de deseseis contos de reis, (...) a ella transmite todo o direito, posse, senhorio e acções que nas (...) terras ou fazendas de São Bernardo, Jurubatuba e São Caetano tinha o mesmo Mosteiro, (...)*⁸

Paralelamente ao processo de formação do Núcleo Colonial de São Caetano, acirravam-se nos bastidores as discussões entre as autoridades políticas brasileiras sobre a orientação a ser dada, não só a tal núcleo, mas também aos demais que estavam se formando na mesma ocasião. No caso de São Caetano, decidiu-se que seu núcleo colonial deveria privilegiar o desenvolvimento de uma agricultura que pudesse abastecer o mercado interno, sobretudo o da cidade de São Paulo.

Tendo em vista essa finalidade, restariam às terras da antiga fazenda beneditina de São Caetano aguardar a chegada do primeiro grupo de imigrantes italianos.

PRIMEIROS IMIGRANTES –

concordar com a desapropriação daquela fazenda. No dia 30 de Dezembro do mesmo ano, o Ministério da Agricultura ordenou à Diretoria Geral das Terras e Colonização a escolha de um engenheiro para a medição das terras que compunham a Fazenda de São Caetano. Em Fevereiro de 1877, o presidente da Província de São Paulo, Sebastião José Pereira, foi autorizado a realizar a compra da aludida fazenda, a fim de que suas terras pudessem ser divididas em lotes. Finalmente, no dia cinco de Julho de 1877, foi concretizada a venda da Fazenda de São Caetano ao governo imperial, a partir do registro de sua escritura no Cartório do 1º Ofício de São Paulo.

Tal escritura atesta que, além da Fazenda de São Caetano, outras duas fazendas, que também integraram por mais de um século o patrimônio da comunidade

beneditina de São Paulo, foram vendidas nessa mesma ocasião. As disposições contidas na escritura de venda confirmam isso:

(...) o Mosteiro de São Bento desta cidade, (...), pela prezente escriptura (...) vende à Fazenda



Sr. Celeste De Nardi, imigrante do primeiro grupo de colonos, ao lado de sua esposa, a Sra. Lorenzina Gava De Nardi, em foto de 1903. O casamento deles ocorreu em 1880, tendo sido o primeiro a realizar-se entre os imigrantes do Núcleo Colonial de São Caetano Folha de São Caetano – Edição Especial do Centenário: 28/07/1977

Os imigrantes italianos que integraram o primeiro grupo que aqui chegou, em 28 de Julho de 1877, eram camponeses pobres, originários de Capella Maggiore, distrito de Vittorio Veneto, Província de Treviso. Dentre outros, compuseram esse grupo pioneiro: Antonio Daffré, Antonio Gallo, Antonio Garbelotto, Antonio Martorelli, Celeste De Nardi, Celeste Pantallo, Domenico Bottan, Domenico Perin, Eliseo Leone, Francesco Bortolini, Francesco De Martini, Francesco Fiorot, Gaetano Garbelotto, Gaetano Garbelotto Filho, Giacomo Dal' Cin, Giacomo Garbelotto, Giovanni De Nardi, Giovanni Moret, Giovanni Peruch, Giovanni Tomé, Giuseppe Braido, Giuseppe De Savi, Luigi D'Agostini, Modesto Castelotti, Natale Furlan, Paolo Martorelli, Pietro Pessot, Tommaso Tomé.⁹

Saíram eles daquela província no dia 29 de Junho de 1877, praticamente um mês antes da chegada a São Caetano. Dois dias depois, ou seja, no dia primeiro de Julho, embarcaram eles no vapor Europa, que partiu de Gênova rumo ao Brasil. Em 22 de Julho, desembarcaram, finalmente, no porto de Santos, de onde seguiram para a Hospedaria, localizada, na época, na Rua do Gasômetro, em São Paulo. Lá ficaram alojados até o dia 28 de Julho, quando foram conduzidos para o Núcleo Colonial de São Caetano por Emílio Rossi, intérprete-administrador dos colonos que aqui se instalaram.

Estavam à espera deles algumas autoridades, como Sebastião José Pereira, presidente da Província de São Paulo, e Leopoldo José da Silva, engenheiro-chefe do Núcleo Colonial de São Caetano.

Passada a cerimônia de recep-

ção, os imigrantes começaram a tomar contato com uma dura realidade. Quem muito bem a relatou foi José Tomé, filho de Tommaso Tomé (chefe de uma das famílias pioneiras aqui estabelecidas em 1877):

Quando aqui chegamos (...) tudo era mato ao redor, havendo apenas uma "picada" que, da estrada de ferro, conduzia até a igreja. Caminhamos por ela para encontrar afinal uns casebres à volta do templo - tudo o que era São Caetano, então.¹⁰

Cumpram ainda destacar que os primeiros imigrantes, assim que chegaram a São Caetano, depa- raram também com alguns moradores dos arredores da antiga fazenda beneditina, como o feitor Bernardo e a sua família, habitantes das proximidades da via férrea da São Paulo Railway.



Fundação Pró-Memória

Título de propriedade de colono de Gaetano Garbelotto, que aqui chegou a 28 de julho de 1877. Segundo as inscrições contidas neste título, datado de 26/02/1891, o lote de terra adquirido pelo colono Gaetano Garbelotto foi o de n° 22. Apresentava este lote 5.440 metros quadrados e encontrava-se situado ao lado do de Celeste de Nardi, outro imigrante da primeira leva de colonos

Depoimentos de outros descendentes das famílias pioneiras atestam também a presença, *lá pelos lados da cabeceira da Fazenda, próximo ao córrego do Moinho,¹¹* de Dona Deolinda, uma figura inconfundível que teria sido de muito ajuda aos imigrantes. Como se não bastasse, foi mãe de José Mariano Garcia Júnior, um ilustre personagem da História de São Caetano, que, durante muitos anos, ocupou altos cargos aqui na região.

Alguns ex-escravos beneditinos, como os casais Dionísio e Maria e Martim Pinheiro e Joaquina, puderam, ainda, ser encontrados pelo primeiro grupo de colonos, o que comprova a existência, em São Caetano, de uma história em pleno processo, questão esta, diga-se de passagem, abordada brilhantemente por José de Souza Martins em *O Imaginário na Imigração Italiana¹²*.

DIFÍCIL COMEÇO – Os imigrantes da primeira leva, quando chegaram a São Caetano, tiveram de ficar alojados nos casebres e nas demais dependências da antiga fazenda dos beneditinos até a distribuição dos primeiros lotes de terra, fato observado somente a partir do dia primeiro de Janeiro de 1878.

Como esta distribuição dos lotes só ocorreu praticamente seis meses depois do estabelecimento daquela primeira leva, os colonos que nela estavam ficaram, em virtude disso, impossibilitados de cultivar. Coube, então, ao governo imperial, pelo menos até o dia três de Junho de 1879, data em que se verificou a emancipação do Núcleo Colonial de São Caetano, fornecer-lhes alimentos e adiantamentos em dinheiro.

Uma notícia publicada, no segundo semestre de 1877, pelo jornal *A Província de São Paulo*, dá a dimensão exata do descontentamento dos primeiros imigrantes de São Caetano:

*Dos 150 colonos italianos que foram (...) instalados na colônia da Fazenda de São Caetano (...), 120 mostraram-se pouco satisfeitos (...) Consta que foram tomados os seus nomes a fim de serem transferidos para Santa Catarina, sob a direção do respectivo consul. Dos 150 colonos só três famílias não aderiram a este desejo de retirada. Ouvimos dizer que não são razoáveis as queixas dos colonos.*¹³

As considerações expostas acima ratificam, de forma contundente, o desafio imposto pelas contingências da nova terra aos imigrantes pioneiros de São Caetano. Desafio este que se estendeu aos grupos posteriores, que começaram a chegar ao Núcleo já a quatro de Janeiro de 1878.

As dificuldades, as necessidades, provenientes, na maioria das vezes, do atraso, por parte do governo, na distribuição de alimentos e no pagamento de salários, constituíram-se em fatos constantes dos primeiros capítulos da trajetória italiana em terras sancaetanenses. O desenrolar dessa trama, que teve como um de seus ápices as manifestações promovidas pelos colonos nos meses de Janeiro e Abril de 1878, não será retratado pelo presente artigo. Todavia, as questões históricas que rodearam tais episódios merecerão uma atenção especial nas próximas pesquisas, uma vez que apontam as mazelas e as deficiências apresentadas pelo governo imperial nas suas tentativas de instituição do trabalho li-

vre nas relações econômicas brasileiras, às vésperas da abolição da escravidão.

NOTAS

- 1 – MARTINS, José de Souza. *O Imaginário na Imigração Italiana*. p.69.
- 2 – No Brasil, um longo caminho foi percorrido até a abolição da escravidão. A instituição, em 1850, da Lei Eusébio de Queiróz, que proibiu o tráfico negro no território brasileiro, inaugurou o lento processo da libertação dos escravos, que chegou ao fim somente em 1888, com a entrada em vigor da Lei Áurea. No transcorrer desses trinta e oito anos, outras leis paliativas foram decretadas, como a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885).
- 3 – PIRATININGA JÚNIOR, Luiz Gonzaga. *Dietário dos Escravos de São Bento*. p.44.
- 4 – Código 47 dos Capítulos Gerais (1851-1866). fls. 64-64v e 67v-68 apud MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Caetano (1598-1871)*. pp.18-19.
- 5 – MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Caetano (1598-1871)*. p.19.
- 6 – MARTINS, José de Souza. "Prefácio" in PIRATININGA JÚNIOR, Luiz Gonzaga. *Op. cit.* pp.8-9.
- 7 – LUNA, D. Joaquim G. de. (O.S.B). *Os Monges Beneditinos no Brasil*. p.36.
- 8 – Apêndice 287 in JOHNSON, D. Martinho. (O.S.B). *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo*. p.189.
- 9 – MARTINS, José de Souza. *Diário de Fim de Século: Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no Século XIX*. p.18.
- 10 – TOMÉ, José in *Jornal de São Caetano*. 25/07/1948 apud *Isto É São Caetano do Sul*. p.21.
- 11 – *Isto É São Caetano do Sul*. p. 21.
- 12 – MARTINS, José de Souza. *O Imaginário na Imigração Italiana*. pp.61-66.
- 13 – *A Província de São Paulo*. 05/08/1877 apud *Isto É São Caetano do Sul*. p.24.

FONTES

ACERVO FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

ALMEIDA, Nelson Martins de. (Reda-

tor). *Isto É São Caetano do Sul: Documentário Histórico-Ilustrativo do Município*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., 1952.

JOHNSON, D. Martinho. (O.S.B). *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo*. São Paulo, 1977.

BIBLIOGRAFIA

CALDEIRA, João Netto. *Álbum de São Bernardo*. São Paulo: Edição da Organização Cruzeiro do Sul, 1937.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. *Herdeiros da Fundação: "Lavoro" e "Famiglia" em São Caetano*. São Paulo: Hucitec – Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1998.

LUNA, D. Joaquim G. de. (O.S.B). *Os Monges Beneditinos no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947.

MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Caetano (1598-1871)*. São Caetano do Sul: Co-edição Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luís Gama, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de São Caetano do Sul, CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988.

_____. *Subúrbio*. São Paulo: Hucitec – Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.

_____. *Diário de Fim de Século: Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no Século XIX*. Série Cadernos de História. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.

_____. *O Imaginário na Imigração Italiana*. Série Cadernos de História. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2003.

PIRATININGA JÚNIOR, Luiz Gonzaga. *Dietário dos Escravos de São Bento*. São Paulo: Hucitec – Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.

(*) Cristina Toledo de Carvalho, graduada em História pela Universidade do Grande ABC e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Construção da Matriz Nova Sagrada Família

Narciso FERRARI (*)

Por decreto de D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, lavrado em 23 de Março de 1924, na íntegra, no livro *Tombo*, pelo primeiro vigário padre João Batista Pelanda, foi criada a Paróquia de São Caetano. O padre João Batista Pelanda estava incumbido de servir como vigário por um ano.

O decreto que criou a Paróquia de São Caetano foi lido pelo novo pároco na cerimônia de posse. Padre Alexandre Grigolli (representante do arcebispo), Antônio Barile (representante do prefeito Saladino Cardoso Franco) e João Domingos Perrella assinaram o decreto como testemunhas.

Padre Alexandre Grigolli veio para São Caetano a fim de auxiliar o padre João Batista Pelanda. Ambos instalaram-se na casa paroquial, situada na Rua Mariano Pamplona, ao lado da Matriz Velha (Paróquia de São Caetano).

Alexandre Grigolli, observando o fervor religioso da população, sugeriu aos superiores a construção de uma igreja maior, no centro da cidade. Em razão da procedência do pedido do padre, pois de fato a Paróquia de São Caetano já não podia comportar sozinha tantos fiéis, a idéia foi aceita.

Padre Alexandre Grigolli, devemos acrescentar, era um líder natural, e entre suas várias virtudes contavam-se a piedade, a bondade e a humildade. O seu bom caráter logo conquistou a simpatia de toda a população.

Imagens da Matriz Sagrada Família. Década de 40



Fotos: Narciso Ferrari

Grigolli sem dúvida trabalhou muito para a criação da Matriz Nova. Assim que seu pedido foi aceito pelos superiores, dirigiu-se à casa de Ernesto e Anna Baraldi. Esse casal, que possuía inúmeros imóveis na cidade, doou um terreno à Congregação dos Missionários de São Carlos, conforme escritura lavrada no Cartório de Paz da cidade, representada pelo padre Faustino Cansoni. O imóvel situava-se na Rua Manoel Coelho, esquina com a Rua São Caetano (hoje Avenida Conde Francisco Matarazzo), e possuía área de 1496m².

Durante a Semana Santa de Abril de 1929, o padre João Ba-

tista Pelanda, vigário da Paróquia de São Caetano, anunciou sua última apresentação, pois fora chamado por seus superiores para trabalhar na Itália, em outro campo de congregação. Na oportunidade, chamou a atenção das pessoas para a necessidade urgente da construção de um novo templo, em virtude do progresso da cidade e do aumento do número de fiéis.

Como o terreno doado pela família Baraldi era pequeno - 1496m² - para a construção da nova matriz, foi feita uma permuta com um terreno maior, situado na Rua Senador Feijó, hoje Rua Carlos de Campos (na

Praça Cardeal Arcoverde, no quarteirão das ruas Manoel Coelho, Niterói e Rio Grande do Sul), propriedade também de Ernesto e Anna Baraldi. Os proprietários impuseram algumas condições: no item segundo da escritura, letra B, ficou determinado que o imóvel doado só poderia ser utilizado para a construção de uma igreja católica, sob invocação do padroeiro São Caetano, e de uma residência paroquial. Além disso, na letra F, determinou-se que a construção do templo deveria ter início no máximo dentro de dois anos.

Entre Fevereiro e Abril de 1930 foi construída uma capela pequena no local, para atender as necessidades espirituais dos fiéis, mas a distância entre essa capela e a Paróquia de São Caetano era grande para quem morava na parte alta da cidade. A capela foi dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Ressalte-se que no primeiro terreno doado foi construído o Externato Santo Antônio.

Em 17 de Agosto de 1930 foi lançada a pedra fundamental da nova matriz. Acompanharam a cerimônia Monsenhor Gastão Liberal Pinto, representante de D. Duarte Leopoldo e Silva (na época Arcebispo de São Paulo); padre José Tondin, da Congregação dos Padres Estigmatinos; o representante do prefeito de Santo André (Saladino Cardoso Franco); Matheus Constantino, juiz de paz; e José Mariano Garcia Júnior. Autoridades federais, estaduais, municipais, associações religiosas, beneficentes, esportivas e uma grande massa de fiéis também prestigiaram o acontecimento.

De forma eloqüente, Monseñor Gastão Liberal Pinto, representando o sr. Arcebispo, fez o

discurso inicial, e o professor Armando Gomes de Araújo, em nome da comissão organizadora, encerrou a cerimônia e agradeceu a presença de todos.

Em dez de Outubro de 1931, o padre José Tondin entregou a paróquia ao padre Alexandre Grigolli, através de uma provisão assinada pelo Monsenhor Pereira de Barros. O padre João Consolaro foi designado como coadjutor do padre Alexandre Grigolli.

Em Março de 1932, foram iniciadas as obras. O dinheiro era pouco, já que havia sido quase todo investido na compra do terreno de Antônio Scarcioffolo, a fim de aumentar a área destinada à construção do templo. Padre Alexandre Grigolli, então, pediu emprestado, sem juros, dez contos de réis. Comprometeu-se, entretanto, a restituir dois contos por ano às seguintes pessoas: João Domingos Perrella, Carmelino Perrella, José Lorenzini, Caetano Coppini, Archinto Ferrari, Armando de Arruda Pereira, José Rossetti, Antônio Dall'Antonia e Ambrosina Prestes.

O alicerce da igreja foi feito pela Construtora Ditta Facchin, da capital, mediante o pagamento de 30 contos de réis.

Várias quermesses e doações viabilizaram economicamente a inauguração da primeira parte da igreja, destinada a cultos, em Dezembro de 1933. A construção dessa primeira parte implicou a demolição do barracão que servia de capela provisória.

Em Setembro do ano seguinte, foi construído um salão provisório para reuniões e festas, anexo à igreja, o qual se revelou bastante útil para a aquisição de doações. Também em 1934 padre Alexandre nomeou uma comissão incumbida de promover a reforma da Matriz Velha, cujo estado de

conservação era precário. Quem executou o serviço de reforma foi a Construtora Ditta Facchin, por 20 contos de réis. Metade desse dinheiro foi doada pelo conde Francisco Matarazzo, e o resto foi obtido com as ofertas dos fiéis.

Em Outubro de 1934, o padre coadjuvante, João Batista Consolaro, foi chamado pelos superiores para dirigir a Escola Apostólica de Rio Claro. Assim, depois de três anos vividos em São Caetano do Sul, partiu, mas sem dúvida deixou sua marca com o trabalho que realizou entre os jovens.

A cerimônia de inauguração e benção da Matriz Nova aconteceu em seis de Junho de 1937, e consta da seguinte forma no Tombo da Paróquia:

Benção da Matriz Nova – Aos 06 de Junho deste ano, 1937, o Exmo. Revmo. D. José Gaspar de Affonseca, digníssimo auxiliar de S.E. o Sr. Arcebispo, benzeu solenemente a nova Matriz de S. Caetano. A memorável cerimônia foi preparada por um tríduo de pregação e de preces. Na manhã do dia solene, grande número de automóveis foram levando representantes de distintas famílias, e as diretorias das associações foram receber S. Ex. às divisas da Paróquia, na Vila Sacomã. Ao chegar de S. Ex., entre repicar do grande sino e estrugir de rojões e aplausos do povo, foi S. Ex. Ver. recebido pelo Revmo. Vigário da Paróquia e a de S. André e levado ao altar mor para a celebração da S. Missa, enquanto o coro das Filhas de Maria entoava o canto solene do Ecu Sacerdos. Numerosíssimas as comunhões, de homens também. Acabada a S. Missa dirigiu S.E. uma alocução ao povo, dando-lhe os parabéns por tudo o que acabava de ver;

pela construção da igreja que ele considerava das mais majestosas e vastas da Paulicéia e pelo edifício espiritual de que teve uma prova na multidão que assistiu à Missa e na imponente comunhão em que os homens se apresentaram tão numerosamente. Disse em seguida uma palavra de encorajamento ao P. Vigário e elogiou os Padres Estigmatinos por todo o bem que fizeram na Paróquia desde a sua ereção. Exortou finalmente o povo e especialmente a mocidade, para unidos e concorde com o seu Vigário, trabalhar para que Cristo reine na sociedade, fazendo-o, cada um, primeiro, reinar na própria alma.

Às 9:00hs. Reuniu-se outra vez o povo na igreja procedendo o Sr. Bispo a benção da mesma segundo o ritual; após a benção, Missa cantada com assistência do Sr. Bispo. Em seguida, S. Excia. E os sacerdotes foram almoçar na casa da família Godoy, tratados pela veneranda Sra. D. Pedrinha, pelas filhas e filhos com uma cordialidade e uma generosidade digna de todo o encômio. – Depois do meio-dia, crismas, que alcançaram o número de 999; realizando-se a administração, devido à vastidão e comodidade da igreja, numa ordem e respeito que mereceu franco elogio de S. E. Revma.

Para boa ordem de todos os atos, deste dia memorável prestaram-se com verdadeiro espírito de sacrifício, os Congregados Marianos e os liguistas aos quais deixo aqui a expressão sincera da gratidão mais viva.

E para constar, lavrei este termo que assino. Pe. Alexandre Grigolli

Posteriormente, foi concedida benção à Imagem de Santo Antônio e foram construídas a Pia Ba-

tismal (no Natal de 1937, graças às doações de Luíza Ferrari) e a Capela de Santo Antônio (em 13 de Junho de 1938).

A Capela do Rosário, a fachada da Matriz Nova e a S. Crisma foram inauguradas na mesma data, 25 de Outubro de 1938.

O piso da igreja foi doação da Cerâmica São Caetano S/A., na pessoa de Armando de Arruda Pereira, e a instalação do piso aconteceu em Agosto de 1941. O sino foi doação de Ernesto e Anna Baraldi.

ALEXANDRE GRIGOLLI – A cidade deve muito ao padre Alexandre Grigolli, sacerdote verdadeiro. Seu apostolado foi sempre para a glória de Deus e para a salvação das almas.

Possuidor de muita cultura, falava nosso idioma como se fosse brasileiro. Além disso, era brilhante orador sacro, e apreciava música e pintura. Foi o idealizador da Matriz Nova.

Fundou a Congregação Mariana, o grupo de moças Filhas de Maria e a Cruzada Eucarística. Essas entidades, respectivamente, eram presididas pelas seguintes pessoas: Verino Segundo Ferrari, Maria Benedetti e Ambrosina Prestes. Padre Alexandre Grigolli era exemplo de disciplina, e por isso não permitia, em suas homilias, distração alguma dos fiéis. Não raro, durante o catecismo ele chamava, dedo em riste, a atenção das pessoas: *Fulano, olha aqui!* Seus valores vetavam a mistura de homens e mulheres: elas ficavam à direita, eles à esquerda.

Os Congregados Marianos, durante o carnaval, faziam retiro espiritual, no salão paroquial da igreja, sob sua orientação. Isso no sábado, no domingo e na terça-feira, pois na segunda-feira todos trabalhavam.

As missas aos domingos e feriados religiosos eram quatro. A primeira, às 5h30 da manhã, era freqüentada pelas pessoas que tinham tarefas domésticas para fazer. A missa das 7h00 era a dos Congregados Marianos e das Filhas de Maria. A terceira missa, às 8h30, era dedicada às crianças e aos adolescentes da Cruzada Eucarística. Às 10h00, acontecia a última e mais concorrida missa, pois nela se apresentava o coral composto por Mário Previato (órgão), Antônio Ferrari (violino), Argemiro Previato (flauta) e Ferdinando Domenico Ferrari (trompete). Padre Alexandre Grigolli, pessoalmente, entoando cânticos em latim, coordenava o coral.

Ele estava sempre à disposição dos que precisavam de ajuda. Quando alguém falecia, o corpo, antes de ser sepultado no cemitério, era levado até a igreja para ser benzido. Na Missa de 7º dia, ele confortava a família do falecido. Colocava-se dentro da igreja uma urna mortuária, que, no final da missa, os presentes, em fila, benziavam com água benta. Após a missa, os parentes e amigos se dirigiam para o cemitério a fim de orar sobre o túmulo do falecido. A partir da data da morte de uma pessoa até a missa de sétimo dia, o terço era rezado na residência do falecido, geralmente às 19h00.

Por ocasião do casamento de Mário Previato com Elvira Buso, o padre compôs, especialmente para o casal, uma Ave Maria, que posteriormente ficou conhecida no coral como a *Ave Maria do Mário*.

O padre Alexandre Grigolli fazia questão de festejar as datas comemorativas dos santos, como Santo Antônio, São Pedro, São João, São Caetano, entretanto, a

maior festa acontecia no mês de Maio, e era dedicada a Santa Maria. Rezava-se o terço todas as noites, e a prece era acompanhada do canto das ladainhas e da bênção do S.S.Sacramento.

No salão paroquial, padre Alexandre Grigolli comandava um grupo de teatro amador. As apresentações desse grupo serviram como fonte de renda para a construção da igreja.

Com grande visão, no ano de 1938 o padre Alexandre Grigolli fundou a Escola São José, hoje Instituto de Ensino Sagrada Família, com apenas três classes e dirigida pelos professores Verino Segundo Ferrari, Jácomo Benedetti, Bernadete Pereira Mayer e Santina Leonor Fiorotti Moretti.

Trabalhava para a igreja um casal de italianos cuja moradia era nos fundos do templo. Trabalhava-se de Jácomo Cesca, que cuidava da manutenção do lugar, e Constanzia Cesca, que preparava as refeições para os padres e visitantes. O casal também cuidava da horta e da criação de galinhas.

Nós, que tivemos o privilégio de fazer o catecismo aos domingos à tarde, sob a orientação do padre Alexandre, aprendemos muito com seus sermões. Os alunos, com a vinda do padre Ézio (Ézio Gislimberti), apelidaram os sacerdotes de Padre Gordo (Alexandre) e Padre Magro (Ézio).

Entretanto, nem tudo foi alegria na passagem de Alexandre Grigolli por São Caetano. Ele enfrentou forte oposição de grande parte dos moradores do Bairro da Fundação. Os moradores da Fundação, em sua maioria de origem italiana, não concordavam com a mudança da matriz para o centro da cidade.

É digno de nota o que consta

no livro Tombo de sete de Agosto de 1936:

“Sem data/1936 – Festa de São Caetano – Realizou-se neste ano a festa do Padroeiro. Uma comissão se apresentou ao Vigário encarregando-se dos festejos e da parte financeira. O Vigário teve a fraqueza de consentir; daí um mundo de desgostos e maus exemplos para o povo católico. Correram as listas para as ofertas sem o visto do Vigário; até o próprio programa dos atos religiosos foi compilado (de um modo ridículo) sem o mesmo visto. Protestando o Vigário contra esta irregularidade, decidiu-se a Comissão a por o visto da autoridade religiosa em ulterior programa (por sua bondade!)... As ofertas recebidas foram consideradas (além de treze contos) dos quais 11 (onze) foram gastos em patacoadas, quando sabia-se que o Vigário estava lutando para levar o termo a construção da nova Matriz. Quiseram alguns da Comissão (-que foi buscar outras subcomissões compostas na maioria de pessoas não praticantes) dar à festa o caráter de protesto contra o Vigário por ter descuidado da Matriz velha!... E foi este pobre Vigário quem acabou com a vergonha da fachada da Igreja semelhante a uma ruína com apenas um começo da torre que parecia mais um chapéu de palhaço, construindo a nova fachada com a torre, rebocando as partes laterais; fez paravento em substituição às cortinas esburacadas, bancos novos, etc., etc. – Felizmente a parte sensata do povo, os bons católicos ficaram profundamente indignados, manifestando ao Vigário seus protestos contra este modo de agir. O próprio céu mostrou não aceitar a festa, pois estragada foi

por um frio polar que patenteou ainda mais a miséria das patacoadas que tinham custado tanto dinheiro. Deus perdoe a quem foi causa destes desgostos e o Vigário abra os olhos para nunca mais deixar mão livre em semelhantes ocasiões.”

Foi com muita tristeza que a comunidade escutou o adeus de padre Alexandre. Ele fora chamado pelos superiores para servir na Itália (Verona). O registro de sua despedida foi por ele mesmo escrito no livro Tombo:

Dia 25 de Março de 1946 – Hoje, dia 25 de Março de 1946 deixo a Paróquia de São Caetano depois de ter aqui estado sete anos como coadjuvante e 15 como Vigário. Fique aqui escrito o que disse hoje na minha despedida ao povo. Um agradecimento a Deus por todos os benefícios que me dispensou nestes 22 anos; um agradecimento ao povo pela correspondência, auxílio, cooperação que teve para com o seu Vigário; uma exortação a continuarem fiéis, concordes, disciplinados com o novo Vigário e peço ao mesmo tempo a Deus e ao povo perdão de minhas falhas; os bons paroquianos me alcancem de N. Senhor, com suas orações, misericórdia... Na esperança de reunirmo-nos com Deus na eternidade, adeus, adeus!...

NOTAS -

1. Ronaldo Perrella colaborou com este artigo, pois leu na íntegra o livro Tombo da Matriz Sagrada Família.
2. Também deu depoimentos a sra. Santina Leonor Fiorotti Moretti.
3. A biografia do Padre Alexandre Grigolli foi publicada na revista Raízes nº 26, pg.83.

(*) Narciso Ferrari, contador, foi presidente do São Caetano Esporte Clube

Um pequeno resgate da história dos parques urbanos de São Caetano do Sul

Rogério ALVARENGA (*)

A cidade é o palco da experiência cotidiana. A vida das pessoas, os seus projetos de felicidade e as vicissitudes transcorrem sobre o seu solo sedimentado de história e de memória, de suor, trabalho e festa.

Heitor Frugoli Jr., 1995, pg. 7.

São Caetano apresentou um crescimento físico e demográfico acentuado no século XX. Com o passar dos anos, mais exatamente no final da década de 1980, percebemos que a cidade perde sua atividade polarizadora na indústria (Medici, 1993, p. 129) e busca resgatar-se rumo ao ramo terciário, da prestação de serviços.

Nessa mesma época, São Caetano encontra a restrição do espaço físico, quando as áreas livres remanescentes ficam ora na mão de particulares, ora em projetos urbanos. Esta restrição está condicionada ao adensamento populacional ocasionado pela industrialização, que entende definitivamente na verticalização do espaço uma saída adequada.

Nada mais a fazer senão transformar os grandes lotes unifamiliares, por uso e por propriedade, em unidades multifamiliares, trocando terrenos por apartamentos. Esse processo, ainda muito comum em nossos dias, vem configurando uma nova cidade, que cresce sobre os escombros de uma antiga.

Tanto esse crescimento urba-

no ativado pela indústria como o seu declínio podem ser bem sentidos na variação populacional (obtida junto ao IBGE e anotada abaixo): 1970 – 150.130 habitantes; 1980 – 163.082 habitantes; 1991 – 149.125 habitantes; 2000 – 140.159 habitantes.

De fato, os dados conspiram a favor da veracidade da história, confirmando a assertiva de que a época áurea da industrialização em nosso município adentrou a década de 1980, e os fluxos migratórios foram atraídos pela oferta de emprego. Ao contrário, na década de 1990 o declínio da oferta de emprego, quer pela robotização da indústria, quer pela saída das indústrias para outros locais, em busca de benefícios fiscais, causou mudanças. Sem dúvida, aliado a esses fatores está o adensamento populacional, que inflacionou o mercado imobiliário, obrigando muitos a buscarem locais economicamente mais viáveis ao seu padrão de vida ou a acompanharem a oferta de emprego. Mesmo assim, a cidade continua atrativa por uma série de fatores, haja vista o número elevado de habitantes (140.159, segundo o Censo IBGE, 2000) e a densidade demográfica, uma das mais altas do país (em torno de 9.343,93 habitantes/ km²).

PARQUES URBANOS – Hoje, a população, de maneira geral, não se desloca para ver somente árvores no seu cotidiano. Os espaços contemplativos são bem-

vindos, desde que associados ao dinamismo de espaços do lazer esportivo com oportunidades para o corpo e o espírito.

As pessoas buscam nas cercanias alternativas de lazer, e por isso a Avenida Presidente Kennedy, após o tapamento do córrego, transformou-se em parque linear. Valorosos discursos ecológicos sempre precedem o fechamento de um córrego – e concordamos com os preceitos teóricos –, e o fechamento de um córrego muitas vezes está relacionado à ansia de permitir maior espaço para os veículos. Mas, no caso da Avenida Kennedy, a área verde, associada a caminhos e espaços de lazer, melhorou a qualidade de vida da população. Ganhou-se mais uma área para o lazer, e, vale lembrar, a obra, após alguns anos, modificou a área que a circunda: houve elevação estética no padrão arquitetônico das residências e aproximação de setores comerciais voltados para o público local.

Os espaços de lazer devem estar razoavelmente qualificados para o uso, além de serem capazes de suprir necessidades básicas que compõem a lógica construtiva do ideário qualitativo dos parques urbanos. Tais necessidades básicas são: iluminação natural e artificial adequada, acesso gratuito aos pedestres, áreas verdes, espaços estáticos e dinâmicos, visibilidade adequada, lanchonetes ou similar, segurança, banheiros.

Nossa percepção aponta para a população de São Caetano,

tendo interesse específico nas áreas cotidianas de esporte e contemplação. De acordo com a variabilidade do poder aquisitivo, pessoas são vistas em passeios mais complexos, visitando até mesmo parques temáticos diferenciados. Esses parques temáticos, como Hopi-Hari, Playcenter e outros, de fato precisam continuar sob a tutela do organismo privado, devido ao projeto vultuoso e às complicações da manutenção, sem falar da estratégia de mídia. Esses parques precisam do setor privado para sobreviver sadicamente, cobrando taxas de acesso, sem desgaste, e renovando-se.

Essa pesquisa percebe nos parques uma mudança funcional, em que o uso adquire objetivo específico, após a crescente valorização desses espaços nos idos de 1980, justamente devido à restrição do espaço físico privado e a outras tendências.

Os parques públicos urbanos, então, apresentam uma missão muito mais complexa: atender diferentes usuários (condições econômicas e faixa etária) e ser suficientes para o lazer cotidiano (Frugoli Júnior, 1995) que tanto se busca em São Caetano.

CHICO MENDES – O Centro de Lazer, Esportes e Recreação Senador José Ermírio de Moraes é mais conhecido como Parque Chico Mendes devido a um espaço criado em homenagem ao seringueiro e líder sindical Francisco Alves Mendes Filho, morto em 1988.

O parque foi inaugurado na administração Hermógenes Walter Braido, em 1988, e reformado em 1992, ano em que o prefeito Luiz Olinto Torto-

rello decidiu instalar a Prefeitura Municipal no local.

Localiza-se na Avenida Fernando Simonsen, 500, no Bairro São José. Faz divisa com o Bairro Cerâmica, em antiga área degradada pela retirada de

argila para a indústria Cerâmica São Caetano, hoje desativada em nosso município.

O parque formou-se a partir da desapropriação dessa área de extração de argila, espaço que recebeu tratamento de re-



Vista aérea parcial do Espaço Verde Chico Mendes

Fundação Pró-Memória



Parque José Ermírio de Moraes. Vista do padroeiro da cidade, São Caetano Di Thiene

Rogério Alvaranga



Vista da parte alta do Espaço Verde Chico Mendes

Rogério Alvaranga

dem aos diversos prêmios nacionais e internacionais recebidos por São Caetano do Sul.

BOSQUE DO POVO – O Parque Municipal de Vila São José, conhecido como Bosque do Povo, foi inaugurado em 1961. Formou-se graças à desapropriação de um loteamento do antigo Bairro Saúde. Seu projeto privilegiou a beleza natural e os espaços estáticos e de caminhada (para a época tratava-se de um grande projeto). O local, que anteriormente havia sido a sede de uma olaria, possui 27.066,60 m² (*Duohma-Pmscsul*) e um relevo acidentado, muito interessante por oferecer campo de visão diferenciado de cada uma das partes do parque. Em virtude de sua localização, na Estrada das Lágrimas, é um marco referencial para o Bairro São José, ainda que, segundo os mapas oficiais da cidade, pertença ao Jardim São Caetano.

É o mais arborizado de todos os parques, e somente um caminho principal, por onde circulam veículos de serviço (coleta de lixo, ambulâncias, polícia etc.), está pavimentado. Toda a área restante é permeável. A frequência humana é baixa, mas



Praça Armando Furlan, inaugurada no dia oito de novembro de 2003

Fundação Pró-Memória

cuperação do solo. Essa recuperação deu-se por meio de aterros com material inerte, nas fundas lagoas deixadas pela extração, e posteriormente foi feito todo um trabalho de recomposição de solo adequado para receber os primeiros vestígios de área verde. Na seqüência, foram instalados os equipamentos para o lazer, o que viabilizou a formação do parque. A erosão causada pela extração de materiais, associada ao relevo da área, formou um pequeno vale, com as laterais verdejantes, muito aconchegante, verdadeiro *refúgio verde* entre edifícios e casas.

Foi elaborado tendo em vista a prática de esportes e o contato com a natureza, a partir de um projeto intensivo de arborização. Nessa mesma área, encontram-se, além da nova sede da Prefeitura Municipal, denominada *Palácio da Cerâmica* (com arquitetura colonial), diversas obras artísticas inseridas no elemento construtivo.

O parque, com uma área de 139.394 m² (*Duohma-Pmscsul*), está totalmente cercado, e conta com quatro entradas. Seu equipamento de infra-estrutura está em bom estado: iluminação

adequada, bebedouros, banheiros, lanchonete, telefones públicos, bancos para descanso e segurança contínua.

Além disso, possui *playground*, áreas de caminhada e espaços dinâmicos como quadras, pequenas trilhas, equipamentos para ginástica, áreas estáticas e nichos agradáveis para o relaxamento. A maior parte do terreno é permeável e possui grandes planos de massa vegetal.

Recentemente, a área central do parque foi transformada em uma praça – Praça Armando Furlan – destinada ao lazer dos habitantes do município. Nessa praça, há monumentos que alu-



Bosque da Vila São José, ano de 1984

Fundação Pró-Memória

Parque Municipal da Vila São José, conhecido como Parque do Povo, reinaugurado em 18 de Outubro de 2003



Fundação Pró-Memória



Rogério Alvarenga

Espaços para caminhada

as edificações (escola e áreas destinadas ao esporte) inseridas em seu seio estão bem conservadas. (O movimento acontece nos horários de entrada e saída dos alunos.)

O parque é geralmente frequentado nos dias de sol, no entanto, mesmo nesses dias o movimento é baixo. Devido à pequena procura da população local por atividades de lazer, é difícil medir o índice de frequência do lugar. Em realidade, esse parque foi bastante frequentado nas décadas de 1970 e 1980, mas perdeu terreno para o Parque Chico Mendes, na década de 1990, em razão da localização, das melhores condições e dos atrativos do parque onde se encontra a Prefeitura Municipal.

O que afastou os usuários? Apesar de limpo e cuidado, o Bosque do Povo jamais sofreu revitalização. É válido observar que, devido ao excesso de árvores (eucaliptos), havia sombreamento excessivo, e isso era motivo de reclamação por parte do

povo. Além disso, os equipamentos para o lazer esportivo – ponto fundamental – estão pouco representados, e isso marca claramente o desuso da estrutura como um todo.

Para modificar a situação, foram iniciadas algumas reformas. O simples arejamento ocorrido com a retirada de alguns eucaliptos, por motivos fitossanitários e de revitalização, já tornou o parque mais agradável. A segurança foi reforçada e sentimos que algumas pessoas voltaram. Em nova avaliação, no ano de 2002, com o parque em pleno processo de reforma, sentimos o retorno de mais usuários, o que confirmou nossa hipótese de que os clientes existem. Faltava-lhes, porém, melhor infra-estrutura no parque. De fato, a percepção do descaso pelo parque fez com que até mesmo os moradores mais próximos se afastassem e vissem o local, não como uma área de lazer, mas como um problema do bairro.

Ficou provado que a inexistência de equipamentos de lazer capazes de atrair as pessoas poderia acabar com um dos mais belos projetos paisagísticos da cidade. Ainda que entre as queixas da população estivessem

Espaços dinâmicos



Rogério Alvarenga

presentes a má iluminação e a falta de segurança – problemas que hoje já não existem –, os estudos confirmaram que o verdadeiro motivo do afastamento era a ausência de equipamentos de lazer esportivo.

Como mencionamos, seria realmente lamentável que um projeto tão bonito do ponto de vista paisagístico simplesmente desaparecesse. De fato, a beleza da paisagem pode ser observada de longe, em razão das frondosas árvores que se encontram no parque. É óbvio que uma estrutura desse porte merecia uma revitalização adequada. Isso atualmente está sendo feito com vistas na atração de pessoas que em geral freqüentam o Espaço Verde Chico Mendes.

A valorização dessa área enquanto marco e espaço de lazer sem dúvida irá resgatar o esplendor dos velhos tempos. Mas o tempo muda, e as exigências também. Antigamente,

o passeio ao ar livre era a atração. Agora, porém, a ginástica, o esporte e a distração são os principais atrativos. Por que

não unir o passado com o presente?

PARQUE SANTA MARIA – O Centro de Recreação Infantil Bárbara Marão Saad, popularmente conhecido como Cidade das Crianças ou CRI, está localizado no Bairro Olímpico, na divisa com o Bairro Santa Maria, margeando de um lado a Alameda Conde de Porto Alegre, de outro a Avenida Presidente Kennedy.

O parque propriamente dito, cuja extensão equivale aproximadamente ao tamanho de dois quarteirões, está cercado pela Cidade das Crianças, pelo Teatro Paulo Machado de Carvalho, pela Escola Estadual Eda Mantoanelli e pela Fundação Anne Sullivan. Se acrescentarmos a tudo isso duas grandes praças que agregam essas partes poderemos visualizar o complexo denominado Parque Santa Maria. Além das áreas

Lago: o elemento água



Rogério Alvarenga

Brinquedos e bancos



Rogério Alvarenga

Conhecido como Cidade das Crianças, o parque possui grande área arborizada, playground, brinquedos feitos com troncos de eucaliptos, gangorras e outros



Fundação Pro-Memória

Brinquedos e caminhos: os acessos da diversão. Ano de 2001



Rogério Alvarenga



Vista do Parque Guaiamu, a partir de seu mirante. Entretenimento, quiosques e quadras poliesportivas

Rogério Alvaranga

verdes presentes em cada escola e no parque, essas praças, bem arborizadas, com bancos e caminhos, típicos para descanso e conversas, compõem um espaço agradabilíssimo.

A Cidade das Crianças, de 1971, visa atrair o público infantil. O local é bem frequentado, inclusive por pessoas de outros municípios, graças a excursões escolares de ensino infantil e fundamental. O lugar possui equipamento característico para atender o público infantil. Devido à temática explícita, pode ser considerado *um parque temático*, na categoria de parque mecânico, com grandes possibilidades atrativas. E isso o coloca num rol de grande procura, por permitir acesso controlado e agradável.

De fato, possui infra-estrutura adequada. Foram retirados alguns eucaliptos que representavam risco aos transeuntes, o que também permitiu melhoria na iluminação. Na seqüência, houve uma reposição arbórea com espécies adequadas, predominando os ipês.

Nos dias de sol, há uma frequência razoável, principalmente nos finais de semana e nas férias, quando o fluxo aumenta consideravelmente.

O espaço está totalmente fe-

chado por grades, com duas entradas e com ronda contínua. A infra-estrutura é boa, incluindo lanchonete, bebedouros, banheiros e espaços para lanche.

PARQUE GUAIAMU – O Centro de Integração Municipal de Educação Infantil Talita Thomé Tomarevsky, ou Parque Guaiamu, como é conhecido popularmente, possui 9.746,73 m² (*Duohma-Pmscsul*) e situa-se na Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, Bairro Santa Maria. Localizado na divisa com o Município de Santo André, durante muitos anos foi aterro de material inerte da Prefeitura de São Caetano. Limitado, especificamente, pelo Bairro Campestre (Santo André), pelo Córrego Utinga e pelo oleoduto que margeia esse córrego, o parque agradou a

sancaetanenses e santoandreeneses. (Estes últimos têm acesso ao parque através de uma passagem construída na divisa entre os municípios.)

O Parque Guaiamu oferece *playground*, área para caminhadas, duas quadras poliesportivas, uma quadra coberta, além de lanchonete, espaços estáticos e áreas arborizadas (ainda não evidentes, devido à recente inauguração). Diariamente acontecem atividades físicas – aulas de aeróbica e outras modalidades – oferecidas pelo Departamento de Esportes e Turismo da Prefeitura. Esse é o mais novo parque da cidade, já que foi criado em Novembro de 1999 pelo prefeito Luiz Olinto Tortorello.

Há duas entradas principais, e o parque possui policiamento permanente. Totalmente fechado por grades, comporta um bom número de pessoas que costumam frequentá-lo no intuito de andar, correr e participar das aulas de ginástica. Os espaços de lazer ativo, associados às atividades monitoradas por técnicos do esporte, evidenciam procura e frequência constante ao longo do dia. De fato, tornou-se um parque muito procurado e participativo, capaz de atrair inclusive moradores de bairros vizinhos.

Centro de Integração Municipal da Educação Infantil Talita Thomé Tomarevsky, inaugurado em 1998



Fundação Pró-Memória

Sua inserção na paisagem foi extremamente favorável, valorizando o entorno. Em qualquer hora do dia encontramos pessoas jogando bola, correndo e participando ativamente do contexto. Um pequeno espaço para eventos, coberto, colabora com as atividades culturais da cidade. Em essência, o espaço foi organizado de maneira dinâmica, estimulando o usuário.

PARQUE JÂNIO QUADROS -

O Parque Botânico Presidente Jânio da Silva Quadros encontra-se no Bairro Mauá, na Rua da Paz, 10. Foi inaugurado em 1991, e aproveitou grande parte da área da Sementeira Municipal, já que serviu de sede provisória para o Gabinete do Prefeito durante a finalização das obras do Palácio da Cerâmica. Com uma área de 19.044,00 m² (*Duohma-Pmscsul*), abriga a Escola de Ecologia e a Sementeira Municipal.

Trata-se de um parque voltado para a educação ambiental, haja vista a presença da Escola de Ecologia, que atrai público infantil proveniente de escolas públicas e particulares. Devido ao atendimento personalizado, com monitores que explicam, durante o passeio pela área, assuntos relacionados à ecologia, à botânica e à zoologia, as visitas em grupo têm de ser agen-

dadas. Isso não impede, é claro, que os pedestres visitem livremente o espaço. Esta forma específica de utilização do parque, voltada às questões da ecologia, transforma-o em *parque temático* da categoria *parque ecológico*.

Isso atrai grupos de toda a região do Grande ABC e de algumas localidades de São Paulo. Os principais frequentadores do parque são os alunos da pré-escola e do ensino fundamental.

A transmissão de conhecimento, viabilizada pela adequação das instalações, é o objetivo dos criadores dessa área de lazer e ensino. Tudo é feito para incentivar o visitante a respeitar a natureza e preservá-la. Além disso, o conteúdo transmitido pelos monitores aos visitantes

enriquece a formação intelectual e estimula projetos ambientais.

Anexa à Escola de Ecologia, sem divisões aparentes, está a Sementeira Municipal, lugar em que se produzem mudas para o atendimento paisagístico e a manutenção das áreas verdes da cidade. (Isso também serve de apoio às atividades de Educação Ambiental.)

Esse parque foi todo adaptado para o entretenimento de crianças, adolescentes e adultos. Seu objetivo principal é mostrar *in loco* elementos da fauna e flora regionais, com atividades bastante atraentes, *workshop* de paisagismo, jardinagem, folclore, plantas nativas etc.

Atrai também a população adulta em virtude dos cursos oferecidos, regularmente, nas dependências do anfiteatro da Escola de Ecologia. É importante ressaltar que o excelente estado de conservação do parque, a área verde com espécies exóticas e nativas de interesse ecológico, além das atividades já existentes, proporcionam uma possibilidade de lazer muito interessante em um espaço belíssimo para se visitar. Em suma, o Parque Jânio Quadros está apto a comportar, em seus caminhos e percursos, ativi-

Entrada do Parque Botânico e Escola de Ecologia Presidente Jânio da Silva Quadros



Fundação Pró-Memória



Escola de Ecologia

Fundação Pró-Memória



O parque e suas alamedas

Vista atual da fachada da Escola de Ecologia



des de caminhada, ginástica e contemplação.

CONCLUSÃO – Em todos os momentos de observação das atividades desenvolvidas nos parques urbanos de nossa cidade, percebemos que essas áreas foram aceitas pela população. No entanto, o problema contemporâneo que nos acomete é, além das propostas de áreas verdes, o aprofundamento e o compromisso com uma agenda pautada na qualidade ambiental. Os projetos devem pensar em atitudes ambientalistas, e a cidade, preocupada com a degradação do meio, deve pensar em progredir através do desenvolvimento de “tecnologia limpa”. Outra tendência importante é equilibrar a quantidade de áreas

livres com a de espaços preenchidos por edificações.

O planejamento de todos os parques urbanos deve conter fatores como distribuição espacial, dimensionamento e equipamentos das áreas de recreação e programação de atividades, de forma a atender as exigências demográficas, sociais, econômicas e culturais. Na união entre os interesses populacionais e as possibilidades do Poder Público, a busca da satisfação das necessidades de lazer do cidadão é fundamental. Felizmente, hoje, a inserção do lazer ativo nos parques urbanos é tópico primordial do programa de planejamento dessas áreas pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. A apropriação de uso dos parques exige uma

mudança de características do modelo anterior do início do século, sustentado pela contemplação. Os tempos mudaram e nossos interesses também. Em outras palavras, é preciso saber aliar os elementos da natureza com as novas vertentes sociais.

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Rogério. Os parques urbanos de São Caetano do Sul: sua inserção e apropriação no processo de urbanização. Dissertação de Mestrado. São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH – USP, 2002.

DIRETORIA DE URBANISMO, OBRAS, HABITAÇÃO E MEIO AMBIENTE (DUOHMA) - Dados obtidos em entrevistas e consultas cadastrais. Prefeitura de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: 1999, 2000, 2001 e 2002.

FRUGOLI JUNIOR, Heitor. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, 1995.

MÉDICI, Ademir. Migração e urbanização: a presença de São Caetano na Região do ABC. São Paulo: Hucitec/ Pref. de São Caetano do Sul, 1993.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LODUCA, Wilson. São Caetano: de várzeas alagadiças a "príncipe dos municípios". São Paulo: Hucitec/Pref. de São Caetano do Sul, 1999.

RUSSO, Alexandre Toler. Política e economia do ABC no fim da década de 20 e início dos anos 30. In: Revista Raízes ano XII, v. 23. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001. p. 5 – 14.

SCARLATO, Francisco Capuano. O real e o imaginário no Bexiga: auto-fagia e renovação urbana no bairro. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 1988.

(*) Rogério Alvarenga, engenheiro florestal, funcionário do Departamento de Parques e Jardins e mestre em Geografia Humana pela USP

A estrutura política no Brasil colonial

Ney de SOUZA(*)

A acumulação capitalista se faz principalmente pela apropriação de excedentes econômicos por meio de transações comerciais protegidas pelo Estado. Nessa fase mercantilista, o capitalismo quase não penetra na esfera da produção. Desde que sejam produzidos excedentes econômicos apropriáveis pelo comércio, as unidades de produção podem se organizar sobre diferentes relações sociais de produção. Tudo isso explica por que é a grande lavoura, produtora de mercadorias, e não a pequena lavoura, voltada para a subsistência dos colonos, a privilegiada pelo Estado português.

Este texto, sobre a política colonial, analisará a estrutura burocrática criada pelo governo português, estrutura esta pouco operante e, que muitas vezes, faz crer que a política a nível local, na colônia, tenha pleno e absoluto poder. A política colonial quer demonstrar que existe um poder local, porém toda esta estrutura gira ao redor do poder central português.

Em tempos de absolutismo, a função real é obviamente centralizada. À pessoa do soberano cabe – ou coube ao todo-poderoso marquês de Pombal – o informar-se, aconselhar-se, decidir, ordenar e controlar. No caso do Estado português no Brasil, iria ele servir-se, *in loco*, de toda uma rede burocrática, na qual teria sido preciso estabelecer-se distinções entre os

vários agentes, suas funções e o grau de autoridade de que estavam revestidos, o que nem sempre ocorreu, justapondo-se e mesclando-se atribuições e, com isso, gerando-se conflitos de autoridade e jurisdição.

Na cúpula desta rede-pirâmide estava, logo abaixo do soberano, uma infinidade de órgãos colegiais e de autoridades metropolitanas, constituindo o aparelho do Estado do Despotismo Esclarecido. Toda uma gama de funcionários, ofícios e cargos concedidos pela Coroa e que eram hereditários e/ou delegados e da qual participavam o que, de um lado, chamaríamos burocratas políticos e, de outro, burocratas profissionais. Não era fácil aos detentores das posições de responsabilidade, quando já brasileiros e formados no ambiente da família patriarcal, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público.

Na segunda metade do século XVIII, sob a égide das reformas pombalinas, a política colonial portuguesa para com as suas colônias e, em especial, para com o Brasil, passa por uma modificação sensível, apesar de guardar as linhas mestras da política mercantilista. Sob o impacto da crise que se abate sobre o Império Português, a política colonial relativa ao Brasil, articulada com a política posta em execução na metrópole, revela uma clara evidência da influência da Ilustração. Pode-se, pois, falar num mercantilismo ilustrado português.

Segundo os historiadores Oliveira Marques e Hermano Saraiva são os *estrangeirados*, intelectuais portugueses que viviam no exterior ou por cumprirem missão diplomática, ou fugindo da Inquisição, os verdadeiros responsáveis pela penetração do Iluminismo em Portugal.

Antes de entrar na análise da estrutura política, faz-se necessário uma importante observação: Portugal adere aos esquemas mentais do Iluminismo. O movimento da Ilustração atuava poderosamente na vida intelectual da metrópole, e é a partir de seus esquemas mentais ou *forma de pensamento* que se formulou toda a política do final do período colonial. Paul Hazard estudou o período da transição, quando o pensamento tradicional passou para a retaguarda. O período de crise se situa entre os anos de 1680 e 1715, período denominado de crise da consciência europeia.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

- Um esquema vertical na administração pública colonial portuguesa pode ser traçado na ordem descendente: o rei, o governador geral (vice-rei), os capitães (capitanias), e as autoridades municipais. A colônia era dividida em capitanias, cujo governador ou capitão era nomeado pelo Rei; cada capitania se dividia em comarcas e estas em municípios. A função do governador era essencialmente militar, ao contrário do que acontecia na Amé-

rica espanhola. O governador geral, que recebia o título de vice-rei, tinha por função proteger a colônia contra ataques do exterior, contra os índios, e manter a ordem pública. De qualquer modo o seu poder era mais aparente do que real, pois cada governador ou capitão goza de grande autonomia.

A legislação e a administração portuguesas transplantadas para a colônia pouco se adaptaram às condições concretas do Brasil. Na cúpula da organização política e administrativa situava-se o rei, com os poderes supremos de comando. Ao seu lado articulava-se uma rede ministerial, presidida por ele: Conselho do Rei ou Conselho de Estado. Os demais organismos ministeriais, com suas funções de auxílio e execução, vinculavam-se ao comando monocrático.

O grau de dependência dos órgãos colegiados ao rei está condicionado aos privilégios de seus componentes. O Tribunal do Santo Ofício, por exemplo, embora desvinculado da Santa Sé e preso à Corte, pouco obedece ao rei, que não pode evitar que seus amigos e protegidos sofram longas prisões ou o suplício extremo, entregues à Inquisição. Um destes Conselhos que desenvolveu um papel importantíssimo no Brasil-Colônia foi o do Tribunal da *Mesa da Consciência e Ordens*, cuja presença nos negócios ultramarinos, entre outras coisas, se explica na concessão que a Ordem de Cristo, unida depois à Coroa, recebe dos dízimos para cuidar do culto divino e das igrejas.

Neste emaranhado de conselhos, sob o comando do conselho do rei, a direção régia e mi-

nisterial vê sua autoridade minimizada, com o esfriamento do tempo de ação. Os assuntos referentes ao Brasil ficam a cargo de outros funcionários. Neste sentido, o setor privado usurpa funções públicas, com isto não se quer afirmar que se originou um *self-government* local. Ao contrário, cria-se um governo sem lei e sem obediência, à margem do controle.

GOVERNADOR-GERAL – O principal elo de ligação entre a administração metropolitana e a colônia é o governador-geral, instituído em 1548, vice-rei desde 1640, título que se tornou definitivo e de uso corrente somente depois de 1720. O governador-geral, delegado régio, dispõe de poderes escritos de grande alcance, embora não possa submeter sob seu controle as capitanias e os focos de autoridade local, as câmaras, em comando vertical e completo. Dentro dos diversos poderes delegados pelo rei ao governador-geral se destaca o seguinte: atribuições militares, pois era comandante de tropa; administrativas, como responsável pelo governo civil, pela relação com os governadores das capitanias e pelo controle da ação fazendária; judiciárias, como supervisor do Tribunal da Relação e pelo direito de nomear serventuários e comutar penas; e eclesiásticas, fiscalizando as autoridades religiosas e indicando ao arcebispo e bispos nomes para as paróquias e capelas. Estes poderes são suavizados com a Junta Geral, órgão colegiado de maior relevo na colônia, presidida pelo governador e composta das mais altas autoridades da justiça, fazenda, clero.

As funções do governandor-

geral, de caráter militar, penetram em todos os setores, regulando a administração e a economia. A grande autoridade do governador-geral não subordina hierarquicamente os capitães-gerais. O vice-rei acumula o governo da capitania-sede (Bahia e, desde 1763, Rio de Janeiro) com os encargos de supervisão geral no comando central da colônia. A autoridade do governador-geral não penetra em todo o território, eram reservados certos espaços, sobretudo o do ouro e dos diamantes, à direta nomeação e controle régios.

CÂMARAS MUNICIPAIS – Um outro elo de ligação entre a administração colonial e a metrópole é o município. Será a vila a base da pirâmide de poder, vila administrada pela Câmara, ou Senado da Câmara. A Câmara depende da vontade régia. A presença do rei se faz sentir na nomeação do presidente da Câmara, se importante o município, era nomeado um letrado, o juiz de fora. Quando o município não era importante, ocupa o seu lugar o juiz ordinário. Fora esta e outras nomeações régias, prevalece o princípio eletivo. As Câmaras se compunham, nas vilas que tinham juiz de fora, de presidente (o próprio juiz), três vereadores, um procurador, dois almoxarécis e um escrivão. Os outros funcionários eleitos ou nomeados se ocupavam de funções traçadas, sob o comando dos vereadores.

A eleição da Câmara assegura o vínculo entre a população e a administração pública, voltada para o rei. A população é que elege e delibera, na tensão permanente e subterrânea entre

sociedade e governo, restringe-se legalmente e sofre severa limitação nas suas expansões. O colégio eleitoral se compõe dos *homens bons e povo, chamado a Conselho*, o que supõe um corpo restrito de eleitores, na verdade reduzido aos *homens bons*. Não eram qualificados os mecânicos operários, degredados e outros que pertenciam à classe dos peões.

As Ordenações Filipinas apontam, na restrição do corpo eleitoral e dos eleitos, o *respeito às condições e costumes de cada um, para que a terra seja mais bem governada*. A finalidade última da superioridade do *homem bom* será o mesmo que inspira os conselhos portugueses: inscrever os proprietários e burocratas em domicílio na terra, bem como seus descendentes. Enfim, a população não delibera e, quando delibera, restrito a uma parcela pouco numerosa, se embarça, na ação, dentro das redes do sistema político geral. Nas aparências, amplas eram as atribuições das câmaras.

O poder político neste período estava entregue aos *homens bons*, confundidos com os proprietários, com exclusão da vontade da Coroa. Houve um momento em que a metrópole confiou a colonização ao morador e ao senhor de engenho, em compromisso de que logo se arrependeu, temerosa das consequências autonomistas e descentralizadoras. As câmaras se convertem em simples executoras das ordens superiores, sendo um passivo instrumento dos todo-poderosos vice-reis, capitães-generais e capitães-mores.

Na Bahia e no Rio de Janeiro a intervenção chegou a tal ponto que os vereadores eram designados pelo rei. As câmaras

nunca passaram de corporações administrativas, colaborando sempre com a vontade da política colonial. A evolução política da colônia segue, portanto, passo a passo, a transformação econômica que se opera a partir de meados do século XVII. Esta transformação, que se define pela maior penetração econômica da metrópole, repercute no terreno político pelo desaparecimento gradual da autonomia local que existia no primeiro século e meio da colonização. Desloca-se a autoridade das mãos dos proprietários territoriais, a antiga classe dominante, para a da Coroa portuguesa.

Embora seja tal a política colonial é necessário salientar que, o poder local, exercido pela classe senhorial através das Câmaras Municipais, não estava em oposição contra o aparelho político-administrativo colonial, pois eles se articulam. Tal articulação decorre da própria coincidência de interesses entre a classe senhorial e a metrópole: produzir mercadorias e comercializá-las no mercado mundial. A classe senhorial precisa da administração colonial porque é por seu intermédio que as mercadorias são escoadas. É necessário assinalar que em casos de conflitos entre a classe senhorial da colônia e a burguesia comercial portuguesa, quando esta intensificava sua exploração sobre a colônia, aumentando os juros dos empréstimos, ou abaixando o preço de compra das mercadorias, a intervenção do Estado geralmente se fazia sentir no sentido de proteger os senhores contra a cobiça excessiva dos comerciantes. Mas tal coincidência fundamental de interesses envolvia contradição.

Enquanto a grande lavoura se desenvolvia, apesar de todas as crises do século XVIII, o Estado português se tornava cada vez mais fraco diante do crescimento do capitalismo comercial e industrial inglês. Portugal tornava-se cada vez mais um parceiro menor da Inglaterra, e, para a classe senhorial brasileira, em entreposto incômodo em suas relações comerciais com a Inglaterra. Essa contradição entre o desenvolvimento econômico da colônia e o enfraquecimento do Estado português será resolvida pela independência política do Brasil em 1822.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, C. Capítulos de historia colonial. São Paulo: Publifolha, 2000.

BARMAN, R. Brazil, The Forging of a Nation. California: Stanford, 1994.

BETHELL, L. Historia da America Latina. America Latina colonial. Vol. I. São Paulo: Edusp, 1997.

DUARTE, N. A ordem privada e a organização política nacional. São Paulo: Nacional, 1930.

FAUSTO, B. Historia concisa do Brasil. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. Historia do Brasil. São Paulo: Edusp, 1999.

FAORO, R. Os donos do poder. vol. 1. São Paulo: Publifolha, 2000.

HOLANDA, S. B. Historia Geral da civilização brasileira. A época colonial. I/1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

LINHARES, M. Y. Historia política do abastecimento. Brasília, 1979.

OLIVEIRA VIANNA. Instituições políticas brasileiras. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1949.

PRADO JUNIOR, C. Evolução política do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1975.

(*) Ney de Souza, doutor em História pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. (Registro USP.)

Mercedes Sanches Graça, descendente de imigrantes espanhóis

Yolanda ASCENCIO(*)



Depoimentos

**AVÓS PA-
ATERNOS** –
Nascidos em Al-
meria (Espanha),
João Sanches e
Encarnación
Sanches Gutier-
rez eram agricul-

tores. Tinham uma grande fazenda, onde cultivavam uvas e azeitonas, que exportavam para a América. Essa fazenda, segundo depoimento de nossa entrevistada, senhora Mercedes Sanches Graça, tinha o tamanho de São Caetano e ficava bem próxima à Serra Nevada, da qual descia um riacho. Quando a neve derretia, as águas do riacho ficavam vermelhas, por causa das maçãs.

O casal João e Encarnación tiveram seis filhos: João (mais velho e pai de nossa entrevistada), Francisco (Paco), Manoel (Manolo), Francisca (Paca), Flora e Maria (esta ainda viva).

Quando João, o filho mais velho do casal, completou 13 anos, irrompeu, na Espanha, a guerra civil. Os jovens eram convocados para o exército e, na maioria das vezes, desapareciam. Dona Encarnación, en-



Papelaria e Bazar Universo, propriedade de João Sanches Gutierrez. Esquina da Rua Monte Alegre com a Rua Rio Grande do Sul. Aproximadamente 1953

tão, resolveu imigrar para o Brasil com a família. Para isso, vendeu uma parte das terras e abandonou o restante. Como o marido não fora aceito para a imigração por ter um problema de visão, conta-nos nossa entrevistada que Dona Encarnación precisou subornar, com dinheiro, alguns funcionários para obter a liberação do senhor João. Assim, em 1921, a família Sanches Gutierrez desembarcava no Porto de Santos.

Durante a longa viagem de navio, segundo depoimento de uma das filhas do casal, Maria, a família, apesar de imigrante, teve muitas regalias, porque um dos marinheiros se apaixonou por Francisca, que tinha 16 anos na época. Assim, foram levados para a parte mais alta

do navio e receberam boa comida. A menina Maria estava se recuperando de uma enfermidade, e o marinheiro ia vê-la constantemente no intuito de se encontrar com Francisca. Queria casar-se com ela, o que a família não aceitou.

Assim que chegaram a Santos, o menino João, pai de nossa entrevistada, comeu uma banana com casca e não gostou.

Viajando de trem, a família chegou ao Brás, São Paulo, de onde foi encaminhada para uma fazenda de café, em Pouso Alegre, onde permaneceu durante cinco anos. Como os irmãos eram menores, João trabalhava demais, e Dona Encarnación, preocupada com o filho mais velho, deixou a fazenda.

Voltando para o Brás, a família morou num sobradão (tipo cortiço), durante alguns meses, na Rua do Gasômetro.

Em 1926, o Senhor João Sanches, avô de Mercedes, comprou um terreno em São Caetano, na Rua Rio Grande do Sul. Segundo ela, era uma rua sem saída, com brejo e muitos eucaliptos (atual Concha Acústica e prédio da antiga Prefeitura).

Em São Caetano, as famílias



Segundo Grupo Escolar, atual Bartolomeu Bueno da Silva, na Rua Monte Alegre. Final da década de 30



Mercedes Sanches Graça com o filho Maurício Sanches Graça



Quatro gerações da família de Mercedes. No meio, Carmem Sanches; à esquerda, Mercedes Sanches Graça; à direita, Márcia Graça Graminhani, filha de Mercedes, e a nenê, Marília Graça Graminhani, filha de Márcia

Fotos: Mercedes Sanches Graça

Sanches e Herrerias se reencontraram e a amizade que já vinha da Espanha se consolidou com o casamento dos filhos José e Encarnação.

AVÓS MATERNOS – Francisco Toro e Maria do Socorro Toro Arca eram espanhóis, nascidos em Málaga. O senhor Francisco trabalhava em um moinho de farinha, em Málaga, enquanto a família de sua esposa se dedicava ao comércio.

Em 1897, o senhor Francisco imigrou, com a família, para o Brasil, desembarcando em Santos.

Uma vez na imigração, recusaram-se a ir para uma fazenda, sendo, por isso, abandonados na rua, com quatro filhos menores: Francisco, Josefa, Maria Dolores e Maria do Socorro (espanhóis).

Por algum tempo, a família Toro Arca foi morar em Bragança Paulista (SP), onde nasceram mais três filhos: José, Nazareno e Antônia.

De volta a São Paulo, instalaram-se na Mooca, onde nasceram mais duas filhas: Trindade e Carmem (esta, mãe de Mercedes, nossa entrevistada). O senhor Francisco passou a trabalhar no Lanifício Crespi, indústria italiana, onde permaneceu durante 30 anos.

Em 1925, a família comprou um terreno em São Caetano, tendo como vizinhos a família Sanches Gutierrez. Foi, então, que João e Carmem se conheceram e se enamoraram.

PAIS – João Sanches Gutierrez nasceu em Almeria (Espanha), no dia 29 de Julho de 1908.

De 1926 a 1931, trabalhou nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, passando, a seguir, para as Louças Adelinas, como encaixotador.

Em 31 de Janeiro de 1931, João

casou-se com Carmem Toro Arca, nascida na Mooca, no dia 10 de Julho de 1910.

Segundo nossa entrevistada, o jovem casal comprou um terreno (João e Carmem ainda não estavam casados), onde construíram sua casa. No local, Dona Carmem, que herdara da família a vocação para o comércio, também montou um estabelecimento comercial: a Papelaria Universo, na Rua Manoel Coelho.

João e Carmem tiveram duas filhas: Mercedes (nossa entrevistada), nascida em 21 de Fevereiro de 1932, e Odete, nascida em 29 de Setembro de 1935.

Quando Mercedes estava com três anos e Odete com alguns meses, João e Carmem mudaram-se para a Rua Rio Grande do Sul, onde fixaram residência e, na frente da casa, instalaram a Papelaria Universo.

Com o negócio prosperando, João deixou de trabalhar nas Louças Adelinas para ajudar a mulher na papelaria, fato que ocorreu em 1935. Dona Mercedes, nossa entrevistada, lembra-se, com saudade, de que, na época, havia três papelarias: Carioca, Pacheco e Universo. Segundo ela, esses co-



Pai de Mercedes Sanches Graça, João Sanches Gutierrez. Dia 12 de Janeiro de 1930

Fotos: Mercedes Sanches Graça



Mãe de Mercedes, Carmem Arca Sanches. Final da década de 20

*Papelaria e Bazar
Universo - João Sanches
Gutierrez no balcão.
Esquina da Rua Monte
Alegre com a Rua Rio
Grande do Sul*



Mercedes Sanches Graça

merciantes faziam, em conjunto, compras na capital. O senhor João Sanches vendeu a Papelaria Universo em 1970 e faleceu no dia 24 de Agosto de 1973.

Dona Carmem, mãe de Mercedes, faleceu em 29 de Setembro de 1995.

MERCEDES SANCHES GRAÇA

– Filha de João Sanches e Carmem Arca, nasceu em São Caetano do Sul, na Rua Manoel Coelho, no dia 21 de Fevereiro de 1932.

Fez o Curso Primário no Segundo Grupo Escolar (atual Bartolomeu Bueno da Silva).

Como não havia Curso Ginásial na cidade, Mercedes passou a estudar em Santo André, no Ginásio Santo André, escola particular. Na quarta série ginásial (hoje, oitava série do primeiro grau), foi reprovada em matemática e latim, e por isso foi transferida para a primeira escola estadual da época: Américo Brasiliense (também em Santo André), onde concluiu o curso, em 1948.

Foi, então, que o pai de Mercedes decidiu que ela deveria preparar-se para o casamento. Matriculou-a nos cursos de costura, educação doméstica (SESI) e bordado (Externato Santo Antônio). Entretanto, o grande sonho da jovem Mercedes era ser professora. Assim, a convite do professor Dario, diretor do Segundo Grupo Escolar, ela começou a substituir

em 1948. Foi também o professor Dario que conseguiu convencer o pai de Mercedes a permitir que ela fizesse o Curso Normal. Para tanto, ela prestou exames de admissão em várias escolas, sendo aprovada em todas, mas optando pela Escola Normal Padre Anchieta, onde se formou em 1952.

Troquei a festa de formatura pela festa de casamento, declara nossa entrevistada, uma vez que, namorando já há alguns anos com Geraldo Graça, colega de escola, casou-se em 18 de Julho de 1953, na Matriz Sagrada Família, às 18h00.

Geraldo Graça trabalhou na Swift, na Antártica e na Volkswagen. Também formado em Magistério, lecionou na Argilex. Vítima de cirrose, faleceu no dia 28 de Julho de 1978.

Mercedes e Geraldo tiveram dois filhos: Márcia, nascida em 13 de Setembro de 1954, e Maurício, nascido em 17 de Fevereiro de 1964.

FORMAÇÃO – Além do Magistério, curso concluído em 1952, Mercedes Sanches Graça graduou-se em Pedagogia e fez o curso de Serviço Social, na Faculdade Paulista de Serviço Social, formando-se na segunda turma (1970).

VIDA PROFISSIONAL – Sendo sua cunhada auxiliar de diretor no Grupo Escolar Senador Fláquer, Mercedes já começou a lecionar nessa escola, em Janeiro de 1953, ali permanecendo até 1957, quando ingressou como professora efetiva no interior de São Paulo.

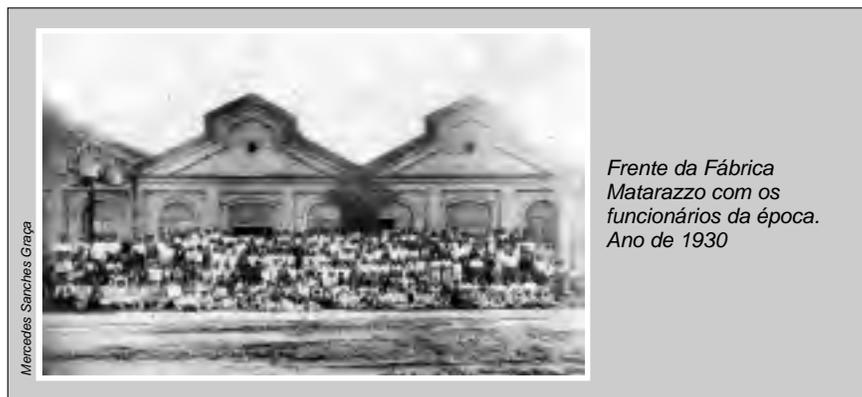
Na época, o ingresso no Magistério se fazia por pontos e não por concurso. Tais pontos eram obtidos através de cursos. Com o objetivo de acumular os pontos necessários, Mercedes procurou o dono da Argilex, oferecendo-se, como voluntária, para alfabetizar os operários da fábrica. O empresário, que estava precisando de professor para esse fim, sugeriu a ela que solicitasse a criação de classes ao SESI, passando a jovem professora a lecionar, não mais como voluntária, mas como funcionária.

Em 1957, Mercedes ingressou, como professora efetiva, em Metolândia, lugarejo a 35 km de Presidente Prudente. Tomou posse no dia primeiro de Agosto de 1957. *Era uma escolinha de paredes de madeira vermelha, com janelinhas azuis,* recorda nossa entrevistada. A nova professora, deixando a família

*Primeiro passeio na
praia. Mercedes Sanches
Graça com o pai João
Sanches Gutierrez e a
mãe Carmem Sanches
Graça*



Mercedes Sanches Graça



Frente da Fábrica Matarazzo com os funcionários da época. Ano de 1930

em São Caetano, hospedou-se em uma casa perto da escola, pois a jardineira (condução local) para a cidade passava apenas uma vez por semana. Uma vez por mês, vinha o padre à cidadezinha para celebrar a missa na escola de Metolândia. Referindo-se à escolinha vermelha, dizia o padre à professora: *Vamos menina, para a sede do comunismo?* Dona Carmem, mãe de Mercedes, não suportando a ausência da filha, partiu para Metolândia com a netinha de três anos, Márcia. Mercedes, então, precisou alugar uma casa, o que não foi difícil, porque a região, transformada em pastagem para gado, deixara muitos desempregados e, conseqüentemente, muitas casas vazias.

Nossa entrevistada lembra-se, ainda, do susto que passou quando a jardineira que as levava (ela, Dona Carmem e a pequena Marcia) de Presidente Prudente para Metolândia, com carga excessiva (até galinhas), despencou pela ribanceira, quase mergulhando no rio. Salvaram-se, felizmente, mas Dona Carmem teve um grande problema muscular. Sem recursos médicos no local, Mercedes se comunicou com o marido, que as foi buscar em primeiro de Setembro de 1957.

De volta a São Caetano, a professora conseguiu um comissionamento na Praça da Sé, num departamento que controlava todas as caixas escolares do Estado.

Em 1960, a professora Mercedes foi removida para o Grupo Escolar Senador Roberto Simonsen, em São Caetano, onde lecionou até 1971, transferindo-se, então, para o Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, aí permanecendo até 1981.

No dia quatro de Janeiro de 1982, mediante concurso, tornou-se diretora em Rio Grande da Serra, onde ficou apenas um ano. Por concurso de remoção, passou a dirigir a Escola Wanderlei Ramos Brandão, no Bairro Prosperidade, em São Caetano do Sul.

Em Maio de 1983, a Escola Wanderlei Ramos Brandão, cujo prédio era vítima de constantes enchentes, foi absorvida pela Escola

Laura Lopes. Como a presença de dois diretores em uma só escola começou a causar problemas, a professora Mercedes foi convidada para substituir um supervisor. Sendo a escola Wanderlei Ramos Brandão extinta em 1984, a professora Mercedes se tornou diretora adida, aguardando nova colocação, o que ocorreu no mesmo ano, assumindo ela a direção da Escola 28 de Julho.

Em 1985, prestou concurso para supervisor, assumindo o cargo em Itapeva, com remoção para São Caetano, onde se aposentou em 1989.

Como assistente social, a professora Mercedes exerceu também várias atividades. Contratada pelo Centro de Entidades Assistenciais de São Caetano do Sul (Ceascs – 1971-1975), participou da elaboração do estatuto do Lar Bom Repouso, trabalhou para a instalação da sede dos Patrulheiros Mirins e fez parte do Núcleo de Capacitação do Menor (Nucame – 1975-1989). Fundou a Associação Protetora dos Animais em quatro de Outubro de 2000, e seu mandato de presidente termina em 2004.

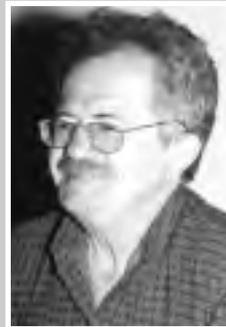


Professora Mercedes Sanches Graça no dia de sua formatura na Escola Padre Anchieta. Ano de 1952

HOJE – Atualmente, a professora Mercedes Sanches Graça, ainda morando na casa de seus pais, na Rua Rio Grande do Sul, considera-se uma pessoa feliz e bem sucedida. Orgulha-se da filha Márcia (casada, professora) e do filho Maurício (solteiro, administrador de empresas). Adora os netos Ricardo (engenheiro) e Marília (estudante de Direito em Londres).

Procura estar sempre em atividade e gosta de desfrutar a vida plenamente.

(*) Yolanda Ascencio é professora de línguas, pedagoga, advogada e escritora



Fundação Pró-Memória

Depoimento de Manoel Joaquim da Silva, o Manezinho do Cadastro, para a Fundação Pró-Memória, em 19 de Agosto de 2003

Manoel Joaquim da Silva (Manezinho do Cadastro): 42 anos de serviço na Prefeitura

Em 1954, o Município de São Caetano do Sul ainda se organizava em todos os níveis burocráticos para estruturar-se como instituição, incluindo as diretorias da fazenda, da saúde, os serviços municipais em geral e, principalmente, a diretoria de administração.

Dentre as seções que foram criadas, uma se destacava pela importância de seu trabalho, fundamental para o progresso da cidade: a seção de cadastro. Fazia parte desse trabalho o levantamento cadastral imobiliário, que compreendia o cálculo da área dos terrenos e construções, bem como a coleta de todos os dados relativos aos melhoramentos públicos úteis às propriedades. Isso permitia que a seção de receitas taxasse de maneira justa os tributos devidos.

Era fundamental o levantamento topográfico da cidade, para a elaboração da planta do município, de uma planta com curva de nível, de uma planta aerofotográfica e, finalmente, para o emplacamento das vias públicas. (Em cumprimento à Lei 490 de 19 de Outubro de

1954, que normalizava a denominação das ruas.)

É nesse contexto que surge na cidade o migrante Manoel Joaquim da Silva, o Manezinho do Cadastro, que viria a trabalhar por 42 anos nesse importante serviço da Prefeitura. Hoje, aposentado, ainda realiza alguns bicos nessa área, pois sua vontade de trabalhar e ajudar é interminável.

Acompañamos o seu depoimento gravado na Fundação Pró-Memória em 19 de Agosto de 2003.

Nasci em Inajá, Pernambuco, em primeiro de Março de 1938, segundo de seis irmãos. Meu pai, Martins Casimiro da Silva, e minha mãe, Dominica Quitéria da Silva, eram pequenos agricultores, e levavam uma vida muito sacrificada na lavoura, não podendo oferecer muitas oportunidades para sua prole. Para fazer o curso primário, tinha de andar 15km até a escola e também ajudar no cultivo da roça da família. Quando completei 18 anos de idade, parti para o Paraná com minha irmã casada e meu cunhado. Na passagem por São Paulo, resolvi fi-

car morando com meu tio, José Quintino Rodrigues, na Av. Senador Roberto Simonsem, nº 678. Havia chegado a São Caetano em 25 de Outubro de 1956, sem nenhuma experiência profissional, e comecei a procurar emprego.

Na ocasião, em São Caetano, havia uma grande agitação política em torno das eleições para a Prefeitura. Um dos candidatos a prefeito era Oswaldo Samuel Massei. Integrei-me à sua campanha política, distribuindo folhetos e pregando cartazes, na esperança de, caso ele fosse eleito, ser contratado para trabalhar na Prefeitura. Nessa campanha conheci outros nomes que fariam sucesso na vida política da cidade: Nicolau Delic, Raimundo da Cunha Leite, Mário Curvelo, Joaquim Formiga e muitos outros.

Oswaldo Samuel Massei venceu as eleições e tomou posse em quatro de Abril de 1957, mas não me arrumou o emprego.

Durante a campanha, não sei bem por que motivo, talvez em função de minha pequena estatura, 1,52 metros, ou em razão

da cara de menino que eu tinha na época, todos procuravam me ajudar, e o vice-prefeito eleito, Sr. Lauro Garcia, sabendo de minha situação de desempregado, levou-me para trabalhar em sua fábrica de botões de osso, situada na Rua Perrella, nos baixos do Viaduto dos Autonomistas. Fui o único militante da campanha de Massei que conseguiu emprego na área privada. Trabalhei mais ou menos seis meses na fábrica e já estava cansado daquilo, a ponto de querer viajar para o Paraná, onde morava minha irmã. Nessa ocasião, encontrei o Nicolau Delic, que ao saber da minha história resolveu me ajudar a arrumar emprego na Prefeitura. Falamos com o prefeito Massei, que imediatamente me encaminhou para a seção de cadastro, onde ficaria sob as ordens do Sr. Giuseppe Sabatini.

O próprio Sabatini me falou: “Se você for bem nesse trabalho, você vai longe nesse serviço”.

Foi muito difícil para mim entender o significado daquelas medições, escalas e ângulos usados naquela seção, onde o ritmo de trabalho era cansativo. Percebi, na prática, que tinha de voltar à escola, caso contrário seria difícil entender aquele trabalho. Estudei desenho e cálculo técnico no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), e o resto fui aprendendo na prática, o que me levou a continuar exercendo essa profissão até a minha aposentadoria.

Quando comecei a trabalhar como desenhista-cadastrista, a seção estava localizada no segundo andar do Edifício Vitória, sala 13, e éramos apenas dez funcionários. A minha rotina de trabalho, às vezes, envolvia o trabalho externo.

No fim da administração do prefeito Massei, em Março de 1961, continuava na seção de cadastro e morava em uma pensão da Rua Major Carlo Del Prete. Era solteiro e minha di-

versão na época era frequentar a sede esportiva do SESI (Serviço Social da Indústria), na Rua Santa Catarina, 55 – Edifício Fortaleza. Lá eram realizados muitos bailes, e o meu amigo inseparável na época era o Benedito Leal, também funcionário público. Também nos acompanhavam alguns colegas da pensão.

Quando o prefeito Anacleto Campanella assumiu pela segunda vez a Prefeitura, em quatro de Abril de 1961, comecei a ter problemas no serviço, e fui demitido, pois era apenas contratado, sem concurso público, e identificado como simpatizante do grupo do Massei. Mais uma vez, o meu chefe, Giuseppe Sabatini, resolveu o problema. Na primeira oportunidade que teve ao falar com o Campanella, disse: “Campanella, como é que você pode cobrar serviço da seção de cadastros se você demitiu meus dois desenhistas!” Campanella retrucou: “Se é assim, peça a eles que voltem ao trabalho, que vou contratá-los como extranumerários, oficialmente como desenhistas”.

Graças ao Sabatini, que era muito respeitado pelos políticos, pois sabia manter-se neutro entre aquelas duas forças políticas da cidade, consegui manter-me no emprego e tocar a vida.

A rotina na seção de cadastro continuava séria e atarefada. Os cadastristas continuavam os trabalhos de campo, em ritmo acelerado, pois os bairros de São Caetano cresciam e rapidamente se urbanizavam, devido à chegada de grandes levas de migrantes atraídos pelos empregos na indústria automobilística. Com o trabalho dos cadastristas, cabia aos desenhistas dar forma a todos aqueles dados estatísticos,



Manoel Joaquim de Silva

Em Dezembro de 1971, Manezinho do Cadastro foi o funcionário público convidado pelo prefeito Massei a participar do descerramento da bandeira nacional, hasteada em frente ao antigo Paço Municipal, na Avenida Goiás, 600



Ao completar 40 anos de Prefeitura, em 1997, Manezinho foi homenageado no gabinete do prefeito. Da esquerda para a direita: Ilomar Darronqui – diretor de obras, Dr. Luiz Olinto Tortorello – prefeito municipal, Dr. Sílvio Torres – vice-prefeito, Manoel Joaquim da Silva – Manezinho, Antônia Cavalcante Lima Silva (esposa), Fabiana da Silva (filha), Adaltiva Ferraz Lima (sobrinha) e o militar Milton Otero.

desenhando o trabalho topográfico na arrumação das poligonais, feitas casa por casa. Através dos trabalhos feitos quadra a quadra, as referências dos prédios de cada quarteirão eram reproduzidas em pranchas. Esse levantamento era o serviço básico necessário para o lançamento dos impostos prediais, que só foram atualizados em 1967, mas que haviam sido iniciados em 1956, com desenhos feitos na escala de 1:500.

O trabalho executado pela seção de cadastros em São Caetano, nessa época, 1967, deve ter sido um trabalho pioneiro, pois as demais cidades da região do ABC o tomaram como referência.

A minha vida continuava normal, mas o meu grande sonho era possuir uma casa própria, e lutava com muitas dificuldades para consegui-la. Até que um dia tive uma idéia que funcionou: entrei em um consórcio de automóveis, muito co-

mun naquela época, e, após pagar por cinco anos a prestação, ao receber o carro, eu que nem era habilitado, vendi o automóvel e dei entrada em uma casa própria. Nessa casa moro até hoje. Não cheguei nem a ver a cor do carro.

Casei-me em 25 de Janeiro de 1975, e já estava morando em minha casa própria, na Rua Rio Branco, 13, Bairro da Fundação. Era uma casa velha e mal construída. Praticamente tive de construir uma casa nova.

Na década de 70, a seção de cadastro começou a se modernizar com novas tecnologias e profissionais mais gabaritados. Nessa época, eu já tinha receio em sair da Prefeitura e tentar um novo emprego na iniciativa privada. Não havia mais tempo para uma reciclagem profissional ou para investir em aventuras fora da minha profissão. Fui convidado a substituir, por um tempo, um funcionário, Desidério, na seção de lança-

doria, mas retornei rapidamente para o cadastro. Sempre fui um funcionário que soube esperar a minha vez para ocupar a chefia.

Na administração do Dr. Raimundo da Cunha Leite, o chefe era o Benedito Leal. Depois foi o Clodoaldo Vechio, mas isso já na administração do Braido, e numa parte da administração do Dr. Luiz Olinto Tortorello.

Continuei minha vida de desenhista-cadastrista, inclusive fazendo alguns serviços por fora em minhas horas vagas de trabalho, para ajudar os amigos, os vizinhos e quem me procurasse para o desenho de uma casa ou informações sobre alguma obra paralisada.

Hoje me sinto perfeitamente integrado à cidade de São Caetano. Lembro-me de que, no começo da profissão, eu era obrigado a ficar de oito a dez horas debruçado sobre uma prancheta de desenho. Hoje vejo o milagre que a informática produziu: um trabalho mais científico e menos cansativo.

Meu último dia de trabalho foi o dia 13 de Maio de 1995, quando completei exatamente 41 anos e seis meses de serviço. Tenho consciência de que exerci minha tarefa no serviço público com muito trabalho, honestidade, e tratei a todos com quem convivi com muito respeito, dignidade, humildade, inclusive os contribuintes do município que sempre me procuravam para resolver seus problemas. Tenho muita saudade dos meus amigos da Prefeitura e fico muito feliz ao reencontrá-los para lembrar aqueles tempos. (Depoimento de Manoel Joaquim da Silva para a Fundação Pró-Memória em 19 de Agosto de 2003.)

E o palhaço o que é? Não é mais...

Leonilda Pilatti C.P. VERTICCHIO (*)

Um telefone chama:

- Alô... Alô...

- Pronto!

- Oi Lu, buona sera... come va?

- Io non sono tanto bene...

- Eh... falando sério, você vem pra cá?

- Estou indo, mas não me espere já... Eu vou direto para a Rua Pernambuco... quero ver se ainda tem aquele degrau no portão da casa nº 56... para eu sentar e chorar... e chorar...

- O quê? Que é isso, você vai para a Rua Pernambuco pra chorar?! Ah, tchau mesmo!

Não... não existe lugar certo para chorar. Mas chorar por um circo que acabou... morreu... tem de ser no lugar exato onde eu vi o primeiro, que era um circo de cavalinhos!

Para mim é fácil voltar a 1940 porque a visão, a chegada do material e a armação de um circo é um momento fatal. Ninguém esquece!

Na minha jovem retina ficaram gravadas as primeiras cenas de um acontecimento que eu não sabia o que era... nem o que seria. Foi ali, sentadinha no degrau do portão da casa 56, vendo as pessoas passarem, uma tarde, que eu vi dois caminhões entrarem no campinho de frente da minha casa...

O campinho era um espaço grande, sem casas, formado pelas ruas Baraldi, Pernambuco, Santo Antônio e Alagoas.

Os caminhões, já no centro do campinho, foram sendo descarregados por poucos homens, que haviam vindo junto.



... a cortina se abriu ao som de uma bandinha do próprio circo. A música era bem alegre...

Era impossível adivinhar o que iriam fazer com aquele enorme amontoado de ferro e madeira.

Ninguém, ninguém que não fosse do circo poderia saber por onde começar. De repente, escutávamos pancadas de martelo nos ferros, barulho de enxada na terra e som de prego sendo cravado em madeira.

O barulho era muito forte. Eu não sabia para onde olhar. Porém, rapidamente, o som que meus ouvidos escutavam se transformava no grande mastro central que meus olhos viam.

O mastro enorme era o ponto mais alto, e os homens continuavam trabalhando. Não mais que de repente, um murmúrio, baixo a princípio, depois alto. A molecada, em correria para o campinho, gritava... *Oia, o circo chegô! Vem vê! Vem vê! O circo chegô!* As pessoas saíam das casas para ver o motivo de tanta alegria.

Um som de música, um bumbo e um clarinete haviam atraído a molecada. Eles, os meninos, seguiam os dois músicos, batendo palmas, gritando. Todos juntos iam desfilando pelas ruas. Junto dos músicos havia um homem es-

tranho que, com um cone de metal, gritava avisando que o circo havia chegado à cidade.

- *Venham! A estréia é sábado, não percam! Venham! Chegou o Circo Teatro Aretuza! Trapezistas! Malabaristas! Macaquinhos amestrados!*

No outro dia o circo estava quase pronto: a lona que o cobria parecia um enorme guarda-chuva.

No sábado, estava tudo pronto para a estréia. Acredito que São Caetano inteira estava ansiosa. (Ao menos em casa meus irmãos e irmãs só falavam do circo.)

Grandes placas na Rua Alagoas, e uma na Rua Baraldi, anunciavam o grande espetáculo.

Hoje Circo Teatro Aretuza Hoje
7 Horas da noite

1ª Parte – Ato Variado

O Palhaço Cosquinha
Trapezistas
Malabaristas

Cavalinhos que dançam

A menina que dança no ar
Presa pelos cabelos!

2ª Parte – O Drama em três atos

A Filha do Comandante

Lágrimas

Emoções

Não percam!

Muita gente chegando, jovens, moças, casais, crianças, todos ansiosos para ver o circo por dentro. A fila da bilheteria era bem grande.

Para mim, entrar no circo foi inesquecível. Foram cenas que jamais esqueci. Como era lindo o circo por dentro, muitas luzes, bem iluminado! Para a gente assistir sentada, tinha a arquibancada (poleiro) que dava a volta toda. Havia também cadeiras mais próximas do palco.

O palco do circo, chamado picadeiro, era também redondo, com uma cortina sobre uma porta, por onde saíam os artistas. Era todo coberto de serragem fina.

Os olhos das pessoas – que lotavam todos os lugares – estavam grudados na cortina do picadeiro, porque os artistas entrariam por essa porta, e viriam até o centro do palco.

A cortina se abriu ao som de uma bandinha do próprio circo. A música era bem alegre.

O primeiro a aparecer foi o mes-

tre de cerimônias, quase sempre o próprio dono do circo. De casaca preta, camisa branca de peito duro, gravata borboleta e suspensórios. Levava numa mão uma bengala, na outra uma cartola. Saudava o público. Sorrindo muito, agradecia curvando a cabeça, e avançava até o meio do picadeiro.

O povo batia palmas. Ele agradeceu e fez sinal pedindo silêncio, pois iria falar. Em voz bem alta, disse lentamente:

- *Respeitável Público! O Circo Teatro Aretuza agradece vossa presença na nossa estréia. Esperamos que todos gostem. Obrigado, obrigado, obrigado...*

O mestre de cerimônia agradecia virando-se, curvando-se para todos os lados, voltando e caminhando pelo picadeiro.

A bandinha começou a tocar mais alto. A cortina abriu e começaram a sair os artistas. Primeiro saíram duas mocinhas, vestidas com vestidinhos coloridos. Um era vermelho, outro azul claro, brilhante. Elas andavam como se estivessem marchando, em razão da música da bandinha.

Em seguida, saíram do mesmo jeito: marchando. Moços e moças, lindamente vestidos, eram os trapézistas. Depois se apresentavam os malabaristas, com roupas bem coloridas, a bailarina que dançava no ar presa pelos cabelos, três pô-

neis bem enfeitados, macaquinhos, cachorrinhos...

Por fim, o palhaço e sua turma entraram dando cambalhotas, trombando com os companheiros, fazendo o público rir.

Depois, as alas se cruzavam no centro do picadeiro, e, desfilando, voltavam para trás da cortina. O mestre de cerimônias, acenando, andava de costas até passar pela cortina.

Era muito lindo! Parecia que não era só eu que estava vendo o que tinha num circo. Aquele povo todo batia palmas, ria e ria. Era emocionante: a bandinha tocando, as cores, as emoções, os baleiros, meninos que vendiam pirulitos...

O picadeiro ficou vazio por uns minutos. Em seguida, a bandinha deu um toque de alerta, e entraram os palhaços, brincando, dando saltos, correndo, fazendo perguntas e adivinhações inocentes.

Ah, o palhaço! Era aquele homem estranho que a molecada seguia pelas ruas...Ele vestia uma roupa bem diferente! A calça vermelha, xadrez, bem larga, a camisa grandona, o colarinho bem largo. A gravata ia até os joelhos, e os sapatos eram enormes.

O rosto, no começo, dava um pouco de medo. Depois achei lindo, gozado. O nariz e as faces vermelhos sobre o rosto branco, as sobrancelhas riscadas no alto da testa, os cabelos arrepiados...

No ato final, eu não entendi por que as moças e as mulheres que no começo riam, no final passaram a chorar. A verdade é que um drama acabara de ser encenado. Foi o primeiro drama que vi. Não compreendi o que falaram. Só me lembro do palhaço.

Um mês depois, ou talvez um pouco mais, o circo foi embora. Outros circos vieram, e eu continuei fascinada, encantada.

Não vou mais à Rua Pernam-



Fundação Pró-Memória

...era muito lindo!
Parecia que não era só eu que estava vendo o que tinha num circo...

buco. Não adianta, não é mais a mesma. Nem os vizinhos, nem os amigos, nem o campinho ... Esse campinho, que era atravessado pelas pessoas que queriam cortar caminho em todos os sentidos. Atravessava o campinho pela Rua Baraldi quem ia para a estação de trem, para a venda dos srs. Natale Gianotti e Luiz Colognese, para o Bar do Piola, para a colchoaria da família Molinare, para pedir ajuda ao enfermeiro sr. Biaggio.

Pela Rua Alagoas, cortava caminho quem ia para a Igreja Sagrada Família, para a venda da Dona Longa e para pôr no lugar pés, mãos, dedos e braços destroncados. O sr. Crica, com bondade e simpatia, punha tudo no lugar.

Na Rua Santo Antônio, só havia casas de um lado. Além da venda dos srs. Gianotti e Colognese, que era de esquina, havia no local a residência da professora Cacilda Pinto, a da costureira sra. Alba, a do enfermeiro sr. Biaggio e a de um rapaz chamado Tchupim, muito amigo de todos os moradores dali, e acho que de toda a São Caetano. Mais uns poucos moravam na esquina da Rua Baraldi: a imprescindível família Cambaúva e a família Tognolli.

Na Rua Pernambuco acontecia o mesmo. Só havia casas de um lado. Eram nossos bons vizinhos. A bonita família do sr. João e da sra. Duzolina Georgetti, a família Vincenzi, a família Durante, a família Gallo, o casal dona Cotinha e sr. Jarbas, o casal sr. José e dona Maria, donos de uma loja. Além dessas pessoas, havia, para nós, uma senhora em especial: a boníssima dona Irene, cujo marido, sr. Pontes, tinha uma pensão onde se hospedavam rapazes que vinham do interior do Estado para trabalhar em São Caetano.

São Caetano, nessa época, tinha seus divertimentos: os clubes de futebol, os bailes, os grupos de teatro,

as quermesses.

Já havia há anos o Cine Central, com filmes de *astros e estrelas* famosos. Talvez pelo fato de os filmes serem em branco e preto, o circo fosse tão esperado, assim como o parque de diversões. O colorido e as luzes faziam a diferença, especialmente para as crianças.

No picadeiro, o palhaço era a alma e a vida do circo. Nos dias comuns, ninguém sabia quem era o homem de rosto pintado, roupa esquisita, com uns sapatões, e que fazia tanta graça. Nem mesmo os meninos que invadiam o circo por baixo da lona para assistir aos ensaios sabiam quem era o palhaço.

Nós vimos circos pobres, cujo mestre de cerimônias tinha a casaca marcada pelo ferro de passar. As balizas e os trapezistas possuíam roupas quase sem cor, sem brilho...

Vimos também circos ricos, majestosos, com domadores, feras e o sensacional número do globo da morte.

Com os tempos modernos, o cinema colorido e a televisão (depois também colorida), levando as cores e a arte a todos os cantos da Terra, fizeram desaparecer a arte e a diversão mais antiga do mundo.

Difícil será saber quando a arte de representar, cantar na rua, pelas estradas, sem a lona do circo como cobertura, começou. Talvez algumas pessoas excluídas, não aceitas, expulsas da cidade, tenham se juntado e fazido graça para não chorar. Então deve ter surgido a idéia de pintar o rosto, para se esconder... Mais ou menos assim eram os menestréis e os saltimbancos na Europa.

No Brasil, há 70, 80 anos, talvez até antes, os circos têm percorrido estradas difíceis, nos cantos mais longínquos, para levar um pouco de alegria e arte cênica às pessoas. Atualmente, vivem o drama que costumavam encenar, já que

rapidamente estão desaparecendo.

DRAMAS – Os dramas eram peças de teatro adaptadas para o picadeiro, e não havia circo que na Semana Santa não representasse o emocionante drama *O Mártir do Calvário*. Tratava-se da encenação da paixão e morte de Jesus Cristo, com muita dignidade e respeito. Era impossível não chorar.

Outros dramas, como *A Ré Misteriosa*, *O Conde de Monte Cristo*, *A Filha do Comandante*, também faziam parte do repertório circense.

Bem antes de o Circo Garcia terminar, muitos outros já haviam encerrado as atividades.

Os circos não eram apenas o espetáculo, não eram somente as lonas que os cobriam. Eram principalmente as famílias, do bisavô ao bisneto, unidas quer quando a praça era boa, quer quando não dava dinheiro algum.

Neste ou naquele circo, as famílias viviam em perfeita união, numa comunidade, repartindo tudo entre si.

De todos, porém, só o palhaço sem dúvida permanecerá em nossa memória. O astro maior, a alma do circo, será lembrado eternamente. Ninguém, ao vê-lo entrar correndo, tropeçando, todos os sábados e domingos, sabia se ele estava doente ou triste, se sentia ou não saudades de alguém. Ninguém jamais lhe dirigiu esse tipo de pergunta. Não interessava, para quem sorria, saber dos problemas do palhaço. Eu mesma não me interessava por isso. Eu, que não fui até a Rua Pernambuco sentar no degrau da casa 56 para que não se apagasse de minha memória a visão de um circo chegando.

(*)Leonilda Pilatti C. P. Verticchio, memorialista de São Caetano do Sul

Uma sociedade portuguesa, com certeza!

Humberto Domingos PASTORE (*)

O desfile de sete de Setembro de 1949, que aconteceu na Rua Santa Catarina, despertou muito mais do que o espírito cívico no povo da recém-criada cidade de São Caetano do Sul. Despertou também o desejo de criar uma entidade que abrigasse todos os integrantes da colônia portuguesa do município.

Um grupo de lusitanos, radicados em São Caetano, que acompanhava com vivo interesse as instituições que desfilavam com seus garbosos uniformes e suas coloridas bandeiras, notou que nenhuma delas representava o imigrante de Portugal. O resultado foi o surgimento do plano para se fundar uma entidade que representasse a colônia e que mostrasse o seu carisma baseado na fé, no trabalho e na alegria.

Dessa forma, surgiu, naquele mesmo ano, a Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano, que nasceu com o objetivo de tornar realidade o sentimento humanitário dos portugueses em benefício do povo. Estava, portanto, nascendo a idéia de se construir um hospital na cidade.

A primeira reunião foi realizada, no dia cinco de Outubro, na antiga sede do Monte Alegre Futebol Clube, localizada na então Rua Minas Gerais, 35. Essa data foi escolhida por marcar, na época, a Proclamação da República Portuguesa. Os fundadores faziam questão de realçar que a entidade criada era filantrópica, apolítica, sem fins lucrativos e que o seu maior objetivo era erguer e administrar o futuro hospital beneficente.



Fotos: Fundação Pro-Memória

Fachada da ala antiga do Hospital Nossa Senhora de Fátima, no ano de 1955, onde funcionava o posto do SAMDU

Solenidade realizada no dia seis de Abril de 1950: batismo da bandeira da Sociedade Portuguesa de Beneficência de S.C.S., que fora oferecida pela Sra. Alice Pina Bernardes, esposa do presidente do Conselho, Sr. Antônio Bernardes

Em 1953, os diretores da Sociedade recepcionaram a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que entrou em São Paulo através do Porto de Santos. Vemos José Cavalheiro; Antônio Benedito Remondes; Antônio Soares; o representante do navio; o prefeito de São Caetano, Ângelo Raphael Pellegrino; Alfredo Rodrigues; Eugênio Augusto; Isaura Fernandes Rodrigues. Embaixo: Serafim Carlos, Almeida Claro e Amadeu de Almeida

FUNDADORES – Pela seqüência das assinaturas no livro de ata inaugural da entidade, os fundadores portugueses e luso-brasileiros foram: Júlio de Mello, José Cavalheiro, Adriano Duarte, Alfredo Rodrigues, Antônio Soares, Dirceu de Oliveira Lima, Anacleto Pires Laranjeira, Antônio Lopes Carva-

lhal, Amadeo de Almeida, Antônio Benedito Remondes, Serafim Carlos, Adriano Gonçalves, Dirceu Vieira de Souza, João Antônio dos Santos, Joaquim Marques Vasconcelos, José Maria Rodrigues, Amadeu Pinto, José Correia, José Ferreira Pires, Manoel Maria dos Louros, José Teixeira Brandão,

Posse da primeira diretoria, em ato que aconteceu nas dependências do hospital, no dia 18 de Outubro de 1953. Roberto dos Santos, Manoel Ribeiro, Olímpio Scardelato, Manoel Laranjeira, Antônio Soares, Alfredo Rodrigues, Antônio de Andrade, Júlio de Melo e Oriundo Dal Poggetto foram algumas das pessoas que prestigiaram o evento



Fotos: Fundação Pró-Memória



A solenidade de inauguração do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência contou com a presença do Sr. Ermírio de Moraes, representando o cônsul de Portugal, que aparece ao lado do prefeito Oswaldo Samuel Massei e do deputado federal Lauro Gomes de Almeida

O Hospital Nossa Senhora de Fátima foi inaugurado no dia 17 de Novembro de 1957. A madrinha foi a Sra. Lavinha Rudge Ramos, que em primeiro plano aparece ao lado de Antônio Carvalho, Ângelo Raphael Pellegrino, Alfredo Rodrigues, Lauro Gomes de Almeida, Conchetto Constantino e Oswaldo Samuel Massei



Manoel José Dias, José Garrido Lourenço, Aníbal Soares, Francisco Nogueira, Serafim R. de Almeida, Antônio Manoel, Antônio Marques Leal, José Rodrigues Neto, Elísio dos Santos, Manoel Nobre, Patrício José da Silva Gaspar, Francisco dos Santos, Manoel da Silva Laranjeira, Antônio Patrício, José Luiz Flaquer Neto, José Salvatore Neto, Paulo Gonçalves Pereira, Antônio Bernardes, Manoel de Oliveira Castro, Antônio de Andrade, João Sérgio

de Almeida Filho, Antônio Augusto Remondes, Francisco Del Rey, Cândido Campos Lopes, Manoel Ribeiro, Armindo Ribeiro, José Salvetti, Pompeu Andreucci, Bernardino Borges, José de Almeida Claro e Inácio Ferreira Barbosa.

SÍMBOLO E BANDEIRA – O brasão da entidade foi produzido pelo artista plástico e professor João Fernandes Ribeiro. Com as cores

verde e vermelha, iguais às da bandeira de Portugal, o emblema foi montado com a simbologia dos sete castelos, agrupados dentro de um escudo, e tendo ao centro a cruz de malta. O trabalho foi aprovado pelos diretores, que nele viram a configuração da integração de um símbolo único e indivisível, o brasão que traz a força e o trabalho de uma grande sociedade.

Tendo como modelo esse brasão, a esposa do primeiro presidente do conselho deliberativo, a Sra. Alice Pina Bernardes, confeccionou e doou a primeira bandeira, que inclusive foi abençoada pelo padre Ézio Gislimberti em ato que aconteceu durante a primeira sessão solene, realizada no dia 14 de Novembro de 1949, no salão do clube Jaraguá, que ficava no segundo andar do prédio nº 25 da Rua Santa Catarina, no centro da cidade. Nesse endereço, na sala 14 funcionou a primeira sede da nova entidade.

FUNDOS – Após a eleição, tomaram posse os diretores e em seguida todos arregaçaram as mangas. Havia muito serviço a ser feito, já que o objetivo era a construção de um hospital. A contribuição dos sócios era somada aos fundos obtidos com as muitas campanhas, como as do *Metro de Terreno*, *Metro de Areia*, *Cimento*, além do *Livro de Ouro*. O resultado foi a compra de um terreno.

Ainda vivem na memória dos mais antigos as muitas festas portuguesas que aconteceram na cidade, festas cuja realização dependeu do trabalho das beneméritas senhoras esposas dos diretores, conselheiros e sócios. Elas estiveram à frente das barracas, e muito do sucesso dos eventos festivos se deveu ao empenho desse importante grupo.

Destaca-se, também, nesse período, a criação do primeiro grupo folclórico de danças portuguesas,



A placa de bronze fixada junto à entrada principal do hospital registra o ano da inauguração: 1957

Em 1958, os diretores da entidade eram Alcides Soares, Antônio Micheletti, Geraldo Braido, Frederico de Marco, Antônio Soares, Alípio de Castro, José Mombelli, (?) e José Rodrigues



uma iniciativa da benemérita Isaura Fernandes Rodrigues. Esse grupo, formado com os casais associados do hospital, possuía coreografia própria que alcançou muito sucesso na região. Além disso, não pode deixar de ser citada a eleição da rainha e das princesas dessas festas lusitanas, lembrando que a primeira rainha foi Maria da Silva, em disputa ocorrida no ano de 1951.

Graças a esse trabalho foi conseguida a verba para a compra do terreno, que ficava na antiga Rua Tapuias, onde existia o campo de futebol do Tamoio. Ali foi construído o hospital. Anos depois, essa rua passou a se chamar Nossa Senhora de Fátima.

TIJOLO POR TIJOLO – Naquele tempo, os sócios que necessitavam de tratamento médico eram encaminhados pela única funcionária, a Sra. Adelina de Mello Gloeden, ao consultório do Dr. Abib João Kirche, que durante anos prestou atendimento sem receber honorários.

No ano de 1952, o presidente Alfredo Rodrigues, com o apoio de seus diretores e conselheiros, edificou o primeiro bloco do hospital. O construtor foi o Sr. Antônio Soares.

O grande sonho foi concretizado no dia 17 de Novembro de 1957. Nesse dia, aconteceu a inauguração do primeiro bloco do Hospital Nossa Senhora de Fátima, em sole-

nidade que teve como madrinha a Sra. Lavinha Rudge Ramos, esposa do prefeito de São Bernardo do Campo, acompanhada do prefeito de São Caetano do Sul, Oswaldo Samuel Massei.

O hospital conquistou seu merecido destaque quando recebeu a implantação do SAMDU – Serviço de Atendimento Médico Domiciliar de Urgência, entidade precursora do nosso atual INSS. Essa ação foi possível graças ao empenho daquela diretoria, que não mediu esforços para obter o apoio do governo federal.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - No ano de 1953, ainda durante a construção do hospital, a imagem de Nossa Senhora de Fátima, em peregrinação pelo mundo, visitou São Caetano do Sul e abençoou o terreno. Em forma de homenagem, seu nome foi escolhido para denominar o futuro hospital. Uma capela foi construída no local, e a primeira missa foi celebrada pelo padre Ézio Gislimberti. Também em homenagem à santa, o primeiro bebê a nascer na maternidade ganhou o nome de Maria de Fátima.



Aqui vemos os diretores da entidade no ano de 1965: Alcindo Pereira, José Sampaio de Vasconcelos, Luiz Crepaldi, Luiz Alves Escudeiro, Arsênio Peres dos Santos, Antônio Porfírio de Andrade, Manoel Joaquim, Antônio Benedito Remondes, Cláudio Caetano Tomincasa, Manoel Da Cruz. Sentados: Amadeu de Almeida, Paulo Dival Canossa, Orlando Rodrigues de Almeida, Júlio de Mello, Cândido Campos Lopes e Antônio Carvalho

(* Humberto Domingos Pastore é jornalista. Atualmente responde pela administração do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul

Férias escolares...

Início do bate coco

(histórias extraídas do livro "Do Tirreno ao Atlântico")



Duílio IANNACARO()*

Assim que terminou o segundo ano escolar, durante as férias de fim de ano, eu fui trabalhar numa fábrica de botões

do engenheiro Aldo Aliberti. Era um serviço que não precisava se cadastrar, não tinha hora de entrar e nem de sair, nem precisava marcar o cartão de ponto, trabalhavam homens, mulheres e crianças. Era o famoso bate coco! O que era o bate coco?

O serviço era realizado em um galpão e os trabalhadores ficavam sentados em cima de um saco de estopa e com uma mão seguravam o coco coroso em cima de um toco de madeira e com a outra batiam com uma lima afiada em triângulo, até que o coco se desprendesse da casca. O que era aproveitado para a fabricação dos botões era somente o miolo do coco.

Para que eu aprendesse o serviço, precisei levar muitas limadas nos dedos que chegavam a sangrar.

Era um barulho o dia inteiro, ocorriam muitas brigas para proteger o cantinho de bater coco, pois no trabalho, era um salve-se quem puder.

O coco era descascado e colocado dentro de uma lata e quando completava, aproximadamente dez quilos, carregava-se até o sr. Neves para que fizesse a inspeção. Se ele encontrasse algum coco com casquinha, tínhamos de revistar os co-

cos novamente. Uma vez verificada a ausência das casquinhas nos cocos, o sr. Neves registrava o peso do coco descascado para posterior pagamento que ocorria a cada oito dias. O sr. Neves era rigoroso no momento da fiscalização porque depois do coco (Sic) estar totalmente descascado, era encaminhado à seção de serra. O coco era então fatiado para depois ir nos toros para fabricar o botão.

O trabalho era cansativo, principalmente para as crianças que como eu, tinham apenas dez anos, mas era também divertido pelo movimento e falatório de todos.

O bate coco era o começo de

tudo na fábrica e todas as crianças sonhavam em um dia poder trabalhar nas diversas seções da fábrica.

Esse serviço foi a tábua de salvação de muitas famílias de São Caetano, principalmente em virtude do desemprego. Muitos chefes de família iam trabalhar com mulheres e filhos.

Eu e muitas crianças do meu tempo passamos pelo bate coco.

Quem trabalhou no bate coco sente saudades, quem nunca trabalhou deixou de marcar uma grande saudade do tempo de criança, como era o meu caso, que somente tinha dez anos de idade.

A greve infantil no bate coco

Enquanto não chegava a remessa vinda do estado do Pará, tínhamos que bater o coco com casca dura e os que tinham somente uma casquinha.

Ao bater pela primeira vez, o coco que tinha casca dura, jogávamos no chão do barracão. O local chegava a ficar cheio destes cocos recusados. Nós tínhamos que bater este tipo de coco, mas, como era um serviço com maiores dificuldades para bater, a nossa produção era reduzida, então, fazíamos greve, para aumentar o preço do coco descascado.

Batíamos as limas nas latas e gritávamos o preço que queríamos ganhar para bater este tipo de coco. Se nós queríamos ganhar 30 réis por quilo de co-

co descascado, gritávamos todos juntos: Nós queremos o 30, nós queremos o 30. Gritávamos tanto, que chegava a atrapalhar o serviço de outras seções. Não havia cristão que agüentasse o barulho, aí chegava o senhor José, mais conhecido por nós pelo carinhoso nome de Seu Zé, cuja função era de Gerente Geral da Fábrica. Ele conversava com as crianças e ficava sempre resolvida a nossa greve; as crianças nunca perdiam uma.

Era comum o Seu Zé passar pelo barracão com sua conhecida capa azulada para olhar as crianças trabalhando. Quem sabe o bate coco era o dodói dele, ou a menina de seus olhos. Quem sabe...

No Cine Central de São Caetano

Quando trabalhava no bate-coco e já ganhava um dinheirinho, minha mamma me dava uns trocados e com isso podia ir ao cinema, não precisando pedir ao senhor Maximiliano para me deixar entrar quase no fim da fita como de costume.

Com quinhentos réis que eu ganhava, já podia ficar em frente à bilheteria, pedir meia entrada para a Mafalda, que era a filha do sr. Maximiliano que atendia na bilheteria, em meio ao aglomerado de crianças pedindo a entrada.

Aos domingos a matinê começava à quatorze horas iniciando com um fita com o nome Fox Movietone, que era o resumo do que estava acontecendo no mundo como: as lutas de boxe entre Primo Carnera versus Paulino Scudum, Primo Carnera versus Ernie Sharfeis sendo que este último veio a falecer em consequência desta luta. Apresentava o automobilista. Tazio Nuvolari vencendo o Circuito de Monza, na Itália, e o ciclista Gino Bartoli vencendo a volta da Bélgica.

Logo a seguir passavam as fitas como: o clássico Bem Hur, estrelado por Ramon Novarro; Aurora, com a atriz Janete Cainor, e o meu favorito Jorge Obriem; artistas como João Boles, Richard Talmagem que era também atleta, Ronald Colman, Varner Baxter, Varem Vilian, Gari Coper e o grande artista, Emil Jaming.

Foi uma grande emoção poder assistir a uma fita por inteira, como o caso de Svengalim com Jom Barrimore no papel de um ilusionista.

Nas fitas de faroeste, trabalhava o artista Richard Arlem por exemplo. O Cheiro de Pólvora. Outros artistas como Buc Jones, com o cavalo Silver; Keim Mainard, Tom Tiler, Tim Mac Coy, Tom Mix com o cavalo Tony, Bus Barton, Noa Berri, sempre fazendo o bandido, Vilians dos Montes, Ari Carey, Valter Miller outro vilão, Bob Stele, Viliam Farnum.

Nas fitas românticas, destacava-se Rodolfo Valentino, artista italiano que provocava suspiros nas moças, nas fitas Sangue e Areia e o Filho do Sheyk.

Nas fitas cômicas, era muito divertido assistir Slim Surmerville, Zazur Piter, Aroldo Loid com seus óculos, Buster Kuito que durante a sua vida artística, nunca deu uma risada, e o Charles Chaplin, o querido Carlitos.

Duas duplas famosas: Charles Farel e Janete Cainor, Jom Gilbert e Gretta Garbo fizeram o par romântico de várias fitas. Outro ator famoso foi Maurício Chevalier, que, contracenando com Janete Mac Donald em Alvorada do Amor causou frene-si nos casais românticos.

José Mojica, ídolo das famílias espanholas, em Loucuras de um Beijo, Entre a Cruz e a

Espada, com Juan Torena e Anita Campijo.

A fita O sinal da Cruz com Eliza Landi e Frederic Mark, destacou-se pelo conteúdo histórico romano. O Batalhão da Morte, com Luiz Trenk, que retratava a guerra. Jom Vayner na sua primeira fita, Na Trilha do Telégrafo. O médico e o Monstro, com Frederic Mark, nos papéis de médico e o monstro.

Nas fitas de terror, destacavam-se: Boris Karlof, Bela Lugosi, Claudi Rains, Peter Lore (estrelando o filme Crime e Castigo do romancista Fedor Dostoyevisk). Já nas fitas infantis, a coqueluche era Franc Daro, com o cachorro Rim Tim Tim.

Ficaram na saudade as inocentes matinês, sempre torcendo para o Maciste na fita Maciste no Inferno.

Em São Caetano havia dois cinemas, o Cine Parque e o Central, sendo que a programação era a mesma, por isso as fitas eram transportadas de um para o outro através das crianças, que permaneciam no cinema para assistir às fitas.

Era costume no final do ano e no Natal, o sr. Maximiliano, dono do Cine, distribuir balas às crianças.

(*)Dullio Iannacaro, escritor e memorialista

Cinqüentenário da Escola de Desenho 28 de Julho

Manoel Martins MARTINS (*)

Foi no meio do ano de 1953, nos primórdios da autonomia de São Caetano do Sul, que dois abnegados sonhadores, professor Walter Moraes e professor Manoel Martins Martins, tiveram a idéia de fundar a Escola de Desenho 28 de Julho. Walter (já falecido) era professor de Cultura Técnica da famosa Escola Getúlio Vargas, na época a única em São Paulo, localizada na Rua Piratininga. Manoel Martins Martins era profissional do ramo de desenho mecânico e também professor de Cultura Técnica.

A coincidência profissional, aliada a uma coincidência de ideais, motivou os professores a montar uma escola capaz de suprir a demanda por desenhistas técnicos nas grandes e pequenas indústrias que cresciam vertiginosamente no Grande ABCDMR. De fato, entre as décadas de 40 e 60 cresceu bastante, na região, o número de montadoras de automóveis, indústrias metalúrgicas e lojas de autopeças, já que era preciso abastecer um mercado cada vez mais exigente.

Observando esse fenômeno, e também sentindo na pele o proble-



Edifício onde funciona a Escola de Desenho 28 de Julho, no cruzamento das ruas Santa Catarina e João Pessoa

ma da falta de brasileiros nas várias seções técnicas por onde passava, o professor Martins, imbuído de espírito patriótico, elaborou o currículo da Escola 28 de Julho visando à solução desse problema.

Escolhemos o nome Escola 28 de Julho porque queríamos homenagear nossa cidade, e, como se sabe, no dia 28 de Julho é comemorado o aniversário de São Caetano do Sul.

Hoje comemoramos 50 anos de vida. Durante 50 anos acompanhamos, passo a passo, dia após dia, o crescimento de nosso empreendimento, e podemos dizer, com muito orgulho e sem medo de errar, que contribuimos bastante para o desenvolvimento do Grande ABC ao pre-

parar milhares de jovens que, competentes, trabalharam e trabalham nas empresas da região.

Podemos também garantir, com segurança, que nas décadas de 60, 70 e 80 pelo menos a metade dos funcionários de todas as seções técnicas das indústrias e montadoras do ABC era proveniente de nossa escola.

O parque industrial do Grande ABCDMR cresceu nessas décadas, tornando-se o maior do Brasil, e junto cresceu nossa escola, com profissionalismo, amor e dedicação.

A Escola de Desenho 28 de Julho combateu e venceu as diversas crises atravessadas pelo país: presidente Collor, desemprego, greves, sindicato dos metalúrgicos, fuga das indústrias para outras cidades ou estados etc. Embora fossem muitas as dificuldades, o professor Martins, consciente do tipo de conhecimento exigido pelas indústrias, jamais deixou que o ensino da Escola 28 de Julho se tornasse obsoleto. E isso foi fundamental para a superação dos momentos mais difíceis.

Gostaria de salientar, portanto, que nossa escola se projetou no Grande ABC e continua operando

Panorama dos primeiros anos de fundação da escola. Ano de 1953



normalmente por uma razão muito importante: a qualidade de seu conteúdo. Sempre lutei para trazer professores idealistas, capazes de abordar em sala de aula os problemas técnicos que enfrentavam nas indústrias em que trabalhavam. Esse tipo de profissional, creio eu, é capaz de formar alunos que entendam e resolvam as dificuldades diárias enfrentadas na indústria.

Nunca me preocupei, nesses 50 anos, com o número de certificados emitidos no final de cada curso. Preocupe-me, isso sim, em completar o programa necessário ao bom desempenho de nossos alunos no mercado de trabalho. De todo o modo, nosso certificado foi e é muito respeitado pelas indústrias, uma vez que não entregamos diploma a quem não seja capaz de aprender o mínimo necessário para o exercício da profissão.

AMPLIAÇÃO – Na fase áurea de nossa escola, éramos especializados na parte mecânica. A diversificação dos ramos da indústria, contudo, criou novas exigências, o que fez com que ampliássemos os tipos de curso ministrados em nossas bancadas. Montamos, com efeito, os cursos de Desenho Arquitetônico, Desenho Artístico e Publicitário, Projetos de Ferramentas, Moldes Plásticos e Máquinas, AutoCad, Solid Edge, Manutenção e Configuração de Micros, Manutenção de Rede, Instalações Elétricas e Comandos Elétricos.

Por fim, gostaria de terminar este artigo dizendo algo a respeito de minha vida: *Vivo nesta cidade maravilhosa que é São Caetano do Sul há 50 anos ... Acredito ser uma vida. Se pudesse voltar em outra vida, faria tudo de novo da mesma maneira que fiz até agora (...)* Aqui vivo com minha mulher, Santa, e minhas filhas Suely, Magda e Miriam. Aqui as formei para a pro-



Fotos: Manoel Martins Martins

Formatura da turma de 1956. Professor Martins ladeado pelo professor Walter Moraes (falecido) e pelo dr. José Marum Saad

Primeira turma de formandos de 1956. Na frente dos alunos, ao centro, o professor Martins. À direita, os professores Walter e Nabarrette

Família Martins. Da esquerda para a direita: Miriam, Magda, Santa (esposa), Martins e Suely

fissão, para o trabalho e para a vida, dando-lhes o exemplo mais importante: honestidade ... Ser honesto não é apenas uma qualidade, mas um dever (...) Vim para São Caetano do Sul com meus 20 anos, cheio de ilusões e de sonhos, mas com uma meta: preparar mão-de-obra especializada para nossas indústrias. Acredito ter conseguido alcançar essa meta (...). Portanto, missão cumprida ... ou quase cumprida. Agradeço a Deus por ter-me permitido fazer algo em prol de meus semelhantes e rogo-lhe para que me dê força para continuar fa-

zendo. Agradeço a São Caetano do Sul pelo acolhimento. Agradeço a minha mulher, Santa ... Sua ajuda foi muito importante. Agradeço aos coordenadores e secretárias pela eficiência, e também a todas as famílias de professores e alunos pela colaboração, pois foi mediante o esforço de todos que nossa escola atingiu tamanha projeção. Minha gratidão a todos, sem exceção.

(*) Manoel Martins Martins, professor, é um dos fundadores da Escola de Desenho 28 de Julho

A família Lodi

Deives Manoel CAMARGO (*)

Ao estudar a História do Município de São Caetano do Sul, deparamo-nos com as histórias de algumas famílias locais. Algumas dessas famílias, sem dúvida, serão eternamente lembradas, em razão de sua contribuição para o crescimento da cidade.

Este artigo resgata a história dos Lodis, imigrantes italianos que ajudaram a construir o Município de São Caetano do Sul. Trata-se do resultado de extensa pesquisa bibliográfica e da coleta de depoimentos. O estudo desses documentos, secundado por fotos e artigos, tornou possível a reconstituição da trajetória de Pietro e Ângelo Lodi, os patriarcas da família.

Ângelo Lodi nasceu em primeiro de Junho de 1882, em Cremona, Itália, de onde veio ainda pequeno com o pai, Pietro Lodi. Em geral, os italianos imigraram para o Brasil em busca de terra e trabalho, e Pietro Lodi não fugiu à regra. Era ele um viajante mascate – mascates eram os comerciantes daquele período –, e trazia mercadorias para serem vendidas no Brasil.

Pietro Lodi constantemente viajava para a Itália a fim de buscar as mercadorias que vendia em terras brasileiras. Cada viagem durava mais de seis meses, e normalmente era feita no navio italiano *Rostoff Patent*.

Sempre que voltava de viagem, Pietro Lodi percorria a antiga Estrada de Ferro Sorocabana, mais tarde denominada São Paulo – Railway, no intuito de vender as mercadorias. Algumas delas eram encomendadas por grandes fazendeiros, os ilustres *barões de café da região*. Esse ricos senhores aguardavam ansiosamente os bo-



Divina de Lima Camargo

Certidão de Nascimento de Pietro Lodi, 1868

nitos relógios com corrente de ouro trazidos por Ângelo Lodi. Os fazendeiros ainda cobiçavam os famosos relógios de bolso da época. O mascate italiano também trazia lindos tecidos e vestidos – a última moda européia – para as senhoras das fazendas.

Pietro Lodi não era somente negociante. Durante suas andanças, empregava-se em algumas fazendas para conseguir dinheiro; e com isso também conseguia mais clientes. Não trabalhou, porém, apenas em fazendas, mas também em olarias. (Foi ele quem levou os primeiros tijolos da Olaria dos Ferraris, em São Caetano, até o Alto do Ipiranga. Esses tijolos mais tarde serviram para a construção e reforma do Museu do Ipiranga.)

Em seu depoimento à Fundação Pró-Memória, Thereza Lodi, filha de Ângelo Lodi e neta de Pietro, lembrou-se do que o pai contava a respeito da chegada da família ao Brasil:

Meu pai era de Cremona, na Itália, e veio para cá com oito anos. O navio Rostoff Patent chegou em Santos por volta de 1897 (...) Primeiro desembarcaram em Santos, lá permaneceram por alguns dias, e só depois vieram para São Caetano (...) Contava meu pai que meu avô tinha ganhado algumas terras, lá no Bairro Cerâmica, para viver e trabalhar (...) Construiu uma casa de pau-a-pique ... chão de terra, de barro. Lá meus avós permaneceram até morrer, por volta de 1943. Da Itália, acho que vieram só três filhos: a tia Rosina, o tio Natal e meu pai, ainda menino.¹

Na Casa de Imigração *Memorial do Imigrante*, constatei que Pietro desembarcou em Santos com mulher, filhos e noras. Ângelo, ao que parece, era ainda uma criança de colo, mas isso não posso afirmar com certeza, já que, ao verificar a certidão de desembarque, não consegui localizar seu registro.

Pietro Lodi era um caixeiro viajante. Viajava muito para a Itália, ia e vinha muitas vezes. Ângelo provavelmente veio pequeno – ainda como criança de colo – em uma dessas viagens. (É possível que tenha passado sem o registro de nascimento.)

Em pesquisa solicitada ao Consulado Italiano, em São Paulo, consegui uma carta oficial, e por meio dela constatei que Ângelo era realmente cidadão italiano, nascido em Cremona, e que seu nome não constava de nenhum cartório brasileiro. Isso confirmou as suspeitas de que ele não havia sido registrado aqui.

Ângelo casou-se com Maria de Martini, filha de José de Martini,

Família de Ângelo Lodi, em 1928. Em pé, da esquerda para a direita: Thereza Lodi e Armando Lodi. Sentados: Ângelo Lodi, Ida Lodi, Anézia Lodi e Maria de Martini (com Valdemar Lodi no colo)



imigrante pertencente a uma outra família italiana de São Caetano.

José de Martini trabalhava em uma carvoaria e era dono de uma grande propriedade, na qual estava incluído o terreno em que hoje se localiza o Espaço Verde Chico Mendes, no Bairro Cerâmica. O lote que possuía, a exemplo do que ocorrera com os demais imigrantes, lhe fora doado por D. Pedro II.

José de Martini e a filha iam até a Vila Prudente vender o carvão, porque em São Caetano, naquele tempo, a maioria das famílias cozinhava em fogão a lenha. O sogro de Ângelo Lodi era bastante católico: levantava às quatro horas da manhã para não perder a missa, que se iniciava às cinco horas, na Matriz Velha (Paróquia São Caetano), no Bairro da Fundação.

Thereza Lodi contou que Ângelo herdou de José uma pequeno terreno, no qual construiu uma pequena casa e começou a trabalhar.

Ângelo era também sobrinho de Modesto Castelotti, membro de outra família sancaetanense. Mais tarde, os Castelotis foram para o Paraná, onde o governo estava doando aos imigrantes lotes de terra destinados ao plantio de café.

Aos 23 anos, Ângelo ajudou a construir a Rua Amazonas e trabalhou na firma Giorgi Picosse & Cia, local em que ficou até 1928.

Meu pai sempre contava que teve de trabalhar duro, desde pequeno. Chegou mesmo a trabalhar na Rua Amazonas, com uma carroça e um burro (...) Ia abrindo caminho e cortando o mato. Contava que muitas vezes o burro parecia ele de tanto que trabalhava. Contou que abriu a Rua Amazonas com uma enxada. Não tinha nada lá. Era tudo barro e terra. Se eu me lembro bem, ele trabalhou naquele pedaço próximo à Rua Oswaldo Cruz, lá em cima. Logo depois foi trabalhar na Indústria de Formicida, fazendo tampinhas para as latas de formicida.²

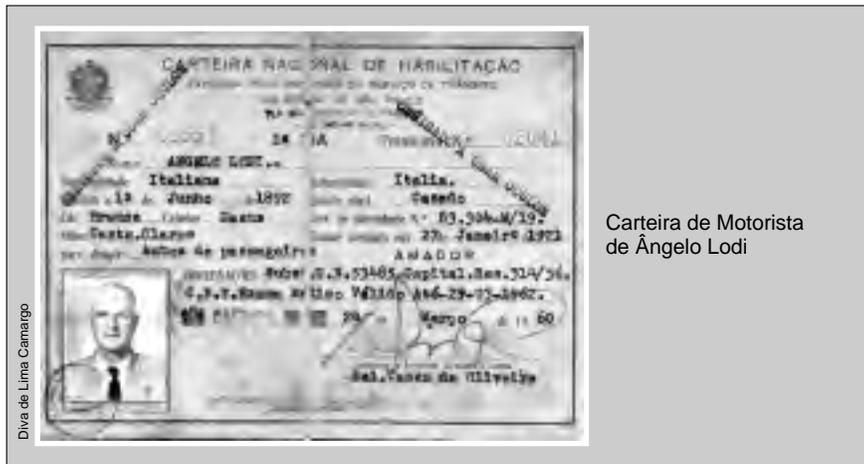
Ângelo Lodi tornou-se uma pessoa querida na região. Depois de muito esforço, conseguiu comprar seu primeiro carro, e então foi trabalhar de chofer particular em São Paulo. Mais tarde surgiu a

idéia de comprar um carro e exercer a profissão de taxista. Começou no Largo do Cambuci, onde a clientela era maior, e só depois veio para São Caetano. Ângelo foi um dos primeiros taxistas de São Caetano do Sul. Também foi um dos primeiros motorista a conseguir habilitação na cidade. Habilitado como chofer amador pela Auto Escola Rella, foi de fato um dos motoristas mais antigos do ponto de táxi da cidade, que ficava na Praça Cardeal Arcoverde.

Em 1945, residia na Rua Santa Catarina, 147, local em que ficou por mais de 50 anos. Tinha como vizinhos os srs. Ângelo Zapparoli e Humberto Picolli.

Ângelo Lodi trabalhava e continuava a vida na região, comprando casas e adquirindo pequenas propriedades. Trabalhava duro com o táxi na praça, e sempre trocava de carro, procurando comprar os melhores e mais recentes automóveis.

Meu pai fez tanta coisa (...) Trabalhou de motorista particular, em São Paulo, para o sr. Francalanza, dono de uma fábrica de sabonete. Depois comprou um Ford 29 e foi trabalhar na praça do Largo São Bento, como taxista. Depois do Largo São Bento ele veio aqui para São Caetano. Nós já morávamos aqui na Rua Pará. Isso, se eu ainda me lembro bem,



Carteira de Motorista de Ângelo Lodi

foi após a Revolução de 1932. Lá permaneceu até morrer (...) Havia outros motoristas que trabalhavam no ponto, mas ele não perdia uma viagem. Todos queriam andar no carro do Ângelo (...) Até os padres ele levava, porque os padres não tinham carro.³

Os padres o chamavam de Pipeta, em razão do cachimbo que ostentava com orgulho.

Seu carro também era disputado pelas noivas da cidade. Ele o alugava para levá-las até a igreja. Depois pegava os noivos e os levava para um passeio pela cidade de São Paulo. Às vezes, as noivas tinham de alugar o carro com um mês de antecedência, pois a procura era grande.

Ângelo trabalhou como motorista até os 87 anos de idade. Faleceu em 1967.

Entre seus filhos, ainda estão vivos Ida, Valdemar e Armando. Entre os netos e bisnetos, todos sabem quem foi Ângelo Lodi, e dele se orgulham.

Thereza Lodi, a filha mais velha de Ângelo, casou-se em 1933, logo após a Revolução de 1932, com João Duilho de Lima. Em depoimento, contou como foi duro marcar a data do casamento.

Fui até o cartório. Enfrentei fila, mas consegui marcar a data do casamento. Eu ia me casar, mas ele foi embora, foi para a guerra. Então, eu fui até lá no civil e falei para o sr. Rella:

–“Olha, nós não vamos mais nos casar em Setembro, porque meu marido foi pra guerra e ainda não veio”.

–“Não tem problema não. Vocês se casam quando ele voltar”.

Meu marido foi para a região do interior, e acabou se ferindo em batalha. Ele foi parar no hospital. Mais tarde fomos até o cartório e acertamos a nova data do



Ângelo Lodi à esquerda, com seu taxi na Praça Cardeal Arcoverde. Ao fundo, a Igreja Sagrada Família

casamento. Casamos no dia sete de Janeiro de 1933, mas isso só foi possível porque ele se feriu em combate...⁴

Logo após a Revolução, Thereza Lodi, junto com o esposo, abriu um bar na Avenida Goiás, perto da General Motors. O estabelecimento era muito frequentado pelos funcionários da indústria automobilística na hora do almoço e no fim da tarde. Aos poucos, o bar começou a servir almoço e acabou por se tornar uma pensão – pois havia quartos no

fundo do estabelecimento – para alguns funcionários que vinham de longe, trabalhavam durante a semana, e retornavam para casa no final da semana. João Duilho trabalhou na General Motors como funileiro e pintor.

Ao sair da fábrica de automóveis, ajudou a esposa Thereza no bar. Mais tarde, o bar foi fechado, e em 1958 o ex-funileiro abriu uma loja de equipamentos eletrônicos, onde trabalhou com os filhos Duilho e Diva de Lima, reformando alto-falantes e consertando aparelhos de televisão. Naquela época, os aparelhos de televisão ainda eram a válvula. A loja possuía muitos clientes, e vendia peças e equipamentos eletrônicos para Santo André, São Caetano e São Bernardo.



Thereza Lodi, o esposo João Duilho de Lima, e os filhos Diva de Lima Camargo e Duilho de Lima. Ano de 1937

Notas

1, 3, 4 Acervo da Fundação Pró-Memória: Entrevista de Thereza Lodi de Lima, em 14 Agosto de 1995.

2 MANOEL, Deives Camargo. O Cotidiano de algumas famílias do município entre 1930 e 1960 in Raízes, nº 27, P.M.S.C.S (Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Dezembro/2003). Acervo da Fundação Pró-Memória: Entrevista de Thereza Lodi de Lima, em 14 Agosto de 1995.

(*) Deives Manoel Camargo, historiador graduado pela Universidade do Grande ABC

A fotografia e a cidade IV

Neusa Schilaro SCALÉA (*)



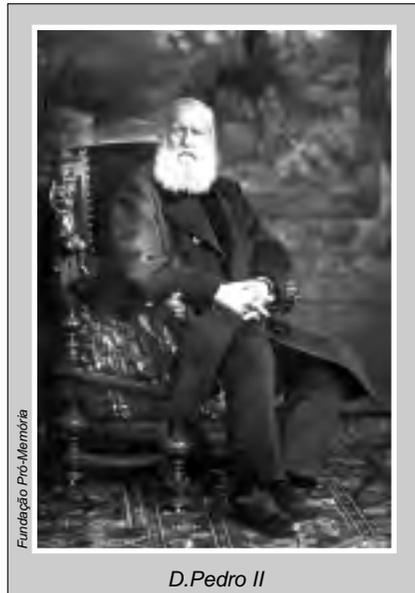
Desde o século XVI pintores e desenhistas utilizavam-se de uma câmara escura para verificar o enquadramento,

a luminosidade e a proporção entre os elementos que desejavam pintar ou desenhar.

O processos químicos surgiram no século XIX, e o mais antigo registro fotográfico que existe é datado de 1827: uma chapa de metal tratada com sais de prata, obtida por Nicéphore Niépce. Este pioneiro baseara suas pesquisas no trabalho do físico alemão Johann Heinrich, de 1727.

Mas tanto Niépce quanto seu colega Jacques Mandé Daguerre buscavam imprimir uma imagem em papel. Nessa mesma época, também Hippolyte Bayard pesquisava nesse sentido, e, no Brasil, Hercules Florence, farmacêutico e um ótimo aquarelista, também buscava fixar uma imagem em papel através de processos químicos. Florence conseguiu em 1832 sua primeira cópia fotográfica, mas estava distante da Europa, e, embora de origem francesa, seu trabalho não repercutiu no exterior, onde eram desenvolvidas essas pesquisas com mais intensidade.

E foi o inglês William Fox Talbot que criou a possibilidade de se fazerem várias cópias de uma mesma imagem. A sua invenção, que recebeu o nome de *talbotipia*, era nada mais que a



D. Pedro II

fundamental invenção do negativo fotográfico.

Coube a Daguerre ser celebrado por muitos anos como o criador da fotografia, não só por suas pesquisas como também pela divulgação que conseguiu nos meios influentes onde vivia.

A fotografia recebera até então muitos nomes, segundo os processos empregados e os nomes de seus idealizadores: daguerreotipia; heliografia ou kalografia, da palavra grega kalos (belo).

O século XIX foi rico no campo das pesquisas e da experimentação científica ou pseudocientífica, mas mesmo com ferramentas desajeitadas e recursos e conhecimentos escassos, chegou até nós uma boa quantidade de registros fotográficos de ótima qualidade estética e técnica.

D. Pedro II, imperador do Brasil, homem culto e sempre disposto a assimilar as mais recentes invenções, possuía uma

coleção de fotografias de grande qualidade. Registros importantíssimos que o imperador adquiriu em suas viagens, e também fotografias realizadas no Brasil onde aparecem membros da família real. Dentre essas há uma foto que comprovadamente foi feita pelo próprio imperador.

Recentemente o Banco Santos realizou uma mostra em seu espaço de exposições, em São Paulo, e nela foi exibida, pela primeira vez, uma parte do grande acervo fotográfico da família real brasileira. Esse acervo, em sua maioria pertencente ao Museu Imperial, pôde ser preservado e preparado para exibição graças ao apoio daquela instituição.

A grande maioria das obras exibidas, naquela oportunidade, possuía ótima qualidade tanto no tocante à composição como em relação ao equipamento e ao trabalho de laboratório, não sendo pois de causar espanto terem permanecido até hoje em bom estado de conservação. Essa mostra, realizada em Junho de 2003, na capital paulista, recebeu grande e merecida divulgação.

Mas, em São Caetano do Sul, nos arquivos da Fundação Pró-Memória, encontramos uma fotografia que nos surpreendeu e inquietou. Trata-se da fotografia do imperador D. Pedro II!

Infelizmente, não há como saber quem doou essa obra nem quando ou como foi realizada. Certamente, o imperador não teria sido fotografado na cidade, embora haja citações de sua rápida passagem pela região. E a fotografia, percebe-se logo, é obra

de hábil profissional e foi realizada em estúdio ou similar.

Outra questão é saber por que essa importante fotografia está na cidade. Historicamente, São Caetano do Sul era apenas um núcleo de colonos durante o império, e são raros os registros fotográficos dessa época. É preciso dizer, além disso, que não era comum, mesmo para pessoas ilustres, terem as fotografias re-

produzidas em grande número.

São inevitáveis, portanto, algumas perguntas: Teria essa fotografia sido emoldurada e dependurada em alguma parede de escola ou entidade oficial? Teria sido trazida por algum morador da cidade que viajara à capital e lá a obtivera? Teria pertencido a um monarquista?

As respostas para essas questões dependem de muita pesquisa. A

pesquisa depende de quem se interessa em pesquisar. Todas as pessoas podem pesquisar. Você, leitor, que se interessa por fotografia a ponto de dedicar ao tema uma esmerada pesquisa, talvez possa esclarecer algumas dessas dúvidas históricas. Está lançado o desafio.

(*) Neusa Schilaro Scaléa, formada pelo MAC-USP, é museóloga especializada em museus de arte

Fotos: Neusa S. Scaléa



Câmara obscura. Esse sistema possuía uma objetiva (lente) que permitia ver uma imagem espelhada dos objetos à frente dela. Usada por desenhistas e pintores



Nessa charge do início do século XX, George Eastman, jovem ainda, carrega seu equipamento para fazer fotografias. Ao fundo, pessoas comentam que o rapaz estava fazendo uma grande bobagem ao trocar seu emprego no banco pela atividade de fotógrafo. Outros caçoam da quantidade de equipamento que ele carrega.

Não é necessário dizer que o jovem George Eastman tornou-se o criador da maior empresa do ramo fotográfico no mundo. Foi para a fotografia o que Henry Ford foi para o automóvel: desenvolveu processos de revelação de filmes e papéis, criou câmaras portáteis e de baixo preço, tornando o mundo da fotografia acessível a muita gente.

A escolha do nome Kodak é dele; criou uma palavra sem significado e facilmente pronunciada em muitos idiomas.

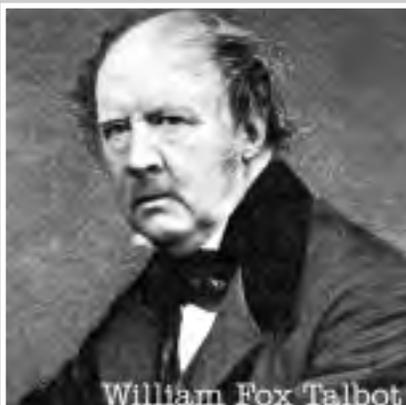
Sempre muito preocupado com educação, em 1936 George já havia doado à Universidade de Harvard mais de doze milhões de dólares.



Niépce



Florence



Talbot



Daguerre

O escritor Nicola Perrella entre as Torbas de São Caetano

Rui RIBEIRO (*)

Osancaetanense Nicola Perrella pertence a uma geração de conhecidos literatos. Como ele, nasceram, em 1903, entre outros, o memorialista Pedro Nava, Orígenes Lessa, consagrado autor de *O feijão e o sonho*, e Erskine Caldwell, um dos mais populares romancistas norte-americanos, cujo livro *Chão trágico* seria traduzido por Nair Lacerda, também nascida no mesmo ano.

Foi por mero diletantismo que nosso enfocado se dedicou às letras, seguindo tendência revelada na puberdade, quando passou a esboçar os primeiros escritos, na verdade simples exercícios de aprendizado. Ainda menino começou a trabalhar na olaria do pai, o napolitano Pasqual Perrella, a qual se situava do outro lado do Rio Tamanduateí, região em que se localiza a atual Vila Bela. Frequentaria, por volta de 1910, a mais antiga escola de São Caetano, que funcionava na casa de Casemiro Alonso, junto à estação da São Paulo Railway.



Fundação Pró-Memória

Ronaldo Perrella (à esquerda), filho de Nicola Perrella, presta depoimento sobre seu pai ao escritor Rui Ribeiro, na Fundação Pró-Memória, em Agosto de 2003



Ronaldo Perrella

O escritor Nicola Perrella

Alfabetizaram-no e ministraram-lhe os ensinamentos básicos os professores Waldemar Coelho e Humberto Belercai. Após a dura labuta braçal diária, o já então jovem Nicola tomava a jardineira que o conduziria ao vizinho/distante Bairro do Brás, rumo à Academia de Comércio onde concluiu, em 1933, o curso de guarda-livros provisionado, conforme consta do respectivo diploma, equivalente hoje ao de contador. Formado, passou a prestar serviços contábeis a empresas da cidade, entre elas a de Irmãos Dell'Antonia. Em 1939 montou escritório, que funcionaria até 1969 e no qual se desenvolveria o embrião da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul, de que foi um dos fundadores, secretário pelo período de 17 anos e presidente por uma gestão. Em paralelo exerceu o comércio de calçados e de secos e molhados, desempenhando cumulativamente múltiplas funções como a de presidente da Sociedade Beneficente Príncipe de Nápoli e do Clube Esportivo Caça e Pesca,

Livros escritos por Nicola Perrella: De Caniço e Espingarda; Caneta, Espingarda e Caniço; O Grande Espigão; Entre as Torbas de São Caetano (1960); Folhas de Buriti; Roteiro da Vida de um Homem Público; Caianá; A lenda de Maria Cória; Chão Feio... da Natureza Bela...



Fundação Pró-Memória

além de secretário do São Caetano Esporte Clube. Homem de ação, participou de movimentos que reivindicaram melhoramentos públicos para a comunidade, quando esta ainda estava subordinada a Santo André. Seu nome entretanto não figura entre aqueles que lideraram a causa autonomista, o que seria de se estranhar, considerando o amor que seus atos demonstravam em relação à terra natal. A omissão se explicaria - parece - pelo fato de, por manter relações com a administração pública subordinante, não achar prudente envolver-se, embora fosse, ao que se possa concluir, autonomista no íntimo. Contemporâneos seus talvez tenham outra explicação sobre as razões da atitude assumida.

O retrospecto ligeiro e incompleto sobre os variados caminhos por onde se embrenhou a operosidade de Nicola Perrella serviria apenas de intróito às atividades diletantes que, ao que tudo indica, seriam as que mais prezava. Estão visceralmente relacionados entre si o pescador/caçador e o escritor que ocuparam suas horas de lazer. Percorrendo o país em busca de codornas, perdizes e peixes, ele na realidade coletava farto material com que compôs seus livros transbordantes de brasilidade. O espírito sensível do filho de imigrantes italianos captaria com facilidade surpreendente a essência dos sentimentos caboclos, para reproduzi-la como se caboclo fosse também. Foi com certeza nos pousos de estradas, ranchos de pescadores à beira-rio e casas de fazenda onde se hospedou que ouviu os causos refundidos e recontados com o toque criativo do ficcionista.



Ronaldo Perrella

Os pais de Nicola Perrella no Jardim da Luz, em São Paulo, 1910. Pasqual Perrella e Izabel Perrella

Vista através desse prisma, a obra de Nicola Perrella repre-



Ronaldo Perrella

Casamento de Nicola Perrella com Luíza Zanini Perrella em primeiro de Agosto de 1929

senta um tributo à fixação, reciclagem e circulação de temas folclóricos, integrantes dos microacontecimentos que se incorporam à história como o musgo se insere entre as pedras do muro antigo. Dos nove livros que escreveu, oito trazem cenários rústicos e personagens extraídos do povo simples, com seus costumes, lendas, tradições, crendices e fatos pitorescos. Quanto ao estilo, caracteriza-se pela singeleza dos narradores ingênuos, mais preocupados com a fluência da narrativa que com os efeitos da construção correta e elegante do texto, ou com a riqueza do vocabulário.

Homenagem evocativa à cidade, *Entre as Torbas de São Caetano* encerra também importante contribuição histórica e constitui talvez a produção literária mais significativa do autor, que a concebeu já em idade madura, quando as recordações afloram repassadas de saudade. O livro foi escrito isento de qualquer parcela, por mínima que seja, das coisas oriundas ou originárias de pesquisa da história da nossa comunidade, baseando-se apenas em fatos rebuscados de memória em memória, aquelas coisas ocasionais que passaram no turbilhonamento da nossa gente de ontem. Dividida em pequenos tópicos e guardando a aparência de crônicas, a narrativa não segue nenhuma cronologia, partindo da época de mil novecentos em diante. Abrange, assim, acontecimentos que remontam à infância e juventude de Nicola Perrella, acontecimentos que presenciou ou dos quais tomou conhecimento.

A expressão torba constante do título foi tomada, ao que pa-

rece, num sentido mais amplo que seu significado de terra negra, turfosa, característica das várzeas e utilizada na fabricação de tijolos. Foi empregada para designar também a atividade decorrente de sua utilização, ou seja, o trabalho nas olarias que proliferaram na localidade no início do século passado, bem como para identificar, por extensão, sua paisagem física e social.

Povoam essas histórias sobre São Caetano ancestral pipeiros, oleiros, tijoleiros, caçambeiros e outras expressões denominadoras das funções de trabalhadores anônimos na faina estafante do fabrico, armazenamento e transporte de tijolos. Envolvendo as olarias, o cenário bucólico da *beleza dos agrestes selvagens*, com figueiras frondosas, árvores frutíferas nativas, rios de águas límpidas (o Tamandateí e o dos Meninos!), pássaros cantando nos arvoredos. Mas havia também o desconforto das habitações toscas, o perigo das cobras, aranhas e escorpiões, as doenças provocadas pela total ausência de saneamento básico, os alagamentos perniciosos trazidos por vendavais.

A narrativa registra ainda pormenores das poucas mas concorridas festividades da época, como procissões, quermesses, folguedos populares, cenas de jogos de baralho e conversas em tavernas, sob a luz de lampiões a querosene, entre copázios do mais puro vinho de procedência italiana. A maioria dos personagens está cautelarmente protegida pelo anonimato dos genéricos pasquás, bépis, tunins, revelando-se porém a identidade do curandeiro S. Vicente, responsável

Meu pai

Apesar de enérgico mas sempre muito brincalhão e muito família adorava reunir todos para almoços de domingo e nas datas comemorativas.

Nos finais de semana passávamos horas jogando buraco ou assistindo futebol, pois ele gostava muito.

Apaixonado pela natureza, viajou pelo país adquirindo conhecimento sobre a fauna e flora que serviram de matéria-prima para seus livros. Foi convidado várias vezes pela Agaxtur Turismo, onde fazia o jornal sobre acontecimentos diários do navio.

Exímio pescador, quase sempre estive ao seu lado, on-

de batíamos ótimos papos e grandes pescarias. Bons tempos que hoje sinto muita saudade.

Quando se reunia com amigos gostava muito de contar muitos causos e o chamavam de historiador.

Na sua aposentadoria transferiu-se para a cidade de Itanhaém e viveu lá por dez anos, onde também fez muitos amigos e continuou escrevendo e pescando.

Voltou para São Caetano do Sul onde veio a falecer depois de mais ou menos dois anos. Faleceu em 21 de Outubro de 1979. (Ronaldo Perrella)

por multidões de romeiros que afluíam à localidade em busca

de cura. A página 88 do livro contém um vaticínio: ... *Aqui, ali e acolá estava o nosso sabiá, ali estava ele sempre invadindo nossos pomares, e, ao sabor das frutas regorjeava alegremente... Parecia com isso saudar-nos, dar-nos, talvez seu último adeus no vórtice de nosso progresso, para ele, quiçá, não haveria mais lugar ao sol na terra de São Caetano.* Felizmente o escritor se enganou. Adaptados ao moderno centro urbano que sucedeu ao modesto povoado, sabiás e outros pássaros continuam presentes nas praças e parques da cidade, frequentam os pequenos espaços verdes das residências que ainda resistem à verticalização.

No final dos anos sessenta, Nicola Perrella mudou-se para Itanhaém, em busca do merecido repouso e das pescarias que tanto apreciava. Continuou escrevendo no período em que



Em nove de Maio de 1964, o escritor Nicola Perrella recebeu o título de cidadão emérito, conferido pela Câmara Municipal de São Caetano do Sul

A Tragédia dos Marinheiros ...

(do próximo livro de Nicola Perrella, A "Bocarra" da Montanha)
(a primeira indústria de macarrão em São Caetano, 1911-1914)
(publicado no Jornal de São Caetano de 28 de Julho de 1979)

E naquela manhã os improprios foram assás contundentes contra a pessoa do "vendiero", (vendedor) e, a pobre mulher estava exausta, cansada entre aquele amontoado de caçarolas por sobre o enorme fogão a lenha. A fumaça ardia em suas narinas e sua garganta. Esse dia não era propriamente um dia comum... Na verdade era um dia bastante festivo, e, o almoço naturalmente tinha que ser bastante diferente dos outros dias, por isso, aquele belíssimo galo de longa plumagem já estava sacrificado, e, outros frangos iam sendo "arrustidos"... De fato, era um dia de gala para aquela gente das olarias naquele ainda São Caetano antigo.

Fora num dia de Paschoa. Era justo mesmo que nesse dia as panelas deviam estar mais cheias. O grande caldeirão para a macarronada deixava a tampa saltar de vez em quando, em virtude do fogo à todo o vapor... A lenha crepitava com as imensas labaredas e atirava alguma braza à distância... O gato num pulo fugira saltando por sobre a janela... O cachorro espreitava da soleira da porta parecendo também meio assustado com os "esvoaçamentos" de carvões em braza... O peru, de rabo engalanado vendo o "saltitar" das brazas, naturalmente encolhia-se todo... E a "dança" dos caldeirões e caçarolas continuavam com as labaredas por baixo...

Nesse dia as olarias permaneciam paradas, tudo era silencio. Nessas madrugadas as formas não repicavam e os chicotes não zumiam ao ar. Os muares e cavalos pastavam quietamente... São Caetano nesse dia estava quieto... Apenas o grasnar de algumas aves e gorgeios de nossa passarinhada é o que se podia ouvir... Tudo fazia crer que aquela gente das olarias da "pedreira" ou da "bocarra da montanha" iam ter nesse dia festivo uma succulenta macarronada ao sabor do gostoso vinho italiano. Aquela mulher parecia mesmo incansável em volta do fogão, a tarefa estava para ela... Era cuidar de tudo ali para um grande almoço...

permaneceu na cidade litorânea, lá publicando seu último livro – Chão feio da natureza bela (1977). A saudade, porém, o fez retornar à terra natal, onde faleceria, pouco tempo depois, a 21 de Outubro de 1979. Três meses antes, na edição comemorativa ao aniversário do município, o Jornal de São Caetano divulgaria a derradeira colaboração do escritor.

O texto conta a história dos antecedentes da instalação da primeira fábrica de macarrão em São Caetano do Sul, por volta de 1911/12. Segundo o relato, num domingo de Páscoa a família Perrella e convidados reuniram-se para almoço, no

qual seria servida a tradicional macarronada como prato principal. Aconteceu que, quando a água para cozimento do ingrediente básico levantou fervura, vieram à tona do caldeirão os indesejáveis marinheiros, nome pelo qual são conhecidos os insetos que atacam certos alimentos. Surgiu naquele momento a idéia de formação de sociedade entre Carmino, Pasqual e Miguel Perrella, com o objetivo de montar indústria para o fabrico daquele produto. Adquiridos os equipamentos, o pastificio foi instalado na antiga Rua Rui Barbosa, que dava acesso à Vila Prudente e que desapareceria depois, incorporada ao com-

plexo ocupado pelas Indústrias Matarazzo.

A edição do jornal que publicou a matéria mencionou que se tratava de trecho de nova obra de Nicola Perrella, intitulada Bocarra da montanha e já encaminhada à gráfica para ser impressa. A família do autor não tem notícias, nem do livro, nem dos respectivos originais. O lamentável desaparecimento priva os sancaetanenses de páginas importantes sobre a memória da cidade.

() Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e autor do livro Notas de realejo, editado pela Fundação Pró-Memória*

Lúcio Pegoraro, entre razão e poesia: a arte e o trabalho de um artista/restaurador

Um impacto. Emocionante. Certo. Lírico. Um artista que depura as formas, simplifica as figuras, mantém o essencial, harmoniza as cores e surpreende com a composição. Um minucioso restaurador de obras-primas que esconde um explosivo pintor de primas-obras. Um homem do dia que encobre um artista da noite. (...) Sua obra pessoal é de uma liberdade delirante, de uma intensa dor, de uma angústia lancinante. Suas cores trazem exatos significados, suas formas significativas cores. Equilíbrio. Alquimia. Intensidade. Poesia. Lúcio sorri para a dor; sua obra chora com a dor. É isso! Seus quadros choram! - mas diante deles nos estarecemos deliciados com esse homem quase puro, artista inquieto em constante mudança, maduro e inconseqüente, humano e frágil. Assim é Lúcio Pegoraro.

(Antônio Abdalla)

“...um caso raro de Dr. Jeckyll e Mr. Hyde (...) porque o Lúcio diurno, nas modestas tarefas do dia-a-dia, sempre embutiu o Lúcio noturno, de segredos sombreados.”

(Olívio Tavares Dutra)

Monica IAFRATE (*)

Com essas palavras esses dois grandes críticos de arte descrevem Lúcio Pegoraro. Palavras intrigantes. Tão intrigantes quanto as obras desse artista/restaurador, poeta das cores e cientista. Mas quem é Antônio Lúcio Pegoraro?

Essa pergunta nos levou a procurá-lo em sua agradável residência no Bairro Jardim São Caetano (SCS), onde vive desde 1968. Lá



encontramos um simpático senhor de plácidos olhos azuis que, com enorme paciência e sabedoria, nos contou sua história de dificuldades e desafios, mas também de muito trabalho, coragem, superação e, acima de tudo, muito talento.¹

Nasci aqui, numa travessa da Estrada das Lágrimas, onde ainda existe uma árvore, em 1929. Nasci ali nas proximidades daquela árvore. Um fato interessante aconteceu quando em 1929 chovia torrencialmente em São Paulo (...) Foi o seguinte, minha mãe foi esperar meu pai no ponto do bonde, naquele tempo, no começo da Estrada das Lágrimas, no Sacomã, tinha o ponto final do bonde. Como chovia muito, mais ou menos seis horas da tarde, minha mãe foi esperar o meu pai lá. Quando ela estava embaixo da árvore, onde ela tinha parado para tomar fôlego, de repente ela viu um vulto de um homem pronto para saltar em cima dela. Então ela se assustou com aquilo e desviou, e o homem caiu do lado dela. Ela se pôs a correr, imagine eu lá dentro dela! E o homem foi atrás dela. A sorte dela é que tinha um carvoeiro, que justamente lhe trazia carvão

(naquele tempo se usava muito carvão), e ele a socorreu. Ele colocou minha mãe em cima da carroça e ali eu nasci, todo preto, sujo de carvão. Esta aí é a minha história. Isso se deu em 31 de Março, mas meu pai me registrou em primeiro de Abril – Dia da Mentira. Ninguém acreditou quando eu nasci. Foi uma coisa mais ou menos prematura. Eu fiquei com risco de vida inclusive, eu e minha mãe.

Esse episódio resultou em marcas que o acompanham desde a infância – a saúde frágil e a surdez. Embora a surdez muitas vezes lhe tenha causado dificuldades, também lhe abriu as portas da sensibilidade, tornando sua criação artística mais profunda e visceral.

Da infância humilde, ele traz gratas lembranças do pai, Ângelo Pegoraro, mecânico de automóveis que trabalhava na antiga SPR (São Paulo Railway, depois chamada de Ferrovia Santos-Jundiaí):

Meu pai vivia muito, assim, na ignorância naquela época. Mas ele era muito inventor. Ele fazia as ferramentas próprias inclusive. E eu me lembro que ele fazia muita coisa, por exemplo, como brinquedo.

Eu nunca tive brinquedo. Ele me fazia brinquedos. Mas eram brinquedos interessantíssimos. Inclusive ele inventou uma lancha que, colocando um pouco de algodão em cima de um tipo de diafragma, se acendia uma chama e a lanchinha andava. Eu colocava ela numa bacia com água e a lanchinha rodava enquanto havia chama. E eu me divertia com isso. E outros brinquedos mais. Ele era muito intuitivo.

Já dos tempos de escola, nosso artista guarda muita mágoa, pois nem todos estavam preparados para lidar com as suas dificuldades, não permitindo que ele desenvolvesse todo o seu potencial.

Eu fiz oito anos de primário. Tirei diploma de primário com 14 anos de idade. Era tudo criancinha pequena e eu já não cabia mais na carteira, então tinha que ficar numa cadeira separada. E eu tinha dificuldade em ouvir e quanto mais eu crescia mais isso ia ficando pior. Para eu ouvir o que a professora estava falando, eu precisava olhar para os lábios da pessoa ... Porque eu enxergo, eu vejo os lábios da pessoa e sei o que ela está falando. Mas se a senhora falar atrás de mim, mesmo falando alto eu não percebo. Eu ouço o som, mas não distingo a palavra. Então a professora falava atrás de mim e eu olhava para trás. Ela achava que eu estava copiando, principalmente na época das provas. Eu falava que eu era meio surdo, mas não tinha jeito. Ai, como eu sofria! Aí eu parei de estudar. Eu estava com tanta idéia de ir adiante ... Eu sempre gostei de medicina. Meu sonho era estudar medicina.

Mas essas dificuldades não impediram que seu dom florescesse. Artista nato e intuitivo, desde criança desenhava e pintava. As tintas eram feitas por ele mesmo: uma mistura de terra com óleo de cozinha.

Eu sempre desenhava na minha



Retrato de Lúcio Pegoraro, 1988

vida, desde criança. Desenhava, tinha isso nato. Quando eu estava no primário eu desenhava mapas geográficos para as professoras na lousa, tinha essa facilidade. Sempre desenhava. O meu pai não sabia que existia escola de arte naquele tempo. Eu, por mim mesmo, quando cheguei aos 14 anos de idade, descobri que no Ipiranga tinha uma fundição de bronze, que fazia estátuas e monumentos para cemitérios e monumentos para praça pública. E ali, então, eles souberam que eu desenhava e me convidaram para trabalhar com a modelagem. Ali conheci um escultor, que era o professor Alfredo Oliane, que tinha uma escola de arte – de desenho, gravura, modelagem e pintura. E foi ali que eu me iniciei, por volta de 1944. Mas antes já pintava. Eu tenho um quadro lá em cima. Eu mesmo fazia a tinta com terra, que misturava com óleo de cozinha.

Até hoje eu faço tinta, porque tenho conhecimento de química. Faço tela, faço moldura, chassis para prender a tela e assim por diante. A dificuldade da minha vi-

da: meu pai era pobre, minha mãe era lavadeira, lavava roupa para fora, então nós sempre lutamos com dificuldades; mas isso me ajudou a pesquisar, ter uma pesquisa própria.

A partir daí, nosso artista inicia a dupla jornada – de trabalhador e artista – que o acompanhará por toda a sua vida. De dia trabalhava na Fundação Bernardetti, importante fundição artística para onde acorriam artistas de toda a América do Sul, e à noite estudava desenho e pintura com o professor Oliane, seu primeiro mestre e grande incentivador.

E o primeiro quadro que eu pintei a óleo foi premiado em Pernambuco, com o 2º lugar, medalha de prata. Eu tenho esse quadro até hoje. Isso foi em 1947.

O professor o estimulou também a retomar os estudos: *Eu tentei entrar nas Belas Artes, a conselho do professor, para ter diploma e pegar algum emprego, porque diploma é o que vale. Então eu entrei na Belas Artes, e naquele tempo não se exigia diploma de colegial. E eu estava fazendo o ginásio. Quando eu estava no terceiro ano do ginásio, eu tive uma doença brava e abandonei o curso e o trabalho. Porque eu trabalhava no bronze e era obrigado a entrar dentro de um tanque de ácido sulfúrico, descalço. As peças de bronze eram jogadas lá dentro para limpar o bronze e depois dar o acabamento. Eu estava com o corpo todo verde. Aí eu fiquei meio doente e parei de estudar. Naquela época, em 1947, a Belas Artes ficava na Rua Onze de Agosto, onde hoje é uma ampliação da Praça Clóvis Beviláqua, em frente ao Palácio da Justiça. Ali só ficou o Palacete Santa Helena, que mais tarde também saiu.*

Começa então uma nova fase de trabalho para o nosso artista que, apesar de sua audição limita-

da, vai trabalhar como motorista de caminhão.

Isso foi uma coisa interessante. Eu trabalhava como motorista. Meu pai tinha um posto de gasolina e ele perdeu esse posto por causa de um sócio. E o que sobrou deu para comprar um caminhão. Aí eu comecei a dirigir. Eu ia até Porto Alegre com o caminhão sozinho. E isso era muito puxado. Quando quebrava, se ficava dias e dias na estrada sem comer, sem beber, sem nada. Era uma vida muito dura e antigamente não era asfaltado. Tinha paralelepípedo que saía daqui de Pinheiros e ia até Cotia, depois pegava São Roque, Sorocaba, Itapetininga, Itapeva, Itararé e Apiaí, saía na Serra da Ribeira e depois Paraná, Curitiba e ia até Porto Alegre. Antigamente não existia a BR 116, era tudo terra. Ia pelo interior, por Lages, e saía em Ponte Alta do Norte e desembocava em Caxias, já no Rio Grande do Sul, depois chegava em Porto Alegre. E com isso demorava uma viagem de 20 a 30 dias, quando não chovia. Era uma vida muito sacrificada, mas não compensava. Se escrevia no pára-choque do caminhão: "Caminhão não dá camisa para ninguém". E não dá mesmo.

Mas nem mesmo as dificuldades da estrada impediram a continuidade e o fortalecimento de sua produção artística.

Eu pintava sempre. Eu nunca deixei de pintar e desenhar paisagem mesmo quando estava trabalhando com o caminhão. Pintava aquelas paisagens, mas infelizmente esses quadros estão todos espalhados por aí, não tenho nenhum como recordação. Eu dava de presente, porque eu morava em uma casa pequena. A casa era térrea e dava para acomodar. Eu tinha um barraco no quintal para guardar todas as minhas obras de arte, inclusive esculturas. Esculturas em

pedra e em argila que eu passava para o gesso depois, porque fui escultor e trabalhava na fundição de bronze. Então, muito foi doado e muito se perdeu por tomar chuva. Depois que fui morar num apartamento, não cabia nada e eu joguei tudo fora. E as pessoas vinham me dizer: – Sabe aquele quadro que você me deu? Eu vendi. E eu não conseguia vender. Mas quantos quadros não perdi! Eu nunca deixei de pintar. Eu esqueço a vida quando estou pintando.

Um fato interessante marcou também esse período: o convívio com o Grupo Santa Helena².

Eu cheguei a fazer parte do Grupo Santa Helena. Eu comecei a expor no Salão Paulista de Belas Artes e eu tinha amizade com esses artistas, conversava com eles. A gente se reunia e pintava no Parque Dom Pedro. Antigamente o Parque Dom Pedro era gostoso de ficar, era lindo, era cheio de banco, era muito conservado. Era mais ou menos que nem a Estação da Luz, sem grade, sem nada. Nós íamos muito pintar lá (...) Nós íamos também pintar na várzea da Penha. Tinha o pântano do Tietê, e tinha muita garça e muita olaria ali. A gente pintava muita paisagem. Mas era um sa-



Grandes Formas Conjugadas, 1979
Óleo sobre tela 120X100 cm

crifício danado para ir lá. A gente pegava ônibus, trem, e descia na Estação Artur Alvim e ia a pé. Ou, então, pegava o bonde da Penha na Praça da Sé e pegava a Celso Garcia toda até à Igreja de Penha, e aí descia a pé até lá embaixo na várzea, no caminho que ia para Guarulhos. Com cavalete na mão, telas e tudo. Era duro. Nós saímos daqui quase quatro horas da manhã, para pegar o primeiro bonde. Eu morava no Ipiranga, os outros, a maioria, moravam para os lados de Pinheiros. E o Volpi³ era do Cambuci. Tinha outros pintores também, inclusive o Zanini⁴, que eram do Cambuci. Mas eu me retirei, fiquei meio isolado. Esse ouvido atrapalhou muito a minha vida. Eu fiquei até meio complexado. Então comecei a pintar sozinho. Tudo ia sempre sozinho (...) Veja bem, quando estou com uma pessoa, tudo bem, eu converso, mas quando tem duas pessoas, já não ouço nada. Por isso eu não frequentava reunião nenhuma. Eu, como sempre dei duro na vida, trabalhando com carro de praça, caminhão, então ficava muito tempo fora. Não dava para frequentar.

De motorista de caminhão, Lúcio Pegoraro passou a chofer de praça, tendo tido antes duas experiências de trabalho ligadas aos seus dotes artísticos. Uma nos famosos Vitrais Conrado, na Rua Silva Bueno, outra no Cine Metro, fazendo propaganda para os filmes em cartaz.

Eu passei a trabalhar no Cine Metro: fazia propaganda. Eu que inventei esse tipo de fazer letra na madeira: recortava e pintava por cima e elas se destacavam. Desenhava os artistas inclusive. Quando houve aquele filme Inocência, a artista⁵, que eu não me lembro o nome, pousou para mim. Eu desenhei o rosto dela e pintei e fiz um cartaz para o Cine Metro.

Fazia também uns cartazes menores e colocava nos bondes como propaganda. Naquela época, tinha lugar nos bondes para isso.

Foi como *chofer* de praça que uma grande virada aconteceu em sua vida. Um dia estava desenhando no seu ponto, na Praça da República, quando chegou ali um freguês que se encantou com a sua habilidade. Este freguês era Nonê Andrade⁶, filho de Oswald de Andrade.

Nonê decide então, ajudar Lúcio Pegoraro a encontrar um trabalho onde possa utilizar melhor suas habilidades. E consegue sua nomeação para o cargo de restaurador no Museu Paulista. Aqui se inicia um novo capítulo na vida do artista, nasce o seu duo - o Lúcio restaurador.

Eu fui o primeiro restaurador oficial do Museu Paulista. Eu trabalhei lá 32 anos. Eu entrei em 1958 e saí em 1979, aposentado. Mas era para eu ter aposentado antes, eu trabalhei quase nove anos a mais. Eu gostava do Museu Paulista e ainda gosto. Aquilo era um lar para mim. Eu adorava aquilo, eu chorei tanto quando eu saí de lá!

Do seu trabalho no Museu Paulista ele destaca: *Eu restaurei obras como a Independência ou Morte do Brasil, do Pedro Américo, a Partida das Monções, de Almeida Júnior, a Vista de Santos, de Benedito Calixto, a Descoberta do Brasil, de Oscar Pereira da Silva. E fiz todos os painéis que estão na sanca, na escadaria. E todas as telas Panorama de Santos, Fundação de São Paulo, de Oscar Pereira, também. Inclusive aquela maquete de São Paulo antigo eu restaurei - São Paulo em 1841 - que é toda de gesso. Numa ocasião, uma criança andou lá em cima e quebrou tudo. Isso me custou três anos de restauração para refazer tudo - todas*



Porto, 1986
Óleo sobre juta
100X100 cm

aquelas casinhas, aquelas igrejas.

Começa uma nova etapa de aprendizado. Lúcio Pegoraro volta à Escola de Belas Artes, mas dessa vez no Rio de Janeiro, onde existia um curso de restauração. Como parte de seu aprendizado, trabalhou no Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), restaurando obras e igrejas em Minas Gerais.

Eu fiz a Escola de Belas Artes e depois eu voltei para completar o curso. Por exigência do Museu Paulista, porque o museu passou para a Secretaria de Educação, e aí passou para a Universidade de São Paulo - então precisava ter um curso universitário. Como não tinha curso de restauração aqui em São Paulo, o único curso que tinha aqui no Brasil era no Rio de Janeiro, na Rua da Imprensa, com o professor Edson Motta. Então, eu fui fazer o curso com ele no Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco. E o laboratório de restauração era lá no Ministério de Educação e Cultura, na Rua da Imprensa.

Deste período, se destaca um novo mestre, Edson Motta: *Eu considero ele o maior restaurador que o Brasil já teve até hoje. A bem da verdade, na América do Sul inteira.*

Ele trabalhou muito, era incansável. Ele transmitia seus conhecimentos para todos, ele não guardava segredos. E eu fazia a mesma coisa. Antigamente, se tinha mania de segredos. A arte tem dessas coisas, os pintores guardam seus segredos, mas isso é besteira. É muito egoísmo levar para o túmulo e não passar o conhecimento para o outro. Eu dei aula de restauração e passei todo o meu conhecimento. E de técnica de pintura também. E também de como fazer tinta. Hoje já não dou mais aula.

O trabalho como restaurador, de precisão científica, passou a conviver lado a lado com o trabalho do artista, forte e emocional. Mas como essas duas faces conviviam?

É uma pergunta difícil de responder, sendo eu assim um pintor extremamente nervoso. Porque a minha pintura é totalmente escorrida, como você pode ver. Eu pintava com brocha, mas também é uma pintura compreensível.

A fase de trabalho no Museu Paulista marca também sua profissionalização como artista. *Eu comecei a vender quadros quando comecei a trabalhar com restauração. Sempre havia pedidos para restauração vindos de pessoas*

hora pintei um quadro. É uma coisa assim que está dentro de nós.

BIBLIOGRAFIA

ENCICLOPÉDIA de Artes Visuais. [Online] Obtido via Internet: <http://www.itaucultural.org.br>. Consultado nos dias: 01 e 02 de set. e 01 de nov. de 2003. PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo, Ed. Ática, 2001.

- 1 – Entrevista realizada em 05/09/2003.
- 2 – Um dos marcos da arte brasileira, este grupo se formou com a instalação gradual de escritórios do pintor Francisco Rebolo e do artesão Mário Zanini no Palacete Santa Helena, na Praça da Sé. Ali se tornou ponto de encontro de outros trabalhadores que se interessavam por arte, para sessões de modelo vivo, troca de idéias sobre arte e discussão de trabalhos e de soluções adotadas. Muitos deles se projetaram no cenário artístico como Alfredo Volpi, Aldo Bonadei, Clóvis Graciano, Fúlvio Pennacchi, Humberto Rosa, Manuel Martins e Rizzotti. Os santelenistas eram, em geral, imigrantes ou descendentes de imigrantes de origem humilde, exercendo profissões ligadas ao domínio técnico artesanal. A preocupação com a pesquisa técnica caracterizava o Grupo, que se distanciava tanto do Academismo quanto do Modernismo da primeira geração. Registraram em suas obras a vida cotidiana da cidade e seus arredores e sua a contribuição foi de grande importância para a consolidação do Modernismo nas artes plásticas brasileiras dos anos 30 e 40.
- 3 – Alfredo Volpi (1896-1988), um dos maiores pintores brasileiros, participou ativamente do Grupo Santa Helena.
- 4 – Mário Zanini (1907-1977). Pintor, decorador, ceramista e gravador. Em torno de seu escritório se reunia o Grupo Santa Helena.
- 5 – Maria Della Costa
- 6 – Oswald de Andrade Filho (1914-1972) Pintor, desenhista, cenógrafo e professor - filho mais velho do escritor Oswald de Andrade.

(*) *Monica lafrate é historiadora, com especialização em Museologia, formada pela USP. Há quatorze anos atua na área de pesquisa e organização de acervos históricos. Atualmente trabalha na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul coordenando o Centro de Documentação Histórica e a Pinacoteca Municipal.*



Suave Noturno, 1987
Óleo sobre juta
100X100 cm

que tinham quadros valiosos. Eu fazia, mas desde que encaminhassem para o diretor um ofício pedindo a restauração. Eu não cobrava nada e nunca aceitei nada de presente. Uma vez apareceu a D. Vega, que era pintora e esposa do Geraldo Ferraz, que era crítico de arte do Estado de São Paulo, e ela viu um quadro que eu estava pintando, um retrato de um menino. Ela viu o quadro e falou para o Geraldo Ferraz.

O crítico foi ao Museu, para conferir a obra do artista, e ficou muito impressionado com o que viu. Foi ele quem apresentou Lúcio Pegoraro a Paulo Prado, dono de uma galeria de arte em Santos. Teve início, então, uma profunda relação entre o artista e o marchand, que durou por mais de 30 anos.

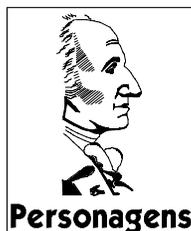
Ele me apresentou o Paulo Prado, que tinha galeria em Santos. Ele veio ver o quadro na minha casa. Tinha vários quadros, e ele fez a primeira exposição em Santos. Isso foi em 1964 ou 66, por aí. Foi logo depois da revolução de 31 de Março. Daí começou, e a cada dois anos ele expunha os meus quadros. Depois veio para São Paulo. Depois expus na Aliança Francesa, sempre com a Galeria Paulo

Prado, sempre com ele. Ele ficou meu marchand, sempre vendia quadros meus. E toda vez, lá em Santos, antes de inaugurar a exposição já estava tudo vendido. Agora ele fechou a Galeria, estava com idade também, cansado, velho, morrendo. Quer dizer, eu não acredito na morte, a vida continua.

E a vida tem continuado para esse grande artista, que modestamente fala de seus muitos prêmios em vários salões. Hoje, ele já faz parte das enciclopédias, como um das referências da arte brasileira. Ele espalhou suas obras como um semeador e as viu frutificar no encantamento do olhar de todos aqueles que tiveram o privilégio de vê-las. Uma produção artística que ainda não terminou, pois qualquer um que visite seu ateliê o encontrará ainda pintando, ainda traduzindo o mundo com arte e poesia.

Eu sou um artista. Um artista está sempre com um compromisso com a arte, com a sua natureza de produzir, de fazer, assim como o escritor. Embora eu não tenha encomenda, eu faço para mim mesmo. Como se diz hoje, é meu hobby, para passar meu tempo. Ainda hoje pintei um quadro. Fiz um belo quadro lá. Está terminado. Em meia

João Relá: 52 anos em São Caetano



Personagens

João Relá nasceu na cidade de Itatiba em 16 de Setembro de 1889. Seus pais, Giacomo Relá e Antonietta Quilicci Relá, tiveram oito filhos. Residiam na Rua General Glicério, perto da Estação da Estrada de Ferro Itatibense, onde João trabalhava, assim como a maioria de seus irmãos.

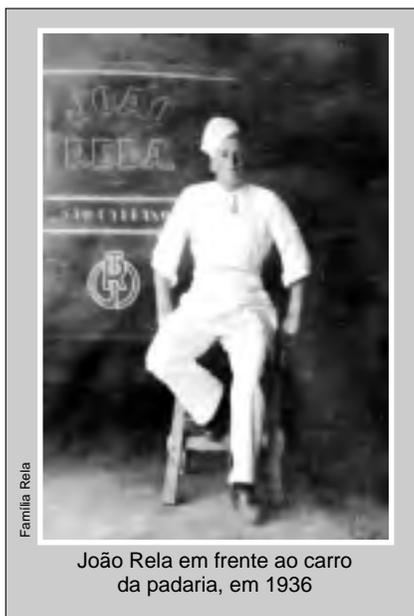
Aos 20 anos, João Relá casou-se com Filomena Bisquolo. Da união nasceram, ainda em Itatiba, dois filhos: Amélia e Newton. Foi transferido a São Paulo para trabalhar na contadoria da Estação da Luz. Durante o tempo em que morou em São Paulo, teve uma filha de nome Ester, que veio a falecer quando ele já estava na Estação de Campo Grande (MS) como chefe de estação.

De Campo Grande veio com o mesmo cargo de chefe de estação para São Caetano, onde viveu até o fim de sua vida. Chegou a São Caetano por volta de 1918, e aqui teve mais dois filhos, João Relá Filho e Rubens Relá. Por cerca de oito anos levou sua vida de ferro-



Padaria João Relá, ano de 1936, localizada na esquina das antigas ruas Bahia e Sergipe, hoje respectivamente ruas Rio Grande do Sul e Rafael Correia Sampaio

Família Relá



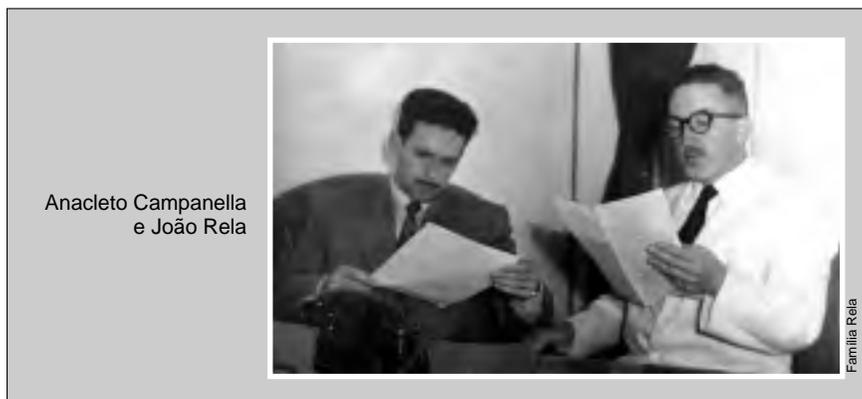
João Relá em frente ao carro da padaria, em 1936

Família Relá

viário, mas sempre participando de todos os acontecimentos da cidade. Como bom descendente de italianos, falava esse idioma, o que facilitava a amizade e o contato com os imigrantes que residiam no Bairro da Fundação.

Por volta de 1927, João Relá resolveu abandonar sua vida de ferroviário e partir para uma outra atividade, o comércio. Montou então uma padaria no Bairro Monte Alegre, na Rua Bahia (atual Rua Rio Grande do Sul), nº 39, esquina com a Rua Rafael Correia Sampaio (antiga Rua Sergipe). Nesse local ainda hoje funciona uma padaria, porém, instalada em um prédio novo e moderno.

Durante 13 anos esse foi o seu trabalho. Teve sempre ao lado dona Filomena, que cuidava da venda do pão no balcão enquanto ele fazia entrega a domicílio com seu furgão, como era costume naquela época. O bairro era habitado por famílias de várias nacionalidades (espanhola, húngara, alemã), e do seu contato com elas, João Relá aprendeu noções de diferentes idiomas.



Anacleto Campanella e João Relá

Família Relá

João Relá entre amigos na Loja de Calçados de Lázaro de Campos. Da esquerda para a direita: Matheus Constantino, (?), Júlio Marcucci, João Dal'Mas, Lázaro de Campos, (?) e João Relá



Família Relá

O seu trabalho restringia-se ao período da manhã. Por isso, à tarde e à noite participava sempre de reuniões políticas, de sociedades beneficentes e buscava conseguir melhorias para a cidade e a população junto à Prefeitura de Santo André, pois São Caetano era a ela subordinado.

Foi subdelegado de polícia e presidente, durante vários anos, da Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano. Nesse cargo, cuidava para que os sócios tivessem bom atendimento médico (as despesas eram pagas, em parte, pela Sociedade). Era amigo de todos os médicos, e não deixava de visitar parentes, amigos e conhecidos que precisassem de conforto por ocasião de doenças, morte ou qualquer necessidade.

No ano de 1941 vendeu a padaria, pois os filhos não queriam continuar com esse trabalho. Dedicou-se então um pouco mais à política. Esses anos haviam sido de trabalho árduo. Enfrentou, durante o período do governo Vargas, duas revoluções (1930 e 1932), o que havia deixado o seu comércio em situação muito difícil. O apoio da mulher, contudo, foi fundamental para que se reerguesse.

Começou, então, um novo pe-

ríodo na vida de João Relá. Amigo de prefeitos, governadores e vereadores, participou de todos os acontecimentos da cidade e se dedicou com mais afinco à política.

Foi vice-presidente da Associação Pró-Construção do Monumento ao Imigrante Italiano, que hoje embeleza a entrada de São Caetano para quem vem de São Paulo. Como vereador, trabalhou muito em projetos que beneficiaram a cidade, visitou o Palácio do Governo e tornou-se amigo de Ademar de Barros, a quem chamava de compadre.

Nomeado juiz de paz, durante a gestão de Anacleto Campanella na Prefeitura de São Caetano, João Relá sentiu-se realizado. Dava às cerimônias de casamento uma solenidade especial, falando aos noivos sobre os deveres que teriam daí para frente.

Ao falecer, no dia três de Junho de 1970, vítima de atropelamento, ainda era juiz de paz. Deixou muitas poesias e alguns contos, todos falando de políticos, de comemorações cívicas às quais ele fazia questão de comparecer, e de sua viagem à Europa, da qual sempre guardou belas recordações. *(Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória).*



João Relá participa do hasteamento da bandeira nacional, em frente ao Paço Municipal, na Avenida Goiás. Década de 70 (administração Massei)

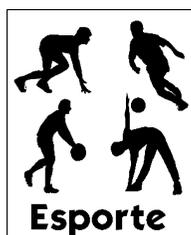
Família Relá



Casamento de Milza Maria Martins da Cunha e Ubiratan Dormerice Garcia, realizado pelo juiz de paz João Relá, em 26 de Julho de 1969

Milza Maria Martins da Cunha

São Cristóvão Futebol Clube: campeão amador em 1966



Em 1966, a indústria simbolizava o perfil econômico-social de São Caetano do Sul. Era em torno da produção industrial, orçada em 180 milhões de cruzeiros, e através do trabalho de 36 mil operários e 421 indústrias que a vida cotidiana da população palpitava em uma rotina de trabalho, lazer e diversão. As indústrias aqui instaladas eram na maioria mecânicas e metalúrgicas. Entretanto, a presença de indústrias químicas (18 fábricas e sete mil operários) e cerâmicas (19 fábricas e cinco mil operários) também era forte.

A mão-de-obra operária empregada nessas indústrias tinha no futebol um de seus mais apreciados passatempos. Esse esporte, de fato, era praticado em dezenas de campos espalhados pela cidade. O futebol amador era dirigido pela Liga Sancaetanense de Futebol Amador, desde 1949, e chegou a filiar mais de 80 agremiações em diversas séries e categorias, matinais e vespertinas.

O futebol amador em São Caetano atingiu a idade de ouro nas décadas de 40 e 50, mas em 1966 começava a mostrar sinais de declínio em função de vários fatores.

Um deles era a mudança do comportamento da juventude sancaetanense que, devido às várias

iniciativas da Prefeitura, viu-se, de uma hora para outra, com grandes perspectivas de passar a estudar em escolas recém-inauguradas. Passaram a dividir o tempo entre escola e trabalho, sobrando poucos momentos para o futebol. Outro fator de decadência do futebol amador foi a rápida valorização dos terrenos ocupados por campos de várzea, que passaram a ser usados para a construção de casas, prédios e até pelas próprias escolas, que surgiam em número elevado.

O Campeonato Amador de Futebol de 1965 teve seu final em 1966. No dia nove de Janeiro desse ano foi realizada a fase final, com quatro equipes: Vila Bela, Gisela, Sete de Setembro e Barcelona. Na primeira rodada do quadrangular, o Vila Bela goleou o Gisela por 10 X 2, e o Sete de Setembro ganhou do Barcelona por 2 X 1. Na rodada final, o Vila Bela derrotou o Barcelona por 2 X 1 e sagrou-se campeão, ficando com o título máximo da Primeira Divisão da Liga Sancaetanense de Futebol de 1965.

CAMPEONATO DE 1966 – Em Fevereiro, a Liga de Futebol de São Caetano solicitou a todos os clubes de futebol da cidade que enviassem os documentos necessários à obtenção do alvará de funcionamento para o corrente ano. A Liga também se preparava para o pleito de 66/67, no qual deveriam ser eleitos seus novos dirigentes. Os vencedores foram Luiz Mantovani, para presidente, e Fernando Ribas, para vice-presidente. Em Março, os clubes ain-



Jogadores do São Cristóvão Futebol Clube, em 1946, um ano após a fundação da equipe (18 de Novembro de 1945). Em pé, da esquerda para a direita: Emígdio Perrella (Mosquito), Elmo e Frederico. Agachados: Onofre e Nico Garbelotto

Fundação Prc-Memória



Fachada do Palácio dos Esportes, na esquina das ruas Heloísa Pamplona e Rodrigues Alves, no Bairro da Fundação. No local funcionavam, em 1966, a Comissão Municipal de Esportes e a Liga Sancaetanense de Futebol Amador. Ano de 1964

da não tinham aprovado sua situação jurídica perante a Liga e a Federação de Futebol. Os clubes, de modo geral, atravessam crise financeira e de identidade. Muitos já não possuíam campos de futebol e não estavam adaptados aos novos tempos, o que se podia verificar pela ausência das atas das eleições de suas novas diretorias.

O prazo para a entrega da documentação chegava ao fim. Na denominada primeira divisão, que reunia os melhores times, apenas o Piratininga Futebol Clube não estava com a documentação em ordem, ao passo que, na segunda divisão, metade dos clubes estava em situação irregular, fato que poderia atrasar o início do Campeonato Municipal de 1966, programado para o final de Julho.

Quando foi decidido o início do certame, 31 de Julho de 1966, ficou definido que apenas nove clubes disputariam a 2ª divisão, número muito inferior ao do ano anterior, quando 30 clubes se inscreveram no campeonato.

Da 1ª divisão participariam 15 clubes:

- *América do Sul Futebol Clube*
- *Barcelona Futebol Clube*
- *Esporte Clube Torino*
- *Náutico Futebol Clube*
- *Nacional Futebol Clube*
- *Guarani Futebol Clube*
- *Sete de Setembro Futebol Clube*
- *Paulistano Futebol Clube*

- *Tamoio Futebol Clube*
- *Flamengo Futebol Clube*
- *Esporte Clube Vila Bela*
- *São Cristóvão Futebol Clube*
- *Monte Azul Futebol Clube*
- *Sociedade Esportiva Gisela*
- *Sociedade Esportiva Azul-Celeste*

Da 2ª divisão participariam nove clubes:

- *América Futebol Clube (V.São José)*
- *América Futebol Clube (V.Barcelona)*
- *Bonsucesso Futebol Clube*
- *Associação Atlético Vila Gerte*
- *Estrela Vermelha Futebol Clube*
- *Ponta Porã Futebol Clube*
- *Esporte Clube Corinthians Bandeirantes*
- *Universal Futebol Clube*
- *Alvorada Atlético Clube*

No dia 31 de Julho de 1966, a bola começou a rolar nos últimos campos abertos de futebol amador em São Caetano. (A partir da década de 70, seriam construídos

os estádios distritais, e muitos clubes iriam fundir-se com outras agremiações - o que viria a gerar muita polêmica.)

Para o campeonato principal, as equipes foram divididas em 1ª e 2ª divisão, sendo que na 1ª divisão havia a série A e a série B.

A primeira rodada da 1ª divisão (séries A e B), parte dos festejos do 89º aniversário de São Caetano do Sul, foi assim programada:

Série A	
Na V. Olímpica:	Nacional X Vila Bela
Na R. Ceará:	São Cristóvão X Náutico
Na Av. Goiás:	Paulistano X Barcelona
Na Vila Bela:	América do Sul X Tamoio
Série B	
Na V. Tupã:	Sete de Setembro X Flamengo
Na Vila Gisela:	Gisela X Guarani
Na Av. Marginal:	Monte Azul X Torino

No final de Agosto, já despontavam na liderança da 1ª divisão o São Cristóvão, na série A, e o Sete de Setembro, na série B.

A maior expectativa era em torno do confronto entre São Cristóvão e América do Sul, que seria realizado no campo do Vila Bela. O São Cristóvão era apontado como franco favorito, mas vinha de um resultado considerado fraco: 1 X 0 sobre o Paulistano. O América do Sul também não fora bem e apenas empatara com o Náutico. A rivalidade entre os dois clubes do Bairro da Fundação cria-



Equipe do São Cristóvão em 1955, no jogo contra o São Bento de Sorocaba. Em pé, da esquerda para a direita: China, Caetano, Elmo, Tião, Basílio e Alfredo. Agachados: Zezinho, Mané, Alfredo, Tide e Luiz Soldá

va uma expectativa muito forte entre os torcedores, ainda mais naquele delicado momento, em que ambas as equipes buscavam a reabilitação. O resultado do jogo foi um empate de 0 X 0, considerado uma vitória pelo América do Sul, pois o São Cristóvão encimava a tabela de classificação. Todos diziam que o América do Sul havia brechado o São Cristóvão, apesar de o time continuar firme na liderança. Esperava-se, porém, que o São Cristóvão mantivesse o excelente padrão de jogo nas partidas seguintes. O São Cristóvão jogou com Sérgio, Feijão, Tambor e Ademir, Gessy e Nello, João, Oscar, Eraldo, Chicha e Néelson. O América do Sul jogou com Borges, Geraldinho, Vadão e Helmes, Valtinho e Nando, Zé Luiz, Cláudio, Boca, Xixela e Rubinho.

Na rodada seguinte, o São Cristóvão perdeu para o Barcelona, mas continuou líder da Série A com três pontos. Na Série B, o Sete de Setembro liderava a classificação com um ponto, apesar de ter empatado com o Flamengo por 2 X 2. Nesse empate, o gol do Flamengo foi marcado nos últimos minutos de jogo pelo árbitro Lourival Araújo França, o que gerou desconfiança entre os torcedores do Sete. O Sete de Setembro, nesse jogo, atuou com Hélvio, Rubinho, Tostão e Agenor, Portela e Raimundo, Joãozinho, Darci, Adail, Serginho e Canhoto. O Flamengo jogou com Mário, Cidadela, Nelsinho, Carlos Mota e Olívio, Guido e Cabelo, Abobrinha, Gijão, Juraci e Mexerica. Os tentos foram marcados por Raimundo e Serginho, para o Sete, e Gijão e Guido (de pênalti) para o Flamengo.

Os jogos da 1ª divisão, até Outubro, foram tranquilos, sem brigas nem confusão; o que de fato era estranho, já que *batalhas*

memoráveis haviam ocorrido nos anos anteriores. Mas a paz logo foi rompida: o jogo Náutico e São Cristóvão não terminou, pois, aos 28 minutos do 2º tempo, por ocasião de uma falta a ser cobrada contra o Náutico, alguns torcedores se desentenderam, formando grande confusão. Isso culminou com a paralisação da partida após tumulto generalizado.

Nesse jogo, o Náutico se apresentou com Oswaldo, Ademar, Luiz Carlos e Hércio, Evandro e Romeu, Gecione, Reinaldo, Miguel, Silva e Odair. O time do São Cristóvão era: Sérgio, Luiz, Feijão e Gersy, Ademar e Mello, Sílvio, Careca, Zeca, Xixa e Titaco.

Enquanto na Série A os jogos ainda estavam em andamento, e o líder do campeonato era o São Cristóvão, na Série B o Sete de Setembro sagrou-se campeão ao derrotar o Gisela por 6 X 0. Os vencedores foram: Hermição, Rubinho, Tostão, Mário, Aguiar e Portela, Raimundo, Jorginho, Dau, Darci e Canhoto. Os gols foram assinalados por Jorginho (2), Darci (2), Portela e Dan.

Convém ressaltar que os clubes da Série B não jogavam com os da série A. Eram grupos independentes, e o título oficial de Campeão de São Caetano era consagrado somente ao campeão da Série A. Desse modo, o título máximo da cidade, em 1966, seria disputado pelo São Cristóvão e pelo América do Sul, equipes que haviam se classificado para a decisão.

Para que os dois clubes chegassem à final do campeonato, foram necessárias duas últimas vitórias: São Cristóvão sobre o Nacional (3 X 2) e América do Sul sobre o Paulistano (8 X 3).

A decisão entre São Cristóvão e América do Sul foi muito complicada. No primeiro jogo, a partida

foi interrompida aos 28 minutos do 2º tempo, por invasão de campo. Os 17 minutos finais foram disputados uma semana depois, e o placar não se alterou: 0 x 0. Nesse jogo, o São Cristóvão apresentou-se com: Dito, Luiz e Teodoro, João Carlos, Clélio e Ademir, Sílvio, Ferrari, Oscar, Xixa e Titaco. O América do Sul jogou com Borges, Geraldinho, Vadão e Hermes, Valtinho e Nando, Zé Luiz, Cláudio, Boco, Xixela e Rubinho.

A decisão foi marcada para o dia quatro de Dezembro. O jogo foi muito movimentado, e o América do Sul venceu o São Cristóvão por 3 X 0. Ganhou, mas não levou.

A confusão toda foi armada devido à inclusão de dois jogadores do América do Sul de forma irregular. O resultado final só saiu em Julho de 1967, e a Federação Paulista conferiu ao São Cristóvão o título de 1966.

O Egrégio Tribunal da Federação Paulista de Futebol, em reunião realizada no dia 11 de Julho de 1967, ratificou a pena imposta ao América do Sul pela Justiça Desportiva de São Caetano do Sul e pela própria Câmara do Egrégio Tribunal da Federação Paulista de Futebol.

Os atletas João Borges e Jarci tiveram o registro cassado, de sorte que só voltaram a atuar após cumprido o estágio regulamentar. Uma vez que o América do Sul perdeu todos os pontos dos jogos em que esses atletas atuaram, a equipe passou para a última colocação.

Assim, o São Cristóvão Futebol Clube foi confirmado como Campeão da Série A do Campeonato de Futebol Amador de São Caetano do Sul de 1966. (*Pesquisa e texto realizados pelo serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*)

Ata de fundação do São Cristóvão Futebol Clube

Aos 18 de Novembro de 1945, nesta cidade de São Caetano do Sul, na residência do Senhor Mário de Oliveira, sita à Rua Conde Francisco Matarazzo, s/n., sede do antigo e ex-club de Futebol Juvenil Corinthians Paulista, reuniram-se os seguintes senhores: Mário de Oliveira, Octávio Radez, Alexandre D'Agostini, João Domingos Biagi, Oswaldo Francisco e Guido Buso.

A finalidade precípua da referida reunião foi a de se estudar a possibilidade de se constituir uma sociedade esportiva que pudesse, de forma geral, congregar a plêiade de jovens participantes do futebol, ex-remanescentes do Juvenil Paulista, digo, Juvenil Corinthians Paulista, ávidos a praticarem o esporte. Usando da palavra, o Senhor Guido Buso assumiu a presidência naquele momento, aclamado, fazendo

sentir aos presentes a importância do aproveitamento do dito pessoal, somando-se, ainda, o incentivo de já terem uma sede relativamente instalada, bem como parte do material esportivo.

Apartes, debates de âmbito geral foram feitos e os presentes concluíram a possibilidade de constituir, nesse instante, uma nova agremiação, que poderia vir a oferecer aos jovens do bairro a prática do esporte, qual seja o futebol.

Assim sendo, verificou-se a aprovação por aclamação da dita sociedade, faltando apenas o nome. Sugestões diversas foram feitas, e finalmente surgiu o nome de SÃO CRISTOVÃO FUTEBOL CLUBE. Declarou o senhor Guido Buso oficialmente constituído o novo clube, que levará o nome de SÃO CRISTOVÃO FUTEBOL CLUBE.

Agradecendo as atenções de

que fôra alvo, o Senhor Domingos Buso convocou os senhores presentes para uma nova reunião na data de 25 de Novembro, às 15:00 horas, para a programação de atividades e constituição da primeira Diretoria, bem como, outras providências a serem tomadas, quais sejam, estudo da minuta dos Estatutos Sociais, ordenando a mim Secretário Ederomir R. Costa, que lavrasse a presente Ata, cujo texto depois de lido e aprovado, levará as assinaturas do Senhor Presidente e do Senhor Secretário – APROVADO – assinado Ederomir R. Costa e Senhor Domingos Buso.

São Caetano do Sul,
15 de Março de 1974.

(Data da reprodução da ata original)

Horácio Roveri
Presidente

Relação de Clubes Amadores de Futebol de São Caetano do Sul em 1966

CLUBE ATLÉTICO MONTE ALEGRE			
Fundação:	13 de Agosto de 1950	Endereço:	Rua Alagoas, 223
Endereço:	Rua Amazonas, 846	Presidente:	Agostinho Folco
Presidente:	José Mombelli	Vice-Presidente:	Nélson Sarcinelli
Vice-Presidente:	Alécio Castadelli		
SETE DE SETEMBRO FUTEBOL CLUBE		ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA VASCO DA GAMA	
Fundação:	Primeiro de Setembro de 1945	Fundação:	Oito de Agosto de 1934
Endereço:	Rua Prates, 110	Endereço:	Rua Conselheiro Lafaiete, 731
Presidente:	Fernando Ribas Leon	Presidente:	Antônio Aleixo
		Vice-Presidente:	Chaim Abrão
SOCIEDADE ESPORTIVA GISELA		SOCIEDADE ESPORTIVA ÁZ DE ESPADAS	
Fundação:	Dez de Outubro de 1953	Fundação:	20 de Março de 1957
Endereço:	Rua Pan, 32	Endereço:	Rua Silvia, 1156
Presidente:	Amadeu Franchi	Presidente:	Rubens Joaquim
Vice-Presidente:	Dario Fernandes	Vice-Presidente:	Francisco de Paula
BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE		GENERAL MOTORS ESPORTE CLUBE	
Fundação:	20 de Novembro de 1950	Fundação:	Primeiro de Novembro de 1935
		Endereço:	Avenida Goiás, 2905
		Presidente:	Leonardo Speratti

SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE
Fundação: Primeiro de Maio de 1914
Endereço: Rua Perrella, 311
Presidente: Narciso Ferrari

CERÂMICA SÃO CAETANO FUTEBOL CLUBE
Fundação: 13 de Maio de 1925
Endereço: Rua Pandiá Calógeras, 88
Presidente: Cirilo Calinescow

TRANSAUTO FUTEBOL CLUBE
Fundação: Dez de Outubro de 1962
Endereço: Rua Pinheiro Machado, s/n.
Presidente: José Formiga

ESPORTE CLUBE CORINTIANS BANDEIRANTES
Fundação: 29 de Janeiro de 1960
Endereço: Rua Joana Angélica, 718
Presidente: Benedito Freitas Santos
Vice-Presidente: Renato Oliveira

CRUZADA ESPORTE CLUBE
Fundação: Primeiro de Maio de 1939
Endereço: Rua Manoel Coelho, 924
Presidente: Osvaldo Figueira

UNIÃO CULTURAL DE SÃO CAETANO DO SUL
Fundação: 28 de Outubro de 1951
Endereço: Rua Wenceslau Brás, 41
Presidente: João Kaiser

ESPORTE CLUBE VILA BELA
Fundação: 15 de Novembro de 1945
Endereço: Rua Bahia Grande, s/n.
Presidente: José Rigotti

SÃO CRISTOVÃO FUTEBOL CLUBE
Fundação: 18 de Novembro de 1945
Endereço: Rua Coligny, 26
Presidente: Ederomir R. Costa
Vice-Presidente: Darmil Garcia Lopes

AMÉRICA FUTEBOL CLUBE
Fundação: Seis de Junho de 1952
Endereço: Rua Lomas Valentina, 144
Presidente: Edgard Franzini
Vice-Presidente: Severino de Carvalho

NÁUTICO FUTEBOL CLUBE
Fundação: 23 de Março de 1952
Endereço: Alameda Cassaquera, 251
Presidente: Benedito Pizzo

AMÉRICA FUTEBOL CLUBE
Fundação: Seis de Junho de 1962
Endereço: Rua Armando Arruda Pereira, 1461
Presidente: ?

ABC FUTEBOL CLUBE
Fundação: Três de Outubro de 1960
Endereço: Rua 9 de Julho, 146
Presidente: Raimundo da Cunha Leite

Vice-Presidente: Aparecido Zani

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA VILA GERTE
Fundação: Primeiro de Janeiro de 1949
Endereço: Rua Sílvia, 211
Presidente: Orlando Bueno
Vice-Presidente: Alexandre Sobral

PONTA PORÃ FUTEBOL CLUBE
Fundação: Primeiro de Janeiro de 1950
Endereço: Alameda São Caetano, 1210
Presidente: Edes Tinte
Vice-Presidente: Antônio Locatelli

SANTA CRUZ ESPORTE CLUBE
Fundação: Sete de Novembro de 1963
Endereço: Rua Maria, 124
Presidente: Paulo Isidoro dos Santos
Vice-Presidente: Emílio Oliveira

SOCIEDADE ESPORTIVA SANTO ALBERTO
Fundação: 23 de Março de 1964
Endereço: Rua Bom Pastor, 718
Presidente: Modesto Rodrigues
Vice-Presidente: José Rodrigues

CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS
Fundação: Primeiro de Janeiro de 1964
Endereço: Rua Manoel Augusto Ferreirinha
Presidente: Pascoal L. Gerrizin

AMÉRICA DO SUL FUTEBOL CLUBE
Fundação: Primeiro de Setembro de 1947
Endereço: Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Presidente: Andréa Perrella Neto
Vice-Presidente: Antônio Codelo

SOCIEDADE BENEFICENTE ESPORTIVA RECREATIVA OSVALDO CRUZ
Fundação: 22 de Setembro de 1961
Endereço: Rua Lisboa, 26
Presidente: José Saccuci Filho
Vice-Presidente: Weimar Spada

GUARANI FUTEBOL CLUBE
Fundação: 30 de Abril de 1954
Endereço: Rua Manoel Augusto Ferreirinha
Presidente: Gentil Monte
Vice-Presidente: Antônio F. Silva

MONTE AZUL FUTEBOL CLUBE
Fundação: Primeiro de Outubro de 1951
Endereço: Rua Amazonas, 1892
Presidente: Achile Caniati
Vice-Presidente: José Capinne

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE PRETA
Fundação: 15 de Setembro de 1952
Endereço: Rua dos Prazeres, 2
Presidente: Manoel Manduca
Vice-Presidente: João Marques

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA SÃO PAULO
Fundação: 28 de Setembro de 1952
Endereço: Rua Flórida, 1363
Presidente: Luís Merengue
Vice-Presidente: Wladimir Macedo

ARCO VERDE FUTEBOL CLUBE
Fundação: 10 de Outubro de 1958
Endereço: Rua Engenheiro Rebouças, 355
Presidente: Armindo Guindolim
Vice-presidente: Sílvio Arena

SANTOS FUTEBOL CLUBE
Fundação: 20 de Janeiro de 1958
Endereço: Rua Tocantins, 612
Presidente: Milton Nonato
Vice-Presidente: Antônio Ferreira

FLAMENGO PAULISTA FUTEBOL CLUBE
Fundação: 21 de Dezembro de 1951
Endereço: Rua Maceió, 690
Presidente: Antônio Lorente
Vice-Presidente: João Jacob

UNIÃO SÃO BENTO FUTEBOL CLUBE
Fundação: 18 de Abril de 1964
Endereço: Rua Bom Pastor, 1075
Presidente: José Augusto dos Santos
Vice-Presidente: Benedito da Silva

CLUBE ATLÉTICO VERA CRUZ ?
Fundação: ?
Endereço: Rua Tenente Antônio João, 152
Presidente: Osvaldo Xisto de Souza

FLUMINENSE FUTEBOL CLUBE ?
Fundação: ?
Endereço: Rua Tocantins, 411
Presidente: Antônio Monteiro

UNIVERSAL FUTEBOL CLUBE ?
Fundação: ?
Endereço: Alameda São Caetano, 884
Presidente: Osvaldo Espírito Santo
Vice-Presidente: Osvaldo Angilelli

FLAMENGO VILA CAMILA
Fundação: 15 de Agosto de 1965
Endereço: Rua São Paulo, 2242
Presidente: Pedro João

CONGREGAÇÃO MARIANA
Fundação: Seis de Fevereiro de 1963
Endereço: Rua Padre Mororó, 135
Presidente: Alfeu Acheti

FLOR DA VILA FUTEBOL CLUBE ?
Fundação: ?
Endereço: Rua Frieda, 51
Presidente: Domingos Graciute
Vice-Presidente: Valdeyr Oliveira

ALVORADA ATLÉTICO CLUBE
Fundação: Dez de Dezembro de 1964
Endereço: Rua Eng. Rebouças,
Presidente: José V. Carmo
Vice-Presidente: Darcy Victório

RENNER
Fundação: Primeiro de Março de 1956
Endereço: Avenida Goiás, 3261
Presidente: Jorge Cruz
Vice-Presidente: Júlio Trevisan

ATLÉTICO VILA ALPINA
Fundação: Seis de Junho de 1936
Endereço: Rua Marquês de Santo Amaro, 1
Presidente: José Oliton Lira
Vice-Presidente: José da Silva

OLIMPICUS
Fundação: Primeiro de Maio de 1965
Endereço: Rua Pindorama, 118
Presidente: Mário José
Vice-Presidente: Joaquim Duran

SOCIEDADE ESPORTIVA ALVI CELESTE
Fundação: 28 de Junho de 1957
Endereço: Rua Oswaldo Cruz, 2104
Presidente: Francisco Gomes
Vice-Presidente: Osvaldo Vicente

ATLÉTICO CORINTHIANS 1933
Fundação: 1933
Endereço: Rua Paraíba, 182
Presidente: Henrique Baldarena Tobá

ATLÉTICO ALVORADA
Fundação: 18 de Outubro de 1961
Endereço: Rua Joana Angélica
Presidente: Atilio Boldrini

BANDEIRANTES FUTEBOL CLUBE
Fundação: Primeiro de Março de 1964
Endereço: Vila São José
Presidente: Fidelis Coca
Vice-Presidente: Manoel Santos

SÃO PEDRO ATLÉTICO CLUBE
Fundação: 25 de Janeiro de 1963
Endereço: Rua Dr. Rodrigues Alves, 154
Presidente: Amado Rosário

CLUBE ATLÉTICO TAMOIO
Fundação: 15 de Maio de 1944
Endereço: Rua São Paulo, 1206
Presidente: Antônio José Dall'Anese
Vice-Presidente: Francisco Nabarrete

PIRATININGA FUTEBOL CLUBE
Fundação: 21 de Março de 1933
Endereço: Rua Maranhão, s/n.
Presidente: Carlos Reta
Vice-Presidente: João Postbiegel

CORINTHIANS PALMARES

Fundação: Dez de Fevereiro de 1964
 Endereço: Rua Hermínia Lopes, 34
 Presidente: Inácio Leite
 Vice-Presidente: Izídio Silva

CLUBE: NACIONAL FUTEBOL CLUBE

Fundação: 15 de Setembro de 1947
 Endereço: Alameda Cassaquera, 19
 Presidente: Paulo Euripedes

PAULISTANO FUTEBOL CLUBE

Fundação: ?
 Endereço: Alameda São Caetano, s/n.
 Presidente: Diogo Cáceres Dias

ESPORTE CLUBE TORINO

Fundação: Primeiro de Maio de 1959
 Endereço: Rua Marlene, 875
 Presidente: Lonello Tomazini
 Vice-Presidente: João Cintra

BARCELONA FUTEBOL CLUBE

Fundação: 25 de Janeiro de 1957
 Endereço: Rua Nelly Pellegrino, 736
 Presidente: Sidney V. Moreno
 Vice-Presidente: Milton Arruda

PENHAROL FUTEBOL CLUBE

Fundação: ?
 Endereço: Rua Nelly Pellegrino, 693
 Presidente: Floriano Leandrini

FLAMENGO FUTEBOL CLUBE

Fundação: ?
 Endereço: Rua Barão de Mauá, 138
 Presidente: João Barbosa
 Vice-Presidente: Néelson Ângelo

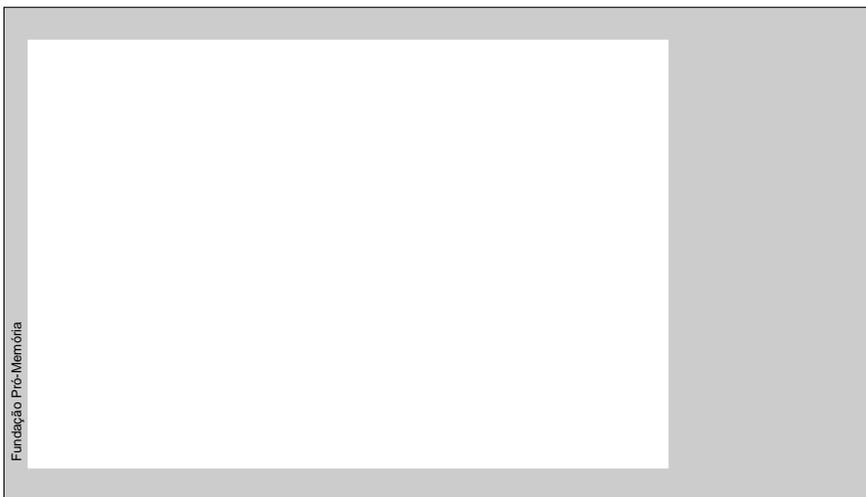
ESTRELA VERMELHA FUTEBOL CLUBE

Fundação: 28 de Fevereiro de 1956
 Endereço: Alameda São Caetano, 2461
 Presidente: Paulo I. Rodrigues

Campeões da Liga de Futebol de São Caetano do Sul (divisão principal)

1949 – General Motors Esporte Clube
 1950 – General Motors Esporte Clube
 1951 – São Cristóvão Futebol Clube
 1952 – General Motors Esporte Clube
 1953 – Atlético Vila Alpina
 1954 – Atlético Vila Alpina
 1955 – Atlético Vila Alpina
 1956 – Atlético Vila Alpina
 1957 – Atlético Vila Alpina
 1958 – São Cristóvão Futebol Clube
 1959 – Atlético Vila Alpina
 1960 – Sete de Setembro Futebol Clube
 1961 – Sete de Setembro Futebol Clube
 1962 – Sete de Setembro Futebol Clube
 1963 – América do Sul Futebol Clube
 1964 – Guarani Futebol Clube
 1965 – Esporte Clube Vila Bela
 1966 – São Cristóvão Futebol Clube
 1967 – Arco Verde Futebol Clube
 1968 – São Cristóvão Futebol Clube
 1969 – União Jabaquara Futebol Clube
 1970 – União Jabaquara Futebol Clube
 1971 – Clube Atlético Tamoio
 1972 – São Cristóvão Futebol Clube
 1973 – Clube Atlético Tamoio
 1974 – não foi realizado
 1975 – Centro Esportivo Recreativo Gisela
 1976 – Centro Esportivo Recreativo Gisela

1977 – CREUA Bairro Prosperidade
 1978 – Sete de Setembro Futebol Clube
 1979 – Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara
 1980 – Centro Esportivo Recreativo Gisela
 1981 – Centro Esportivo Recreativo Tamoio
 1982 – não foi realizado
 1983 – Associação Beneficência Recreativa Esp. V. Barcelona
 1984 – não foi realizado
 1985 – Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara
 1986 – Associação Cultural Recreativa Esportiva Luiz Gama
 1987 – não foi realizado
 1988 – Sete de Setembro Futebol Clube
 1989 – Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara
 1990 – Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara
 1991 – Associação Cultural Recreativa Esportiva Luiz Gama
 1992 – Centro Esportivo Recreativo Gonzaga
 1993 – Atlético Vila Alpina
 1994 – Sociedade Esportiva Recreativa Cultural Santa Maria
 1995 – Sociedade Esportiva Recreativa Cultural Santa Maria
 1996 – Associação Cultural Recreativa Esportiva Luiz Gama
 1997 – Unidos Futebol Clube
 1998 – Sociedade Esportiva Recreativa Alvi-Celeste
 1999 – Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara
 2000 – Unidos Futebol Clube
 2001 – Sociedade Esportiva Recreativa Alvi-Celeste
 2002 – Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara
(Pesquisa e texto elaborado pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.)



O prazer do gol

A trajetória futebolística de Eduardo Lucas, o Sule, atleta amador que atuou no ABC e em São Paulo nos anos 40 e 50

Eduardo Lucas, mais conhecido como Sule, nasceu no dia 13 de Outubro de 1922. Seus pais, Daniel Lucas e Simona Ronqueiro, eram espanhóis que, na década de 20 do século passado, imigraram para o Brasil.

Eles chegaram por volta de 1920. Vieram de navio (...) Eu nasci em 1922, aqui no Brasil (...) Primeiro meus pais foram morar no Bairro Canindé, em São Paulo, e depois foram para Catanduva. Ficaram nessa cidade por um ou dois anos, e depois voltaram para o Canindé.

A família Lucas mudou-se para São Caetano quando Daniel Lucas comprou um terreno ao lado da antiga Fábrica de Formicidas Paulista, na Avenida Goiás. *Meu pai comprou o terreno por 200 réis o metro. Depois, por causa do cheiro de formicida, ele comprou outro terreno, na Rua Maranhão, para a gente se mudar. Ficava lá perto da PAN (Produtos Alimentícios Nacionais). Então a gente logo se mudou para esse terreno.*

Na Rua Maranhão, Eduardo Lucas passou a infância. Desde menino gostava de futebol. *Eu tinha uns seis ou sete anos e via sempre o Fiorotti (um dos melhores jogadores da cidade nas décadas de 20 e 30), porque ele passava lá em casa para pegar o meu irmão e ir jogar bola. O Fiorotti jogava pelo*



Equipe do juvenil Monte Alegre, em 1940, em jogo disputado contra o juvenil 1º de Maio, de Santo André: Wado, Agostinho, Hipólito, Zezão, Besouro, Sule (terceiro jogador em pé, da esquerda para a direita), Orlandinho, Armandinho. Os diretores são Nonato, à esquerda, e Wadi, à direita

Monte Alegre (Monte Alegre Futebol Clube – esse nome perdurou até 1951), perto da minha casa. O gosto pelo esporte, contudo, era dividido com o trabalho.

– Comecei a trabalhar cedo. Vendi jornais e cheguei a bater coco na Aliberti (Fábrica de Botões de Osso Aliberti).

Mesmo tendo de trabalhar, Sule arrumava tempo para a prática do futebol. O primeiro time em que jogou foi o Piratininga Futebol Clube, de Vila Barcelona (atual Bairro Barcelona). *Era um time amador, mas os jogadores eram experimentados. Eu tinha apenas 16 anos.*

Na adolescência, seu ritmo de vida era bastante intenso: trabalhava na Metalúrgica São Francisco, fazia Tiro

de Guerra, jogava futebol e arrumava tempo para frequentar os bailes da cidade.

Eu trabalhava na São Francisco. E aí apareceu para jogar no São Caetano (São Caetano Esporte Clube) (...) Depois fiz o Tiro de Guerra (...) De domingo fazia o Tiro, das sete da manhã até às onze e pouco, e então vinha de ônibus para jogar no juvenil do Monte Alegre (...) Eu comia um pãozinho com salsicha no Bar dos Compadres, na Avenida Goiás, e descia correndo para jogar no segundo time do São Caetano. Ganhava dez mil réis aqui. Ofereciam cinco mil réis a mais por gol. Levava 20 paus para casa. Era uma jóia! Depois eu largava o segundo time do São Caetano e ia jogar no primeiro do Piratininga (...) À noite, eu ia para o salão de bailes do Piratininga.

Como estava sobrecarregado de atividades, Sule deixou o Piratininga FC e o Monte Alegre FC e ficou jogando apenas no São Caetano EC. Assim foi até 1941, ano em que se transferiu para o SC Corinthians Paulista.

Mas eu era amador. No fim de 1941, eu fui para o amador do Corinthians. Em 1942 já veio o cam-

No dia cinco de Setembro de 1943, o quadro aspirante do Corinthians jogou contra o São Paulo Futebol Clube, no Estádio do Pacaembu, e foi derrotado por 2 X 1. A equipe do Corinthians: Russo, Valussi, Aldo, Pinto, Juper, General, Sule, Tino, Dinho, Eduardo e Walter. Sule é o quarto jogador agachado, da esquerda para a direita





No campo do Corinthians Futebol Clube de Santo André, os irmãos Lucas: Sule (à esquerda) e Sulinho – Afonso Lucas (à direita), ano de 1966



Fotos: Eduardo Lucas

Os irmãos futebolistas em duas épocas. Da esquerda para a direita: Eduardo Lucas (Sule); Lucas (também conhecido como Sulão), que foi goleiro do famoso São Caetano Esporte Clube em 1928, e Afonso Lucas (Sulinho). A foto é de 25 de Janeiro de 1948, e foi tirada no Clube Atlético Rhodia, quando dois dos irmãos defenderam a seleção santocandense de futebol amador

peonato de aspirantes (...) Guardo fotos daquela época (...) Tenho fotos do Teleco (...) Era no Parque São Jorge.

Eduardo Lucas jogou no time aspirante do SC Corinthians Paulista até 1945. No Corinthians o bom era o "bicho". Quando o aspirante ganhava do São Paulo ou do Palmeiras, o "bicho" era duas vezes o salário (...) Comprava terno, camisa. Em 1945, foi para o CA Rhodia, e, nesse mesmo ano, se casou.

Eu saí do Corinthians em Junho de 1945. Depois fui para o Rhodia e casei. Mesmo depois de casado continuei jogando bola.

Em 1948, o CA Rhodia enfrentou o São Caetano EC. Sule marcou dois gols na vitória do CA Rhodia sobre seu ex-time por 3X0. (Sulinho, irmão de Sule, também marcou um gol nessa partida.)

Jornal de São Caetano, 11 de Janeiro de 1948

Rhodia 3X0 São Caetano – Apesar de derrotado, o conjunto sancaetanense não foi inferior – Mesmo com o gramado em péssimo estado, a peleja não deixou de ser interessante –

Eduardo (2) e Sulinho, os marcadores – Os quadros – Juiz e preliminar.

Os gols de Sule foram descritos da seguinte maneira:

– Aos 26' do 2º período, Buccini, de posse do couro, na esquerda, finta Tonim junto à linha de fundo e chuta o balão cruzado em frente à meta. Auricchio estira-se e não consegue segurar o balão, que sobra para Eduardo pôr para as redes.

– Aos 44', Eduardo recebe um passe de Negrito na meia lua da área, ajeita o balão, e finaliza, sem que Auricchio possa defender.

O time do CA Rhodia que bateu o

São Caetano EC em 1948 era formado por Milton, Marcelo, Joãozinho, Horácio, Adelmo, Delaura, Waldemar, Negrito, Eduardo, Sulinho e Buccini.

Eduardo Lucas viveu a época do amadorismo no futebol. Jogava pelo prazer de jogar. Mesmo assim, teve carreira semelhante à de um jogador profissional. Ao sair do time de aspirantes do SC Corinthians Paulista, passou pelas cidades de Lençóis Paulistas, Batatais e Campinas. Nesta última, defendeu o Guarani FC. Ao retornar para o futebol do Grande ABC, jogou pelo São Caetano EC e pelo CA Rhodia. Encerrou a carreira em 1958, no CA Monte Alegre. (Essa agremiação, que até 1951 se chamava Monte Alegre Futebol Clube, nesse ano mudou o nome para Clube Atlético Monte Alegre.)

Parei de jogar bola com 36 anos. De brincadeira, porém, continuei jogando até os 50 anos (...) Comecei de centroavante, mas levava muita pancada dos beques. Quando ganhamos por 5 a 2 do Juvenil Vigor, joguei na meia-direita. Era melhor, pois a gente não se expunha a tanta falta (...) Mesmo quando jogava, sempre trabalhei com outras coisas. Fui auxiliar de vendedor, trabalhei na Swift, na GM, em supermercado, na Folha do ABC, na Folha de Utinga (...) Mas eu sempre fui mesmo é amante de todos os esportes. (Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.)

Jogo disputado no Parque São Jorge, em 1948, por ocasião da inauguração do Reservado para Imprensa e Rádio (não havia ainda a televisão). Equipe do Corinthians: Bino, Ariovaldo, Aldo, Peliciani, Juper, Valussi, Gomes, Timo, Sule (terceiro agachado da esquerda para a direita), Eduardinho e Manoel



Eduardo Lucas

Organizando o esporte

A trajetória de Humberto Ceccato, um dos mais importantes dirigentes esportivos da cidade

Sonia Maria Franco XAVIER (*)

Humberto Ceccato, natural de Amparo, interior de São Paulo, nasceu no dia 15 de Setembro de 1904. Veio para São Caetano em dez de Agosto de 1919. Sua vida no município foi totalmente dedicada ao esporte.

Alguns momentos de sua atuação em prol das atividades esportivas foram especialmente marcantes. Em 1922, tornou-se um dos fundadores do Flor do Mar, célebre clube de futebol do auge do amadorismo no ABC. Em 1930, participou da fundação da *Subliga Getúlio Vargas*, e então começou a escrever seu nome na lista dos mais importantes dirigentes esportivos da cidade. De fato, como se lê em Isto é São Caetano, publicação de 1952, a *Subliga Getúlio Vargas* deu início à organização do futebol na região ao elaborar, com



Em 15 de novembro de 1949, Humberto Ceccato, como primeiro presidente da Comissão Municipal de Esportes, oferece ao prefeito Dr. Ângelo Raphael Pellegrino, como presente de aniversário, uma coleção de discos

11 clubes, os campeonatos disputados entre 1942 e 1944. Em 1945, devido a alguns desentendimentos, houve paralisação.

Em 1946, escreve o jornalista Marius, no artigo da revista *Isto é São Caetano*, após radical reorganização e reintegração de novos elementos locais como Luiz Mantovani, Ditinho Laranjeira, Silvério Manile, José Giardullo, José Bittencourt, Lauro Garcia, Humberto Ceccato, José Del Poente e outros, foi possível realizar o campeonato.

Em 1948, segundo o jornalista, Humberto Ceccato assumiu a presidência da liga, e, em razão da grande quantidade de equipes filiadas, foi obrigado a organizar dois campeonatos.

A *Subliga Getúlio Vargas*, contudo, era subordinada à *Liga Santoandreense*, e portanto não se tratava de entidade completamente autônoma. Insatisfeitos com essa condição, os sancaetenses iniciaram o chamado



Foto de 1949, por ocasião do título de campeão da segunda divisão, pelo São Caetano Esporte Clube, em sua respectiva chave. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Luiz Mantovani, Benedito Moura Branco, Humberto Ceccato, Dr. Ângelo Raphael Pellegrino e o juiz de futebol Centelhas



Em 1949, Humberto Ceccato homenageia Oswaldo Brandão, no campo do São Caetano Esporte Clube

Movimento Autonomista Desportivo, através do qual se desligaram do comando de Santo André. Em 1949, era criada a Liga Esportiva de São Caetano do Sul.

O calendário marcava Março de 1949, quando a LESCO, sob a orientação do sr. Luiz Mantovani (...) [Luiz Mantovani] *chefiou a nova Liga, tendo como colaboradores os srs. Humberto Ceccato, Ricieri Franzim, José Del Poente, Paulo T. Barbosa e José Maria.*

A nova entidade organizou três campeonatos: divisão principal, primeira divisão e divisão matinal.

Em 1952, uma nova diretoria passou a comandar a liga. O Jornal de São Caetano, no dia 18 de Março de 1952, relatou o fato:

A solenidade da posse da nova diretoria da LESCO contou com a presença de autoridades municipais (...). A diretoria ficou assim constituída: presidente, Francisco Batista dos Santos; vice-presidente, Humberto Ceccato; secretário geral, H. Rodrigues Costa; primeiro se-

cretário, Alberto Keller; segundo secretário, Nickford Terpam; primeiro tesoureiro, Paulo de Tarso Barbosa; segundo tesoureiro, Otávio Fiorotti.

A Liga de Esportes procurava organizar e harmonizar as disputas esportivas da cidade. Com efeito, tratava-se de um trabalho necessário, já que a rivalidade entre os clubes era causa constante de brigas e tumulto. Sob o título *Moralizemos o esporte*, o *Jornal de São Caetano* de nove de Agosto de 1952 publicou reportagem sobre a questão:

A fim de darmos assistência aos atletas locais, Domingo p.p., em conjunto com o sr. F.B. dos Santos e H. Ceccato, altos paredros da Liga, tivemos visitando os campos de futebol, e com pesar deparamos com cenas deveras degradantes. Somado os acontecimentos destes últimos tempos, concluímos que nosso futebol está péssimo, uma vez que no decorrer de três semanas foram verificados nada

menos do que sete agressões (...). Fazemos pois um apelo aos srs. Presidentes dos Clubes e aos srs. Diretores de bom senso, para que possamos, em conjunto, sair vencedores nesse movimento que visa moralizar o Esporte local.

Durante a primeira administração da cidade, chefiada pelo prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, foi criada a Comissão Municipal de Esportes. A liga de futebol, embora devesse resolver somente problemas relativos a esses esporte, passou a ser parte integrante da Comissão. Humberto Ceccato, que muito havia feito pelo futebol, também pôde ajudar os demais esportes do município, já que estava vinculado à Comissão Municipal de Esportes e chegou mesmo a presidi-la.

A última grande contribuição de Humberto Ceccato ao esporte, contudo, não foi atuando como dirigente, e sim como memorialista. De fato, em 1988, o esportista doou ao Museu Municipal um álbum com fotos de times e jogadores antigos de São Caetano do Sul. Ademir Medici, em sua coluna no *Diário do Grande ABC*, registrou o fato no dia sete de Janeiro de 1988.

...E como grande contribuição à memória do futebol está doando ao Museu Municipal um álbum riquíssimo com fotos de grandes times e jogadores da sua cidade. Mais uma ajuda de Ceccato ao futebol.

Humberto Ceccato faleceu no dia 17 de Fevereiro de 1994.

(*) Sônia Maria Franco Xavier é professora de filosofia e de história, foi diretora do Museu Histórico Municipal, e, atualmente, é presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Panorama ABC



A produção cultural da região do ABC, da década de 1970 até os dias de hoje, foi o enfoque do evento *Panorama da Arte Contemporânea no ABC*, exposição e ciclo de palestras que a Fundação Pró-Memória de São Caetano, através da Pinacoteca

Municipal, promoveu de 31 de Julho a 20 de Novembro.

A exposição denominada *30 anos de Arte* apresentou um panorama das Artes Plásticas através das obras de oito artistas da região do ABC, produzidas nas décadas de 1970, 1980, 1990, e até mesmo de alguns trabalhos mais recentes.

Ao todo foram expostas 59 obras dos artistas Hans Suliman Grudzinski, Ricardo Amadasi, Paulo Chaves, Luiz Sacilotto, Lúcio Pegoraro, João Suzuki, Agenor dos Santos e Oswaldo Hernandez. Alguns deles são naturais de cidades do Grande ABC, outros moraram ou moram na região há muito tempo. Dentre os oito, Sacilotto, Paulo Chaves, Agenor e Grudzinski já morreram.

Apesar de apresentarem técnicas e formas de expressão diferentes, os artistas são expoentes das Artes Plásticas, e já participaram de bienais e importantes exposições nacionais e internacionais.

E com o objetivo não só de mostrar, mas também de promover uma reflexão em torno do que foi produzido na região durante as últimas décadas, enfocando todas as manifestações artísticas, a programação do evento incluiu ainda o ciclo de palestras *30 anos de Cultura*. Em palestras semanais, foram discutidos temas como cinema, música, artes visuais, teatro, jornalismo cultural e memória.

O jornalista Daniel Lima abriu o ciclo no dia seis de Agosto. O editor da revista Livre Mercado apresentou um Panorama Cultural do ABC. O segundo convidado, o jornalista e crítico teatral José Armando da Silva Pereira, apresentou o tema Teatro, no dia 13 do mesmo mês. No dia 20, foi a vez do mestre em História e professor de História Antiga da Universidade do Grande ABC, José Odair da Silva, discutir sobre Memória. O tema Música foi apresentado pelo ator Milton Andrade, no dia 27.

Em Setembro, a programação teve início no dia três, com o tema Artes Visuais, apresentado por Paula Caetano, coordenadora da Casa do Olhar de Santo André. Antônio Andrade, crítico de cinema e professor de História do Cinema na Universidade Metodista de São Paulo, conversou com os participantes sobre Cinema no dia 10. Encerrando o Ciclo de Palestras *30 Anos de Cultura*, no dia 17, o jornalista Ricardo Ditchun, editor de Cultura & Lazer do Diário do Grande ABC, falou sobre Jornalismo Cultural.

Nova Reserva Técnica na Pinacoteca

A nova reserva técnica da Pinacoteca Municipal já está em funcionamento. A Vitae, uma associação civil que apóia projetos nas áreas de cultura, educação e promoção social, aprovou projeto da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em Abril deste ano, para o aprimoramento da reserva técnica da Pinacoteca Municipal. Outras 37 instituições do



país também foram beneficiadas, mas a Fundação foi a única da região do ABC.

O Programa de Apoio a Museus da Vitae visa beneficiar museus brasileiros mantidos por instituições sem fins lucrativos, no sentido de desenvolver ações museológicas nas áreas de preservação, documentação, exposições de longa duração e projetos educativos.

As obras do acervo da Pinacoteca estavam guardadas em estantes de aço adaptadas com divisórias feitas de fio de aço encapado. As novas instalações adequaram a reserva técnica aos padrões estabelecidos internacionalmente para a guarda e conservação das obras que não estiverem em exposição. Foi adquirido um conjunto de 20 trainéis deslizantes para acondicionar adequadamente o acervo, otimizando a utilização do espaço.

Outro aspecto do projeto é a aquisição de um aparelho termohigrógrafo para monitoramento mais acurado das condições climáticas do ambiente, o que permite um maior controle da situação de conservação do acervo ao longo do tempo.

Exposições

Retratos de Casamento

De 20 de Maio a primeiro de Junho, fotografias e objetos de antigos casamentos ficaram no Shopping ABC, em Santo André, na exposição *Retratos de Casamento*, produzida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, especialmente para homenagear o mês das noivas.



O romantismo do casamento foi lembrado por reproduções fotográficas de uniões realizadas entre as décadas de 1910 e 1980. O vestido de noiva, a maior atração da cerimônia, pôde ser visto de perto. Sete modelos fizeram parte da mostra, desde um simples, de 1923, passando por um mais pomposo, usado em 1955, chegando a um vestido um pouco mais moderno, de 1985, com todas as características da época. Dentre os objetos, estiveram expostos ainda peças de enxovais, acessórios utili-

zados em casamentos (como luvas e grinaldas) e lembrancinhas de diversas cerimônias.

Rádios para Olhar

Composta por 19 aparelhos radiofônicos, a mostra *Rádios para Olhar*, que ficou em cartaz no Museu Histórico Municipal de 12 de Junho a 12 de Julho, revelou como eram os modelos de rádio do passado. As datas dos aparelhos variam de 1933 a 1950. Mas, apesar da idade avançada, alguns deles ainda funcionam. Todos os rádios, desde os modelos de mão até os chamados “rádios de sala”, fazem parte do acervo do museu.



Candel'Arte

Na mesma semana do lançamento da revista Raízes número 27, que teve como tema principal os 50 anos da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, a Fundação Pró-Memória abriu a exposição *Candel'Arte*. Misturando arte e história, a mostra reuniu obras dos artistas plásticos Aleksandro Reis, André Motta, Eden Coppini, Edson Raposeiro, Isaura Rodrigues Donatti, Paulo Boldrini, Olinda G. Metran e Wilmar Gomes, além de objetos antigos utilizados na igreja desde sua criação.



A peça mais antiga em exposição foi um porta-estandarte de 1932. Mas ainda foi possível apreciar um missal (livro com textos das missas) datado de 1944, os primeiros livros de registro de casamentos, batismos e crismas da paróquia (início da década de 1950), paramentos de várias cores (utilizados na década de 1960), almofadas de altar, fitas de diversas congregações, castiçais, estolas e vários outros utensílios que fizeram parte da paróquia. A exposição ficou no Salão Paroquial da Igreja de 22 de Junho até quatro de Abril.

Mário Romano, massagista: mãos que fizeram história

De 22 de Julho a 30 de Setembro, o Museu Histórico Municipal contou a história dos 50 anos de carreira de um “perna-de-pau com mãos de ouro”, na exposição Mario Romano, massagista: mãos que fizeram história.



Apesar de ser apaixonado por futebol, Mário Romano fez história com as próprias mãos. Falecido em Outubro do ano passado, Romano acumulou um enorme acervo de flâmulas, troféus, fotografias, recortes de jornais, faixas, medalhas, documentos, camisas e souvenirs, lembranças dos vários títulos conquistados em campeonatos de basquete e futebol dos quais participou. Todo este material integrou a exposição, de objetos colecionados desde 1952.

Apesar de ser apaixonado por futebol, Mário Romano fez história com as próprias mãos. Falecido em Outubro do ano passado, Romano acumulou um enorme acervo de flâmulas, troféus, fotografias, recortes de jornais, faixas, medalhas, documentos, camisas e souvenirs, lembranças dos vários títulos conquistados em campeonatos de basquete e futebol dos quais participou. Todo este material integrou a exposição, de objetos colecionados desde 1952.

Pessoas Memoráveis – 126 Anos dos Sul-Sancaetanenses

Para comemorar o aniversário de São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória firmou uma parceria com o SESC São Caetano.



O resultado foi a exposição *Pessoas Memoráveis – 126 Anos dos Sul-Sancaetanenses*, que ficou no SESC de 23 de Julho a 16 de Agosto. O elemento humano foi o foco da mostra, abordado através de fotografias e objetos originais pertencentes às famílias dos primeiros imigrantes que chegaram à cidade, vindos da Itália, em 1877 e 1887.

As fotos eram do acervo do Centro de Documentação da Fundação Pró-Memória, e os objetos do Museu Histórico Municipal. Fotos atuais, de descendentes dessas famílias, integraram a mostra, mesclando o ontem e o hoje.

Desenhos das Crianças do Brasil e do Mundo

A exposição *Desenhos das Crianças do Brasil e do Mundo* marcou a reabertura do Salão de Exposições da Fundação Pró-Memória,



no dia 12 de Agosto. A mostra foi resultado de uma parceria entre a Fundação e a Associação Soka Gakkai Internacional. Este projeto, idealizado pela Associação SGI, tem o objetivo de despertar as gerações futuras para sentimentos positivos, como esperança, confiança, paz e felicidade, além de divulgar a criatividade e o grande potencial das crianças e sua visão com relação ao futuro.

Estiveram na exposição trabalhos produzidos por 450 crianças de 108 países do mundo, incluindo o Brasil. As obras foram reunidas através de um concurso realizado em 1994 pelo Ministério da Educação e do Desporto, em conjunto com a Associação Brasil SGI. A exposição ficou em cartaz no Salão de Exposições até o dia 31 de Agosto.

Uma história portuguesa. Com certeza!

Pesquisas históricas indicam que em 1870, antes da chegada dos italianos, a portuguesa Deolinda Maria da Conceição já morava nestas terras. Por volta de 1920, outro português ganhou destaque em São Caetano. O curandeiro Vicente Rodrigues Vieira conquistou centenas de pessoas com suas “rezas”.



Baseada nesses fatos, a exposição *Uma história portuguesa. Com certeza!*, produzida pelo Museu Histórico Municipal, reúne objetos como ferramentas fabricadas por portugueses, peças de cristal da Cristaleira Sul-americana e porcelanas das Fábrica de Louças Adelinas e Porcelanas Teixeira (indústrias de propriedade de portugueses), e um traje por-

tuguês da década de 1930. Além disso, fotografias mostram famílias portuguesas e os primeiros imigrantes. A mostra foi montada com objetos do acervo do Museu e também com peças emprestadas pela Sociedade Portuguesa de Beneficência, mantenedora do Hospital Nossa Senhora de Fátima, em São Caetano.

A exposição fica no Museu Histórico Municipal de 25 de Outubro a 17 de Janeiro de 2004.

Cenas da Cidade e Microcosmo

As exposições Cenas da Cidade e Microcosmo são as atrações do Salão de Exposições da Fundação Pró-Memória, de 17 de



Novembro a 16 de Janeiro de 2004. Cenas da Cidade resgata vários fragmentos da história de São Caetano do Sul, cenas simples do cotidiano dos moradores da cidade, em fotografias do início do século passado. A exposição é dividida em temas como famílias, homens, mulheres, crianças, ruas, casas, momentos da música, da educação, do esporte e do trabalho na cidade. A intenção é revelar diversos aspectos e momentos da vida das pessoas e de São Caetano. As 41 imagens da mostra são do acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória.

Já a exposição Microcosmo, do fotógrafo Valdemir José Martin, retrata o pequeno universo de plantas, flores e insetos, através da macrofotografia. As 30 fotografias formam um rico espetáculo de formas, cores e texturas, que mostra, bem de perto, abelhas, borboletas, aranhas, grilos,



joaninhas, besouros, lagartas, formigas, taturanas, vespas e outros insetos, dentro de uma dimensão que está fora do alcance dos olhos.

Publicações

Revista Raízes 27

A comemoração dos 50 anos da Paróquia Nossa Senhora da Candelária foi o tema principal do número 27 da revista *Raízes*,



lançado no dia 29 de Junho, na Paróquia Nossa Senhora da Candelária. Além da homenagem ao jubileu de ouro da Paróquia, o tema religião está presente em artigos sobre a Igreja Presbiteriana Filadélfia e o Espiritismo (União das Sociedades Espíritas de São Caetano do Sul).

Nos artigos, diversos períodos históricos da cidade foram retratados: a fazenda dos monges beneditinos, as primeiras mulheres, a ferrovia The São Paulo Railway, o cotidiano das famílias entre os anos 30 e 60 e a industrialização, com destaque para a fábrica de chocolates PAN e para a Indústria de Ferros Elétricos Tupy.

Na seção Personagens, *Raízes* apresenta o perfil de pessoas como Armelindo Antonio, ex-funcionário da Prefeitura. Em Entrevistas, moradores antigos como Aurélia Müller, imigrante iugoslava há 50 anos na cidade, contam sua história.

O Imaginário na Imigração Italiana

No dia 28 de Agosto, a Fundação Pró-Memória lançou o livro *O Imaginário na Imigração Italiana*, do sociólogo José de Souza Martins. O lançamento aconteceu na Câmara Municipal de São Caetano do Sul, durante sessão solene que outorgou o Título de Cidadão Emérito ao autor.



O livro reúne quatro ensaios que enfocam diferentes aspectos da imaginação do imigrante italiano, tendo como referência

o Núcleo Colonial de São Caetano. Os textos deixam de lado os elementos fatuais do processo migratório e mostram as esperanças, a expectativa, o drama por que os italianos passaram em sua vinda para um país desconhecido.

A intenção de Martins é mostrar a imigração italiana, não como um fenômeno demográfico, mas como um processo dramático e fantasioso, do qual o sonho também faz parte. As relações sociais da época, a adoção do imigrante pela sociedade e a luta pela sobrevivência também são enfocadas.

—Eventos e Acontecimentos—

XI Festa Italiana

Em meio ao festival de comida e música, as grandes atrações da XI Festa Italiana, a Fundação Pró-Memória recebeu em seu estande exposição com imagens do fotógrafo Alexandre Yort. Foram exibidas 32 fotografias que retratam a São Caetano de hoje, através de seus monumentos, edifícios e festas populares.



Caminhada Cívica de Sete de Setembro

A Fundação Pró-Memória participou mais uma vez da Caminhada Cívica promovida pela Prefeitura Municipal no dia sete de Setembro.



Desta vez, o tema girou em torno das principais correntes migratórias presentes na cidade. Italianos, espanhóis, alemães, ucranianos, portugueses, japoneses e libaneses foram representados por verdadeiros descendentes das famílias, vestidos em trajes típicos. Além disso, banners com fotografias de famílias imigrantes também fizeram parte do desfile.

Visita da Torcida Bengala Azul

No dia 30 de Setembro, a exposição *Mário Romano, massagista: mãos que fizeram história* recebeu a visita da Torcida Organizada Bengala Azul, presidida por Agostinho Folco. Fãs incondicionais do time de futebol da Associação Desportiva São Caetano, os torcedores não poderiam deixar de prestigiar a mostra que homenageou o massagista esportivo Mário Romano.



Visita do radialista Fiori Giglioti ao Museu Municipal

O radialista Fiori Giglioti visitou o Museu Histórico Municipal no dia primeiro de Outubro para ver de perto a exposição



Mário Romano, massagista: mãos que fizeram história. O massagista Mário Romano trabalhou no time Escretes do Rádio, que foi criado por Giglioti em 1963. Formada por radialistas, jornalistas e convidados, a equipe realizou mais de 400 apresentações durante 32 anos de atividade.

Fiori Giglioti trabalhou durante 38 anos na Rádio Bandeirantes, cinco na Rádio Pan-Americana (hoje Jovem Pan), e está na Rádio Record desde 1996. Já transmitiu dez Copas do Mundo, e é ainda hoje considerado um dos principais locutores esportivos do rádio brasileiro.

A Segunda Caminhada da Memória e os 55 anos da Autonomia

Em 2001, a Fundação Pró-Memória criou o Projeto Caminhos da Memória, com o objetivo de aproximar a história de São Caetano de seus moradores, de modo a incentivar a valorização do patrimônio



cultural da cidade. A primeira iniciativa do projeto foi o levantamento dos principais pontos históricos localizados nos bairros de São Caetano. O passo seguinte seria levar a população para perto desses lugares.

Foi então que, no dia sete de Abril do ano passado, mais de 300 pessoas participaram da *Primeira Caminhada da Memória de São Caetano do Sul*, um passeio histórico, que uniu atividade física ao conhecimento cultural. Foram visitados pontos como: Museu Histórico Municipal, Indústrias Reunidas Matarazzo, Igreja São Caetano (Matriz Velha), Escola Estadual Senador Fláquer, Rua Perrella, Estrada de Ferro, Viaduto dos Autonomistas, Igreja Matriz Sagrada Família e prédio da Câmara Municipal.

Em 2003, a Fundação Pró-Memória revisitou a história promovendo a segunda edição do evento, no dia 19 de Outubro. Cerca de 500 pessoas estiveram presentes a essa passeata, que passou por



nove pontos. Em parceria com o Departamento de Esportes e Turismo, o passeio contou ainda com uma aula de ginástica gratuita e com sorteio de prêmios.

A *Segunda Caminhada da Memória* levou a população a conhecer os seguintes pontos, selecionados a partir de sua importância histórica ou arquitetônica: Árvore da Amizade (Jardim Primeiro de Maio), que foi plantada durante a visita a São Caetano de Paul Harris, fundador do Rotary Club Internacional; Indústria de Porcelanas Teixeira (Rua Major Carlo Del Prete, 1177), fundada em 1940 e ainda em atividade; Capela dos Cavana (Rua Luiz Cavana, s/nº), construída em homenagem a Santo Antônio e preservada pela família Cavana desde 1893; Edifício Vitória (Rua Baraldi, 743), inaugurado em 1953 e que já foi sede de Prefeitura e da Câmara Municipal; Loja Maçônica Fraternidade São Caetano (Rua José do Patrocínio, 288), a primeira loja construída no



ABC; o prédio onde funcionou a Rádio Cacique (Rua Santa Catarina, 97), que foi a mais importante emissora do ABC no início dos anos 60; Edifício Fortaleza (Rua Santa Catarina, 25), construído na década de 1940; Sociedade Religiosa Israelita (Rua Pará, 67), inaugurada em 1950; e o prédio onde funcionou a primeira Prefeitura Municipal (Rua Baraldi, 1039), entre 1949 e 1953.



Mas o projeto Caminhos da Memória não contempla somente a visita aos pontos históricos. Esses locais foram identificados para o público através da instalação de uma placa de sinalização. As placas, confeccionadas em azulejo branco e azul, lembrando as antigas cerâmicas confeccionadas em São Caetano, trazem um pequeno histórico do local e têm os seguintes dizeres: “Bem Cultural de Interesse Histórico”.

Ainda faz parte do Projeto a produção de exposições históricas que fazem referência aos pontos assinalados. Já foram produzidos 20, banners que a Fundação Pró-Memória inclui em seu roteiro de exposições itinerantes, proporcionando a um maior número de pessoas a oportunidade de conhecer melhor nossa história.

AUTONOMIA - Como no dia 24 de Outubro. São Caetano completou 55 anos de emancipação política e administrativa, a *Segunda Caminhada da Memória* foi dedicada aos autonomistas, pessoas que participaram do movimento pela autonomia da cidade.

Numa cerimônia que contou com a presença do vice-prefeito, Dr. Sílvio Torres, do presidente da Câmara Municipal, Dr. Paulo Pinheiro, do diretor do Departamento de Assuntos Jurídicos, Dr. João da Costa Faria, do diretor do Departamento de Esportes e Turismo, Walter Figueira, e do assessor jurídico, Dr. Antônio Gusman, a Fundação Pró-Memória prestou uma homenagem especial aos autonomistas presentes.

Éttore Dal’Mas, Jayme da Costa Patrão, Nelson Infanti, Mário Porfírio Rodrigues, Lauro Garcia e Mauro Corvello (representado pela filha Sueli Corvello) receberam, cada um, uma placa com a seguinte inscrição: “São Caetano do Sul, hoje a primeira cidade do Brasil em qualidade de vida, é infinitamente grata a você, autonomista, cuja bravura e determinação a conduziram em seus primeiros passos para o sucesso!”.

ta, cuja bravura e determinação a conduziram em seus primeiros passos para o sucesso!”.

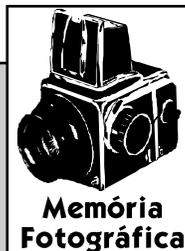
Espaço Expositivo no Espaço Verde Chico Mendes

Desde o dia oito de Novembro, a Fundação Pró-Memória conta com um novo espaço para exposições. Em uma sala de aproximadamente 35 metros



quadrados, construída no Espaço Verde Chico Mendes, já está funcionando mais um local que será um ponto de referência da história local. Para a inauguração, foi montada a exposição Chico Mendes: o buracão que virou espaço verde, que conta a história do parque desde quando o local era apenas fonte de argila para as indústrias de cerâmica.

Paula Fiorotti é jornalista, pós-graduada em Comunicação Empresarial e Relações Públicas



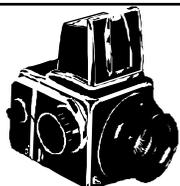
Fotos: Fundação Pró-Memória

A entrada principal de São Caetano do Sul, em 1968, na divisa com o Município de São Paulo (Avenida Delamare), era inundada pelas enchentes do Rio dos Meninos. Em 2000, uma nova entrada foi construída. Moderna e futurista, a construção visava a marcar o início do século XXI. No local também foi construída uma praça, no intuito de dar vazão ao intenso tráfego de veículos entre os dois municípios. Essa obra marcou a administração do prefeito Luiz Olinto Tortorello na virada do século



A Escola Estadual Joana Motta sofreu grande transformação para a adaptação de suas instalações às novas tecnologias de informática no ensino básico. Na administração do prefeito Luiz Olinto Tortorello, a escola ganhou um novo auditório e foi amplamente modernizada





Memória Fotográfica

Fotos: Fundação Pró-Memória

Ontem



O Teatro Paulo Machado de Carvalho, inaugurado em 1968, necessitava de uma grande reforma a fim de atender às novas exigências do público no que se referia a espetáculos teatrais e musicais de alto nível. Devido a essa necessidade, as duas últimas administrações do prefeito dr. Luiz Olinto Tortorello não mediram esforços para transformar o antigo teatro em uma casa de espetáculos à altura das exigências contemporâneas do povo sancaetanense

Hoje



Ontem



Em São Caetano, no início do século XXI, os prédios que abrigavam os antigos postos de puericultura, como por exemplo o Posto Nair Spina Benedectis, foram obrigados a passar por ampla e profunda reforma a fim de acolher as Unidades Básicas de Saúde (UBS), destinadas a tratar com mais eficiência os problemas de saúde do povo sancaetanense. Na administração do prefeito Luiz Olinto Tortorello, esses prédios adquiriram aspecto moderno, sem perder a tradição de um bom atendimento às crianças e gestantes da cidade

Hoje





Fotos: Fundação Pró-Memória

A modernização das escolas estaduais de ensino básico em São Caetano exigiu ampla reforma e reestruturação dos prédios antigos para a adaptação de laboratórios de informática, como ocorreu com a EE Rosalvito Cobra. O prefeito Luiz Olinto Tortorello, consciente dessa responsabilidade, reformou esta e outras escolas do município no intuito de facilitar o ensino de novas matérias pedagógicas para atender as exigências da vida moderna



1 – O pátio externo da Faculdade de Engenharia Mauá serviu de estacionamento para a primeira turma de estudantes da instituição. Ao fundo, o Bairro Rudge Ramos, de São Bernardo. Ano de 1968



2 – A Rua Margarido Pires foi transformada, na década de 70, em um trecho da Avenida Goiás, localizado entre a Avenida Roberto Simonsen e a Avenida Guido Aliberti. As casas à direita foram demolidas para a duplicação da Avenida Goiás. À esquerda, ao fundo, antigas instalações da Metalúrgica São Francisco, hoje desativada. No terreno vazio, à esquerda, hoje estão localizadas a agência do INSS, a Delegacia Policial e a cadeia pública

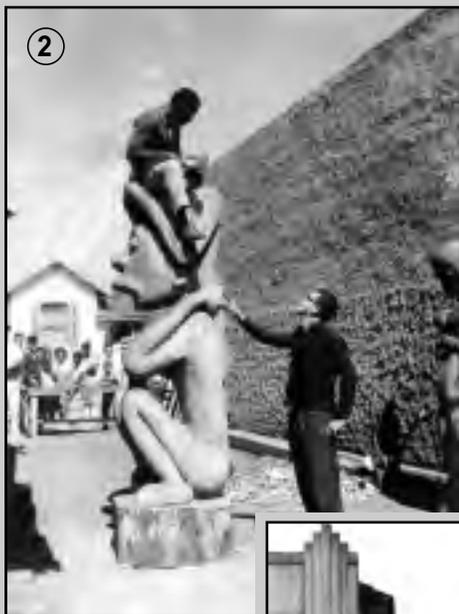


Memória Fotográfica

Fotos: Fundação Pro-Memória



1 – Esquina da Rua Oswaldo Cruz com a Rua Ingá, perto do início da Rua Visconde de Inhaúma, Bairro Oswaldo Cruz. À direita, o antigo armazém de João Castaldelli, que mais tarde se transformaria nos Supermercados Joanim. No centro, o Nosso Bar, que servia de ponto de encontro dos jogadores de futebol do 7 de Setembro Futebol Clube. Início dos anos 70, época do recapeamento e do alargamento das ruas do bairro



2 – O escultor Agenor Francisco dos Santos, observado por Alcício Strabelli (do Departamento de Comunicações da Prefeitura), finalizava, na Fundação das Artes, uma de suas obras de madeira. Década de 70



3 – Portaria da primeira garagem da Prefeitura de São Caetano do Sul, no início da década de 50, localizada na Rua Santa Rosa. Hoje o local está ocupado pelo Departamento de Água e Esgoto – DAE



Família de Maurício Moura de Freitas

4 – Em 1969, um programa de televisão promovia uma disputa chamada Cidade X Cidade. Na ocasião, São Caetano do Sul disputou o título com a cidade de Nova Granada, e venceu. O 1º aniversário do Cidade X Cidade foi comemorado nesse ano, e o cenário do programa foi montado e executado por Maurício Moura de Freitas (assinalado na foto), morador de São Caetano

1 e 2 – Boletim Escolar de João Trovo, ex-aluno da antiga Escola São José, atual Instituto de Ensino Sagrada Família. O documento, assinado em 30 de Novembro de 1942 pelo professor Jácomo Benedetti e pelo diretor Verino Segundo Ferrari, registrou as notas e o comportamento do estudante.

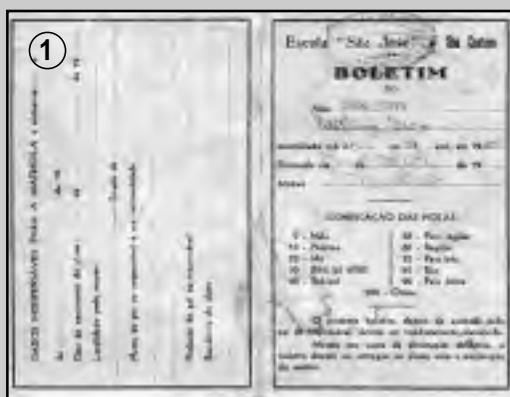


Foto: João Trovo



3 – Crianças na Rua Alagoas, em 1936. Da esquerda para a direita: Jorge Netzer, Maria, (?), e Carlos Netzer. O ciclista é Jacó Netzer, tio das crianças. Este trecho da Rua Alagoas fica entre a Rua Senador Vergueiro e a Rua Major Carlo Del Prete - Bairro Centro



Fundação Pro-Memória

4 – Em 1947, o Serviço Social da Indústria (SESI) possuía 47 postos de abastecimento na capital e 50 no interior para a comercialização de gêneros alimentícios a preços baixos. Nesse ano, foi inaugurado o Posto de Abastecimento nº 13, localizado na Rua Santa Catarina, 149, em São Caetano do Sul, perto da sede do Círculo Operário. Padre Ézio Gislumberti, entre outras autoridades municipais, presenciou o evento



Fundação Pro-Memória



Memória Fotográfica



Vera Lúcia Fedato Monari

1 – Casamento de Cândida Massei Fedato e Carlos Fedato. As damas de companhia são: Antonieta Maffei, Argentina Maffei, Rosa Fedato, Ana Fedato, Norma Marcuchi, Edméia Marcuchi, Dolores Miotelo (Massei), Rosa Miotelo, Maria Helena, Margarida Sarapica, Laura Garcia, Neide Grandine, Cida Fedato, Leonor Piotto, Geni Piotto, Dulce Grandine e Angélica Piotto



Fundação Pro-Memória

2 – Em Maio de 1974, a diretoria do São Caetano Esporte Clube, sob a presidência de Clemente Ferreira, homenageou os atletas do clube, campeões paulistas de basquetebol de 1948, categoria aspirantes. Da esquerda para a direita: Ovídio Perrella, Walter Silva Pinto, Miguel Batista Gonçalves, Armando Marconi, Desidério Signori, Jaime "Galo" Pereira, Dércio Silva, Losch Garcia, Francisco Dias Bastos e Celidônio Garcia



Album de São Bernardo

3 – O Monte Alegre Football Club foi fundado em 20 de Maio de 1917 por um grupo de jovens. Entre esses jovens encontravam-se João Grigoletto, Alberto Grigoletto, Manuel da Silva, José Crispim, João Longo, os irmãos Carlos e José Perim, Felipe Testa, Domingos Saleti e João Molinari. Sob a luz dos lampiões da vendinha do sr. Busili, após inúmeras sugestões, surgiu o nome do clube. O campo estava localizado entre as ruas Bahia (atual José Benediti), Piauí, Minas Gerais (atual Rio Grande do Sul) e Monte Alegre. Em 1951, o Monte Alegre Football Club deu lugar ao Clube Atlético Monte Alegre, que disputou a 3ª divisão de futebol profissional do Campeonato Paulista (1963 a 1966). Ano de 1937



Fundação Pro-Memória



4 – Esta propaganda de um banco de investimento, publicada na revista *Realidade* na década de 70, mostra as instalações industriais de duas metalúrgicas de São Caetano do Sul (já demolidas). Em primeiro plano, a Mineração Geral do Brasil (depois SAAD), e no meio a fundição das Indústrias Villares

Instruções para a remessa de artigos

- 1 - A revista está aberta à colaboração de pesquisadores e memorialistas da História do ABC paulista vinculados ou não a instituições públicas e privadas;
- 2 - Os artigos devem ser enviados à Fundação Pró-Memória, e serão apreciados e selecionados pelo Conselho Editorial da Revista *Raízes*;
- 3 - Em artigos de caráter histórico, deverá constar no próprio corpo do texto, ou em notas de rodapé, a bibliografia utilizada;
- 4 - A Fundação Pró-Memória se reserva o direito de revisar os artigos, quando necessário, para adequá-los ao nosso estilo de publicidade;
- 5 - A Fundação Pró-Memória se reserva o direito de escolher imagens quando não houver sugestão ou remessa por parte do articulista ou quando as imagens sugeridas não puderem ser utilizadas por problemas de origem etc.;
- 6 - Originais encaminhados à revista não serão devolvidos, com exceção de fotografias.
- 7 - Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores, e não refletem, necessariamente, a opinião da revista;
- 8 - Os autores de artigos selecionados terão seu texto publicado na Revista *Raízes* e receberão cinco exemplares do número em que seus trabalhos forem publicados;
- 9 - Os artigos selecionados podem ser publicados em qualquer número da Revista *Raízes* com notificação prévia aos autores.

O endereço para postagem é:

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 - 09541-520 São Caetano do Sul - São Paulo - Fones: 4221-9008 e 4221-7420

raizes@fpm.org.br

Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, 122 -
Fundação

Telefone: 4229-1988

*“Aquele que
conhece o
passado,
sabe o que quer
no presente,
e o que
pretende no
futuro”*



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul



Sede Administrativa

**Centro de
Documentação
Histórica**

Pinacoteca Municipal

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 -
Santa Paula
Telefones: 4221-9008 /
4221-7420

FFPVI

600

1970

2003

são caretano do sul

ISSN 1415-3173